

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**JOVENS NO MUNDO DO TRABALHO: EDUCAÇÃO E RENDA EM UMA
SOCIEDADE LÍQUIDA**

ERONDINA SANTOS DE ARAUJO

**Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do grau de Mestre
em Educação.**

ORIENTADOR: PROF. DR. LUIZ CAVALIERI BAZÍLIO

**Rio de Janeiro
Agosto/2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Dedico este trabalho a meu querido e estimado avô Antônio O. de Araújo (in memoriam) pela infância maravilhosa que me proporcionou. É a minha sustentação.

Ao amigo de todas as horas Levy de C. Ribeiro pela paciência, afeto, carinho e confiança. A maior lição que aprendi com você: Acreditar acima de tudo.

Aos amigos Ana Maria V. da Silva e Antônio José V. da Silva pelo carinho dedicado a mim durante todos esses anos.

Ao mestre e amigo Luiz C. Bazilio pela dedicação e profissionalismo com que conduziu esta pesquisa. Você é uma referência.

Ao mestre e amigo Olinto Pegoraro pela humildade e sapiência ao transmitir os conteúdos filosóficos. Suas aulas emocionam e ampliam nossa imaginação.

Agradecimentos:

A Deus e a todas as forças do universo que me conduziram até aqui.

Às amigas superpoderosas Ana Cristina S. Carneiro e Mônica Muller. O curso de Filosofia não seria o mesmo sem vocês.

Aos professores do curso de Filosofia e Ciências Sociais da UERJ. Em especial: Rosa Dias, James Areas, Luiz Bernardo e Carlos Eduardo. Os debates e as leituras geraram várias idéias.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ. Em especial: Rita Ribes, Vera Vasconcelos, Maria Oswald, Miriam Paúra e Walter Kohan.

Á companheira de mestrado Ana Maria Pinto por suas dicas valiosas. Sua organização foi fundamental.

Aos amigos: Priscila Bazilio, Gabriela Cândido, Neuza Fonseca, Maristela, Cristina, Ângela Bretas e Eduardo Quintana. Ganhei uma nova família.

Aos profissionais da Associação Beneficente S. Martinho. Em especial: Projeto Mundo do Trabalho: Rejane, Daniele, Luciana, Simone, Eliane, Norma, Arnaldo, Verônica, Regina Célia e Luiza.

Aos adolescentes inseridos no Projeto Mundo do Trabalho. Foi uma experiência gratificante.

Às amigas Aparecida Freitas e Cissa. Persistência e dedicação. Este é o nosso lema.

Aos tios: Amauri V. de Araújo (in memorian), João V. de Araújo e Athaisis V. da Silva.

Meus eternos cães: Hércules (in memorian), Dick (in memorian), Ice (in memorian), Raya (in memorian), Tayga (in memorian), Aysa e Cristal. Com eles aprendi o sentido da palavra amizade.

Índice:

1. Breve Histórico da Associação Beneficente São Martinho	
1.1. Panorama Político e Social -----	01
1.2. Associação Beneficente São Martinho -----	08
2. O Projeto Mundo do Trabalho -----	29
3. Sobre o Conceito de Trabalho -----	41
3.1. Labor, Trabalho e Ação Política em Hannah Arendt -----	47
3.2. Bauman e a Fluidez do Mundo -----	62
3.3. Conclusão -----	67
4. O que dizem os jovens	
4.1. Sobre o Trabalho -----	69
4.2. Sobre a Instituição de Ensino -----	93
5. Conclusão -----	105
6. Referências Bibliográficas -----	110
7. Anexo-----	113

RESUMO

Esta dissertação se insere na Linha de Pesquisa Infância, Juventude e Educação do Programa de Pós-graduação em Educação e tem como objetivo escutar a voz dos adolescentes participantes do Projeto Mundo do Trabalho da Associação Beneficente São Martinho.

Trata-se de pesquisa etnográfica que responde as seguintes questões: (i) o que os jovens entendem como trabalho; (ii) se as atividades podem ser entendidas como labor ou trabalho; (iii) como se dá a construção do caráter e as práticas de inserção do aprendiz no mercado de trabalho; (iv) as expectativas de consumo dos envolvidos no Projeto.

O trabalho de campo foi realizado entre os meses de fevereiro e julho de 2007 e foram ouvidos 18 jovens, 6 instrutores e 2 coordenadores de atividades.

A pesquisa em pauta aponta que esta experiência vivenciada pelos jovens desempenha papel fundamental em suas vidas pessoal e familiar. Apesar dos diferentes anseios encontrados, é possível perceber que eles têm em comum a visão de que ao optarem por uma mudança de vida, não importa se as razões são econômicas, sociais ou motivadas pelo consumo imediato, todos os envolvidos direta ou indiretamente no Projeto, ampliam sua visão de mundo e modificam relações de responsabilidade e compromisso.

Palavras Chave: Juventude, Trabalho e Renda, Cidadania, Aprendizes.

Introdução:

O homem é um habitante do universo, seja qual for sua cor ou sua raça; cidadania é, em toda parte, um direito adquirido.”

PROUDHON, Pierre-Joseph, 1851. In:
Idéia Geral da Revolução do século XIX.

Quando comecei a cogitar a possibilidade de ingressar no mestrado tinha duas dúvidas primordiais: o que estudar, ou seja, qual seria a linha de pesquisa escolhida e, em decorrência deste fato, quais os autores que utilizaria para fundamentar a pesquisa. A única certeza que tinha é que gostaria de escrever sobre o trabalho, em especial focado no adulto e não na criança ou adolescente. Sempre me questioneei o porquê desta obsessão pelo tema e cheguei a conclusão que quando o capital econômico, social e cultural são restritos, não resta outra alternativa que formar o caráter através do ofício. É uma via de mão dupla, quer dizer, transformamos e somos transformados por ele. Era uma certeza que eu tinha em relação ao tema.

Chegando à UERJ, mais especificamente ao programa de Pós-graduação, tive o primeiro contato com a obra *A Condição Humana* da filósofa Hannah Arendt. Asseguro que este livro foi um “*divisor de águas*” nas concepções indubitáveis que possuía sobre o assunto que desejava aprofundar-me.

Ao diferenciar labor de trabalho, a autora traz ao cenário algo novo. A partir de então, pude perceber que o que eu observava em quase todos os segmentos da sociedade era o labor. Inclusive dentro das diversas Instituições de Ensino quando a rotina torna-se mera repetição de conteúdos, com prazos de validade e visando suprir as necessidades/curiosidades mais imediatas dos alunos. Todas estas características citadas, segundo a pensadora refere-se ao labor.

“Do ponto de vista das exigências do próprio processo vital – a “necessidade de subsistir” – como o chamava Locke – o labor e o consumo seguem-se tão de perto que quase chegam a constituir um único movimento – movimento que, mal termina, deve começar novamente.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 111)

Para a filósofa em questão, o trabalho representa a durabilidade mundana, ele nada mais é que o resultado do esforço que executamos sobre a matéria. No trabalho, cria-se, reinventa-se, interfere-se no mundo, fazendo surgir diante de nossos olhos algo novo que não se esvai imediatamente.

“O que distingue o mais frágil par de sapatos dos meros bens de consumo é que não se estragarão se não forem usados – o fato de que têm certa independência própria, por menor que seja, que lhes permite sobreviver, às vezes por muito tempo, aos caprichos da pessoa que os possui. Usados ou não, permanecerão no mundo durante um certo tempo, a não ser que sejam intencionalmente destruídos.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 151)

A distinção entre o papel da ação na vida dos homens. Diferente de Karl Marx que afirma que a subjetividade humana se constrói através do trabalho, para Hannah Arendt nossa identidade se revela através da ação atrelada ao discurso, ou seja o *logos*. Esta inspiração vem diretamente do modo de vida dos gregos, especialmente, o auge da cidade de Atenas. Para autora, assim como para os pensadores clássicos nos desvelamos enquanto seres humanos entre os iguais e esta revelação se mostra naquilo que falamos e fazemos, trata-se do nosso verdadeiro nascimento, pois se não nos manifestamos, teremos uma vida próxima a dos animais, ou seja, simplesmente biológica. Somente nos diferenciaríamos destes porque seríamos capazes de entender e obedecer comandos, mas a nossa humanidade não se mostraria por completo. Trata-se portanto, de uma vida escravizada, subjugada.

“Quem és? Esta revelação do quem alguém é está implícita tanto em suas palavras quanto em seus atos; contudo, a afinidade entre o

discurso e revelação é, obviamente, muito maior que a afinidade entre a ação e a revelação, tal como a afinidade entre ação e início é maior que a afinidade entre discurso e início, embora grande parte, senão a maioria, dos atos assumam forma de discurso.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 191)

O sociólogo Zygmund Bauman que com sua originalidade desvenda o mundo contemporâneo. Para o autor, trata-se de um constante *devir*. A expressão “líquida” usada em vários títulos dos seus livros possui algumas características do “labor” arendtiano. Ambos são voláteis, imediatos, constantes, persistentes, fluidos, flexíveis.... Ao afirmar a liquidez do mundo, Bauman não exclui o trabalho. Ao contrário de Marx, para o sociólogo da atualidade o trabalho não é mais formador ele agora é formado. Os vínculos empregatícios estão cada vez mais frágeis, o trabalhador não se identifica com a Instituição empregadora, com seu ofício, pois tem consciência que a todo instante estes sofrerão alterações. O lema existencial para a sociedade contemporânea é o caos, a fragilidade, a provisoriedade.

“Talvez o termo “remendar” capte melhor a nova natureza do trabalho separado do grande projeto de missão universalmente partilhada da humanidade e do não menos grandioso projeto de vocação para toda vida. Despido de seus adereços escatológicos e arrancado de suas raízes metafísicas, o trabalho perdeu a centralidade que se lhe atribuía na galáxia dos valores dominantes na era da modernidade sólida e do capitalismo pesado. O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual envolver e fixar autodefinições, identidades e projetos de vida. Nem pode ser concebido com facilidade como fundamento ético da sociedade, ou como eixo ético da vida individual.”

(BAUMAN, Zygmunt, 2001, pág: 160)

Ao entrar em contato com a Associação Beneficente São Martinho, em especial com os profissionais do Projeto Mundo do Trabalho e com os adolescentes inseridos no Programa, coloquei-me a seguinte questão: Afinal, o que eles entendem como trabalho? É labor? É a durabilidade mundana? É construção do caráter? Ou é consumo?

Nas páginas que se seguem, divididas nos seguintes tópicos: I) Breve Histórico da Associação Beneficente São Martinho; II) O Projeto Mundo do Trabalho; III) Sobre o conceito de Trabalho e, finalmente IV) O que dizem os jovens. Vamos perceber que em vários momentos o tema em debate assume diferentes características: ele flutua de acordo com o modo de vida dos jovens em estudo, ou seja, adolescentes pobres que vêem na renda a possibilidade de ascensão. Entende-se por esta afirmação tornar-se um indivíduo ativo na sociedade de consumo ao qual estamos inseridos.

É comum também observar na atuação dos profissionais do Projeto Mundo do Trabalho, o esforço em mostrar outros valores presentes na sociedade, como a ética, a solidariedade e a cidadania. A todo instante, os jovens são convocados a mostrar qual é a sua real expectativa diante dos desafios impostos pela nova responsabilidade adquirida, isto é, a de jovem, estudante e trabalhador. Portanto, mais do que o labor e trabalho, é a AÇÃO (ARENDR, Hannah) que se faz presente nesta caminhada. Ela é o móbil que impulsiona os instrutores e contagia os adolescentes para alcançar a tão sonhada e desejada vaga nas empresas conveniadas com a Associação Beneficente S. Martinho.

1. Breve histórico da Associação Beneficente São Martinho.

1.1. Panorama Político e Social:

Ao traçarmos uma breve linha de pensamento sobre a história da infância no Brasil, percebemos que desde o período republicano, passando pelo Código de Menores de 1927 e posteriormente a sua reformulação em 1979 até meados dos anos 80; a solução encontrada para os problemas que afligem crianças e adolescentes oriundos das camadas mais empobrecidas que foram e ainda são rotulados como *menor, delinqüente, carente, órfão, abandonado, desvalido...* oscila entre a filantropia e/ou a reclusão em internatos, asilos e/ou núcleos preventivos, onde estes permanecem provisoriamente longe dos olhos da sociedade.

É a partir da formulação do Código de Menores de 1927¹ idealizado por Mello de Mattos – primeiro juiz de menores do país que atuou desde 1924 até o ano do seu falecimento em 1934 (RIZZINI, 2004:29) - que a infância pobre brasileira passa a ser alvo da intervenção oficial.

Apesar do grande avanço que esta Lei representou para a sociedade brasileira que naquele momento vivia grandes transformações – a recente abolição da escravatura e a introdução dos ideais higienistas -, pouco ou quase nada mudou no que tange à situação das crianças pobres. Isto significa dizer que este documento traz em seu cerne um conjunto de medidas jurídicas que visa a segregação e diferenciação dos filhos da classe mais empobrecida rotulando-os ora como *abandonados* ora como *delinqüentes*. No primeiro caso, trata-se de indivíduos que desamparados por seus pais são submetidos à proteção apresentada pela sociedade mantendo-os com esta uma dívida de gratidão permanente. Sua condição é sempre subalterna, o único bem que pode oferecer à sociedade é a sua mão de obra adquirida através da aprendizagem de um ofício. No segundo, são aqueles que cometem atos considerados infracionais, portanto, a medida a ser aplicada é a reclusão nas

¹ Neste período que a criança pobre passa a ser reconhecida como *menor*. (RIZZINI & RIZZINI, 2004:29)

instituições de Tutela, mantidas em regime fechado e rigorosa disciplina. Sua condição é a de transgressor da moral e dos bons costumes, ou seja, dos valores impostos pela classe dominante considerados como éticos e morais. A reformulação deste Código ocorre em 1979.

Nos anos 30, quando Getúlio Vargas assume o poder, surge um novo modelo de assistência centralizada, destinada ao controle dos *menores*. Trata-se da criação do SAM – Serviço de Assistência a Menores em 1941. Instituído sem qualquer autonomia financeira, subordinado ao Ministério da Justiça e independente do Juizado de Menores, é somente em 1944 que ele passa a ser um Órgão de alcance nacional. (RIZZINI & RIZZINI, 2004: 33)

Porém, ao tratar de *menores transviados*² o SAM passa a ser reconhecido como a escola do crime, pois ao entrar em contato com o regime imposto pelo Órgão, o adolescente passa a ser temido e que, portanto, precisa ser evitado, excluído, afastado do convívio social. A mídia desempenhou papel fundamental na construção deste personagem, pois, na medida em que denunciava os maus tratos, incluindo os abusos excessivos contra esta população, ficava visível que esta forma de tratamento facilitava o surgimento de seres humanos violentos, criminosos, logo, uma ameaça à sociedade.

Nos anos 50 que o SAM passa a ser sistematicamente condenado pelas autoridades públicas, políticos e por seus diretores. Estes últimos irão propor a criação de um novo Órgão. O resultado deste esforço surge juntamente com a Ditadura Militar em 1964 que é a criação da FUNABEM – Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor. Esta Instituição permanecerá no cenário nacional pelos próximos 20 anos.

Neste contexto social, político e econômico, a FUNABEM prioriza nos internatos os serviços de recepção, triagem e centros de educação. Para cada

² Termo empregado para designar os menores delinquentes, durante todo o período da existência do SAM (1941-1964).

RIZZINI & RIZZINI. **A institucionalização de crianças no Brasil – percurso histórico e desafios do presente.** São Paulo: Loyola, 2004. Pág: 91

Unidade Federada é proposta uma FEBEM - Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor - para a gerência do sistema estadual. Desenvolve-se uma rede urbana de programas abertos para assistir à criança na sua comunidade, ou seja, os Núcleos Preventivos. Portanto, internatos e núcleos preventivos representam um sofisticado sistema de atendimento que trata a criança e o adolescente como um problema de Segurança Nacional, menosprezando as questões mais relevantes como a construção da cidadania e a análise crítica da estrutura sócio econômica da sociedade brasileira. (BAZILIO, 2003:42)

Nos anos 70, destacamos de forma resumida alguns acontecimentos importantes no que tange à temática da infância e juventude, incluindo a reformulação do Código de 1927:

- Em 1976 em consequência de denúncias da existência de milhões de menores em condição de absoluta carência, e o cometimento de delitos por estes, tornando bem claro a gravidade da situação, instaura-se a CPI do Menor para elucidar denúncias de maus tratos com as crianças e adolescentes.
- Em 1978, a Pastoral do Menor encomenda uma pesquisa que iria se tornar um marco/uma referência conceitual nesta questão. Este trabalho foi elaborado por Rosa Maria Fischer Ferreira³.
- Em 1979 com o apoio da Pastoral do Menor, é criado o Movimento em Defesa do Menor por Lia Junqueira⁴.

³ FERREIRA, Rosa Maria Fischer. **Meninos da rua:** expectativas e valores de menores marginalizados em São Paulo. São Paulo: CEDEC; Comissão de Justiça e Paz, [1979?]. 173 p. p. DADOS ESTATÍSTICOS.

Resumo:

Realiza uma análise do quadro socio-econômico do Brasil, que aponta para uma péssima distribuição de renda, altos índices de criminalidade, de absenteísmo escolar e de desagregação familiar, que, por sua vez, constituem os geradores da problemática da criança e do adolescente, que além de marginalizado passa a ser infrator, considerando, neste aspecto, a região da Grande São Paulo. (Autor).

Palavras-chave:

JOVENS INFRATORES; MENINOS E MENINAS DE RUA; ATO INFRACIONAL; CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS; FAMÍLIA; TRABALHO NA RUA; SP.

<http://www.estantevirtual.com.br>, 06/03/2008, 11h:15min

⁴ A advogada paulista **Lia Santana de Moraes Junqueira**, 65 anos, tem um sonho: evitar que o Centro de Referência da Criança e do Adolescente (Cerca) feche. A preocupação com menores vem desde os tempos de faculdade, quando decidiu trocar Matemática e Física por Direito. Formou-se na PUC-SP, em 1977. “Tinha tido filhos e, enquanto eles estavam na escola, ia a uma favela brincar com as crianças. Ficava chocada com a diferença social que já existia em São Paulo em relação aos menores”, lembra, ao referir-se à infância “feliz” que teve

- A reformulação do Código ocorre em 1979. Nesta nova fase, a ênfase será a “situação irregular”⁵ do menor com penalizações severas, incluindo a indicação de prisão preventiva. (NUNES, 2005:74).

Na década de 80, com o fim do “milagre brasileiro”⁶, a recessão econômica e o empobrecimento de uma camada expressiva do território nacional, o número de crianças e adolescentes nas ruas aumenta. É também nesse período que o chamado *menor* que desde a criação do termo em 1927 e as suas diferentes nuances oriundas das políticas vigentes, ganha duas novas designações, tais como: *menores de rua* e *menores na rua*. A primeira designa crianças e adolescentes até 18 anos que habitam as zonas urbanas;

em Ilha Bela (litoral Norte paulista). Lia sempre trabalhou em Direito de Família. Foi a primeira mulher a entrar no então Recolhimento Provisório de Menores (RPM), atual Febem, e acabou ficando quase 15 anos trabalhando como advogada voluntária. Em 1979, Lia fundou o Movimento em Defesa do Menor, entidade que presidiu por dez anos. Em 1983, passou seis meses prestando assistência jurídica aos pacientes do manicômio judiciário. Pós-graduanda em Psicologia na USP, chegou a trabalhar como psicóloga em uma clínica de maus-tratos contra a criança.

http://www.tribunadodireito.com.br/2003/janeiro/jan_35.htm, 04/03/2008, 15h:31min.

⁵ Categoria empregada pelo Código de Menores de 1979 para designar todo menor de 18 anos de idade, que esteja: “privado de condições essenciais à subsistência, saúde e instrução obrigatória” em razão de falta ou omissão dos pais ou responsáveis ou pela impossibilidade dos mesmos provê-la; vítima de maus-tratos ou castigos imoderados; “em perigo moral devido a encontrar-se, de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes, “exploração em atividade contrária aos bons costumes”; “privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável”; com desvio de conduta, em virtude de grave inadaptação familiar ou comunitária; “autor de infração penal.”

RIZZINI & RIZZINI. **A institucionalização de crianças no Brasil – percurso histórico e desafios do presente.** São Paulo: Loyola, 2004. Pág: 94

⁶ O “**milagre econômico**” é a denominação dada à época de excepcional crescimento econômico ocorrido durante a [ditadura militar](#), ou [anos de chumbo](#), especialmente entre [1969](#) e [1973](#), no governo [Médici](#). Nesse período áureo do [desenvolvimento](#) brasileiro em que, paradoxalmente, houve aumento da concentração de renda e da pobreza, instaurou-se um pensamento ufanista de “Brasil potência”, que se evidencia com a conquista da terceira [Copa do Mundo de Futebol](#) em [1970](#) no [México](#), e a criação do mote de significado dúbio: “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

As três vitórias na [Copa do Mundo](#) ajudaram a manter no ar um clima de euforia generalizada, nunca antes vista, e daquilo que [Elio Gaspari](#) apelidou de “*patriotadas*”. O Brasil cantava:

*“Noventa milhões em ação,
pra frente, Brasil
do meu coração(...)
Salve a seleção.”*

Foi um período paradoxal da História do Brasil. Diz [Elio Gaspari](#), em sua obra exaustiva ^[1]: *O Milagre Brasileiro e os Anos de Chumbo foram simultâneos. Ambos reais, co-existiam negando-se. Passados mais de trinta anos, continuam negando-se. Quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro.* ^[1]

http://pt.wikipedia.org/wiki/Milagre_econ%C3%B4mico, 26/06/2008, 10h:30min

nem sempre têm vínculos familiares, quando os têm são fragilizados. Devido a sua condição, desenvolvem certas habilidades e destreza a fim de sobreviver nos logradouros. A segunda refere-se àqueles que vivem periodicamente em locais públicos. Mantém com suas famílias o comprometimento de voltar para casa com algum dinheiro. Normalmente, quando não conseguem não retornam com receio de sofrerem represálias. Em ambos os casos, o imperativo é a luta pela vida.

Visando discutir e criticar esta forma de tratamento à infância e traçando alternativas mais democráticas e eficientes; um grande número de profissionais das Ciências Humanas, religiosos, políticos e outros integrantes da sociedade civil organizaram palestras, passeatas, seminários, debates em clubes, igrejas, salas improvisadas, escolas, associação de moradores, residências que buscassem encontrar novas diretrizes para os problemas tão remotos que assolam a infância e a juventude brasileira pobres. Era preciso escutar estas crianças e estes jovens para detectar quais eram as suas maiores aflições.

Segundo Rizzini e Rizzini:

“Com os movimentos de abertura política que se processavam no país, solidificava-se um sentido de urgência por mudanças. Crescia o entendimento de que o tema era cercado de mitos, como o de que as crianças denominadas de **menores** – institucionalizadas ou nas ruas – eram abandonadas; o mito de que se encontravam em “**situação irregular**” (Código de Menores: 1979), ou de que a grande maioria fosse composta por delinquentes (Rizzini e Rizzini: 1991). E tomava corpo a compreensão de que o foco deveria recair sobre causas estruturais ligadas às raízes históricas do processo de desenvolvimento político-econômico do país, tais como a má distribuição de renda e a desigualdade social.”

(RIZZINI, I & RIZZINI, I., 2004, pág: 47)

Não resta dúvida que este período foi considerado a *época de ouro da sociedade civil* (BAZILIO, 2003:20). Estes calorosos debates e a ativa e comprometida participação da população em todo o país se materializou numa importante e decisiva ferramenta em prol da criança e do adolescente. Após

longas discussões que possibilitou a inclusão dos **artigos 227⁷** e **228⁸** na Constituição Federal, ambos de 1988. O ponto mais culminante foi, sem dúvida, a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) que substituiu a redação da lei do antigo Código de Menores (1927/1979).

Segundo Bazilio:

“Ao contrário dos códigos de menores elaborados por *experts*, o novo texto legal incorpora a ação de um movimento social (...) Condenava-se a violência, os internatos, e colocava-nos em marcha na construção da cidadania. (...) O Estatuto abandona o paradigma da “infância em situação irregular” e adota o princípio de “proteção integral à infância”. (...) Não estamos mais diante de uma lei de exceção, mas incluindo e explicitando o direito de todos.”

(BAZÍLIO, L.,C. & KRAMER, S., 2003, pág: 20)

Com o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente -, muda-se a lei no que se refere a questão da internação. Agora, passa a existir duas possibilidades: os *abrigos*, que tem caráter provisório e excepcional de proteção às crianças que por alguma razão estão expostas às situações de risco físico e social; e, a *internação* para adolescentes em Instituições como medidas sócio-educativas. Nos dois modelos citados, é obrigação legal fornecer mecanismo que garantam os direitos das crianças e dos adolescentes.

Ao chegarmos à década de 90, após significantes conquistas nota-se que novos problemas surgem em cena. O cenário político passa por intensas mudanças. Sofremos com as privatizações das grandes empresas, o mercado

⁷ Artigo 227 da Constituição Federal – Constituição da República Federativa do Brasil.

Capítulo VI – Da família, da criança, do adolescentes e do idoso.

Artigo 227 – “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar comunitária, além de colocá-los a salvo de toda a forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Constituição Federal de 1998 – Texto Integral.

http://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10132htm, 04/03/2008, 12h54min.

⁸ **Artigo 228** – São penalmente inimputáveis aos menores de dezoito anos, sujeitos às normas da legislação especial.

http://www.dji.com.br/constituicao_federal/artigos.htm, 04/03/2008, 14h15min.

de trabalho passa a ser mais fluído⁹ e os vínculos empregatícios tornam-se cada vez mais frágeis. Os serviços prestados pelo Estado – saúde, educação, previdência – se deterioram e o capitalismo avança de forma agressiva e soberana impondo às pessoas a assumirem a condição de consumidor ilimitado. Também a violência urbana é ampliada pelo crescimento dos recursos e poder do narcotráfico e o aumento da corrupção policial.

Em decorrência desse quadro, o ECA passa a receber duras críticas de um grande contingente da população. O que deveria ser percebido como suporte em defesa da infância e da adolescência é tratado com descaso e desconhecimento por diferentes atores espalhados nas distintas camadas sociais.

“Seja por ignorância do texto legal por parte da população ou autoridades, seja por descaso, o Estatuto da Criança e do Adolescente consegue ser ao mesmo tempo desconhecido e criticado. Em seu nome são cometidas diversas arbitrariedades; demagogos encontram solo fértil para afirmar que a lei é demasiadamente liberal ao propor direitos, não definindo “responsabilidades” ou “punições” (o que é um equívoco, conforme se pode ver nos artigos relativos à medida socioeducativa).”

(BAZÍLIO, L.,C. & KRAMER, S., 2003, pág: 40)

Diante desta nova configuração, as crianças e os adolescentes são transformados em vilões pela mídia sensacionalista que de forma explícita induz à população a adotar a postura do *“olho por olho, dente por dente”*, isto quer dizer que existe um apelo muito forte para percebê-los como criminosos horrendos, seja por cometerem crimes considerados hediondos ou por serem atraídos pelo tráfico de drogas que oferece àqueles que vivem a invisibilidade social e a freqüente exposição a situações calamitosas o retorno financeiro rápido. Perante a ausência de propostas culturais, esportivas e educativas

⁹ O termo fluído recorrente na vasta obra do sociólogo polonês Zygmunt Bauman serve para descrever a contemporaneidade, seja no aspecto econômico, político e ético. Isto significa dizer que não há mais um porto seguro ou uma meta a ser percorrida por vias previamente traçadas que nos garanta a solidez desejada. O caminho persiste, mas o modo como vamos percorrê-lo representa uma incógnita. A cada momento somos apanhados pela desordem, pelo caos que exigem de nós uma postura flexível, fluída para nos adaptarmos às avessas condições, conseqüentemente, o que há são instantes satisfatórios.

atrativas, esta vida de “aventura” oriunda do confronto com as facções rivais ou com a polícia, oferece ao adolescente “prestígio” e “poder” perante a sua comunidade.

Diante deste cenário, o apelo a redução da menoridade penal para uma parcela significativa da população torna-se o caminho mais viável e eficaz, porém, pessoas influenciadas somente pelos meios de comunicação esquecem que problemas complexos não podem ser solucionados com mudanças parciais, mas essenciais, ou seja, uma nova mobilização da sociedade faz-se necessária a fim de modificar a estrutura sócio, política e econômica do país no que se refere ao enfrentamento das questões relativas à infância e a adolescência, seja pobre ou rica, deste país.

1.2. Associação Beneficente S. Martinho:

“Enquanto houver uma criança sofrendo injustamente, nós estaremos indignados e lutando pela justiça para esta criança.”

Irmã Adma Cassab Fadel

Neste contexto de luta por uma sociedade mais justa, pela construção da cidadania e de quebras de estigmas/rótulos que cerceavam as crianças e os adolescentes oriundos das periferias da cidade do Rio de Janeiro, surgem dois protagonistas que contribuirão de forma significativa na história da infância no contexto desta cidade. Trata-se da Irmã **Adma** e do professor **Roberto**.

Na década de 80, os dois trabalharam de forma conjunta no Instituto Padre Severino¹⁰. Após alguns meses de atuação, chegaram a conclusão que

¹⁰ O Instituto Padre Severino (IPS), localizado na Ilha do Governador, na Praça do Avião, foi criado em 1954 com o objetivo de ser uma unidade de atendimento direto aos adolescentes do sexo masculino aos quais são atribuídas práticas infracionais. Esses menores são encaminhados pela Delegacia de Polícia da Criança e do Adolescente (DPCA) e pelos Juizados da Infância e Juventude (JIJ).

A idéia do Instituto é servir de triagem até que os adolescentes recebam uma posição da audiência do Juiz. Pela lei, o prazo máximo estipulado para a permanência dos menores infratores é de 45 dias. Contudo esse período nem sempre é respeitado.

Outro fator que foge das metas estabelecidas desde o momento em que o instituto foi inaugurado é o número de adolescentes no local, que costuma ser superior ao que o local foi programado para receber.

não conseguiriam promover nenhuma mudança de qualidade significativa naquele estabelecimento devido a inexistência de um Projeto Político Pedagógico, pois a imagem que o local apresentava era a de “corretor de maus hábitos”, fazendo do castigo físico e moral a sua “prática educacional”. Diante deste fato, perceberam que alguma estratégia deveria ser elaborada para que os meninos não chegassem ao Instituto. Refletindo sobre a situação das crianças e dos jovens que por diversos e tortuosos caminhos chegavam àquele local chegaram a conclusão que a atuação deveria ocorrer na rua, ou seja, neste “lar improvisado”. A justificativa mais comum para legitimarem suas permanências nas vias públicas era o enfraquecimento do elo familiar, onde a violência física, o alcoolismo, o desemprego, a falta de afeto e de cuidados específicos referente a cada fase do desenvolvimento da criança faziam parte da rotina deste infante.

De fato, eles estão influenciados pelo pensamento de uma época que denuncia as violências cometidas nos Internatos e de uma visão (ingênua ou limitada) de rua como possibilidade de “liberdade”, “aventuras” e “brincadeiras”.

Ao ouvir os relatos dos meninos, a equipe percebeu que a rua tem a sua dinâmica própria, padrões e rotinas. Existem hierarquias que são reconhecidas, caso contrário, a violência dita as suas regras: é preciso sobreviver. Cada canto do centro da cidade é dominado por um grupo que rivaliza com os demais, por isso, é preciso estar atento para não “invadir” o território alheio. Esta vida de “aventuras” pode ser traduzida como um estágio permanente de angústia e atenção.

Nesta época, somente a Pastoral do Menor de São Paulo possuía um trabalho organizado voltado para a população de rua – crianças e adolescentes -. Por este motivo, foram a esta cidade para buscar informações e capacitação. Inicialmente, eles trabalharam como estagiários. Professor Roberto juntamente com a equipe de abordagem de rua e Irmã Adma com a

equipe de trabalho desenvolvido nas favelas. Cada vez mais engajados com o trabalho da Pastoral do Menor participaram das “Semanas Ecumênicas do Menor”¹¹ que acontecia anualmente com o término em 1992.

Ao retornarem à cidade do Rio de Janeiro, professor Roberto apresentou idéias na Escola Naval. No decorrer da sua fala, propôs aos estudantes o desafio de irem às ruas com o intuito de descobrir onde se concentravam as crianças. Após cumprirem esta primeira etapa, deveriam tentar ajudá-las de alguma forma. Deste diálogo, cinco voluntários abraçaram a idéia original. O passo seguinte foi buscar o auxílio de duas pessoas que por doze anos trabalharam com o professor na Pastoral Penal. São elas: Professora Ilda¹², Assistente Social e Dr. Carlos Davis, Advogado. Estava, portanto, composto o primeiro núcleo que iria atuar junto aos meninos de rua: Irmã Adma, professor

¹¹**ECUMENISMO VIVIDO: MOFIC.**

O Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs (MOFIC) é uma associação de caráter ecumênico, integrada por Igrejas, cujos membros confessam a redenção em Jesus Cristo, que nos faz todos irmãos e irmãs, pelo Batismo, e membros de seu corpo, a Igreja. **Ele surgiu em São Paulo aos 27 de abril de 1977 com a participação de leigos, pastores, padres e religiosos das Igrejas-membros.**

A oficialização mais solene vem com o primeiro compromisso assumido pelas Igrejas fundadoras cuja assinatura deu-se em 9 de junho de 1984: pela Igreja Episcopal da Comunhão Anglicana, assinou o Bispo Sumio Takatsu, pela Igreja Católica Romana, D. Paulo Evaristo Arns, pela Igreja Evangélica Confissão Luterana no Brasil, Pastor Murl Eugenio Foehringer, pela Igreja Metodista no Brasil, Pastor Ronaldo Sthler Rosa. Este ato teve lugar na Igreja Metodista da Luz, Avenida Tiradentes, 53. Este compromisso foi renovado pelas atuais Igrejas-membros em 18 de maio de 1991, na Igreja Presbiteriana Unida, Jardim das Oliveiras, na Alameda Jaú. Pela Igreja Episcopal da Comunhão Anglicana, assinou o Bispo Glanco Soares de Lima, pela Igreja Católica Romana, D. Paulo Evaristo Arns, pela Igreja Presbiteriana Unida, Pastor Joel Soares, pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Pastor Herman Wille, pela Igreja Metodista no Brasil, Pastor José Carlos de Souza e pela Igreja Armênia Apostólica, Bispo Ohannes Datev Karien.

No dia 18 de novembro de 1992, o MOFIC foi reconhecido como representação do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, CONIC, na cidade de São Paulo.

<http://ejesus.com.br/conteudo/3384/>, 07/03/2008, 10h:45min

¹² **Ilda Lopes Rodrigues da Silva** - Possui Graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1964) e Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976). É Livre-Docente em Serviço Social pela Universidade Gama Filho (1994). Atualmente é professora associada do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com atuação na Graduação e Pós-Graduação. Tem experiência na área de Serviço Social, com ênfase em Serviço Social com famílias, crianças e adolescentes; e área de saúde, atuando principalmente nos seguintes temas: violência doméstica, direitos da criança e do adolescente, direitos da mulher, serviço social, família, crianças e adolescentes. Desenvolve estudos sobre ética em pesquisa e filosofia política.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4727612E0>,
16h:30min.

06/03/2008,

Roberto, professora Ilda, Dr. Carlos Davis e cinco estudantes voluntários da Escola Naval.

Devido ao trabalho que desenvolveu nas favelas de São Paulo, irmã Adma desligou-se das suas atribuições nas escolas da Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora e seguiu para a comunidade de Acari – localizada no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro – e iniciou neste local o Centro Educacional Comunitário da Favela.

A Abordagem de Rua:

“...Quando eu fui chamado por amigos para trabalhar na S. Martinho em Niterói, onde a S. Martinho começava um projeto lá em Niterói e eu fui chamado para trabalhar como educador... a partir daí que eu comecei a “*cheirar rua*”, comecei a ir pra rua e a enxergar naqueles bueiros, naqueles cantos, naquelas calçadas... esses meninos, essa população de rua que até então pra mim... os meus olhos estavam fechados pra isso, pra essa realidade... e comecei a entender muitas coisas, comecei a ver naquela pessoa que *tá* ali um ser humano. Mesmo aquele que assaltava, mesmo aquele que cometia os pequenos furtos, as coisas mais bárbaras que a gente sabe que esses meninos fazem, esses adolescentes fazem, mas em determinados momentos eram crianças, eram pessoas, eram seres humanos. No momento que a gente *tava* por perto, *tava* junto..., *tava*, é... levando uma palavra, levando uma conversa..., eram pessoas assim... que a gente podia tocar de uma certa forma... e isso foi o que me encantou mais nesse trabalho da S. Martinho, que você vê a pessoa como um indivíduo, você não tem um rótulo para essa pessoa..., a sociedade rotula e você vai buscar esse indivíduo, você vai buscar essa pessoa que existe por trás desse rótulo...”

Depoimento de Antigo Funcionário.

O desafio proposto aos estudantes da Escola Naval começava a traçar seus rumos. Após percorrerem vários bairros da cidade, os voluntários chegaram a conclusão que a grande aglomeração de meninos encontrava-se no centro, mais especificamente na Praça Tiradentes onde se concentram

várias linhas rodoviárias e a Central do Brasil que absorve um contingente enorme de pessoas diariamente.

Nesta Praça, os transeuntes eram obrigados a aguardar a chegada do ônibus. Os meninos aproveitavam para poder fazer pequenos serviços como engraxar sapatos, vender pipoca, amendoim, balas, chicletes.... Era preciso ser ágil e atento, pois a concorrência era grande e os passageiros não tinham tanta disponibilidade, pois estavam ali provisoriamente esperando o meio de transporte para retornarem às suas casas. Portanto, os garotos não podiam parar para dar atenção à equipe de voluntária, porque tinham responsabilidade de levar algum dinheiro para as suas respectivas famílias.

O quadro encontrado na Central do Brasil era distinto. Lá, encontravam-se meninos que nada faziam, apenas perambulavam de um lado para o outro cheirando cola, não possuíam vínculos familiares e às vezes cometiam pequenos furtos, eram considerados “*pivetes*”¹³. Ao contrário dos que estavam na Praça Tiradentes, estes não tinham o comprometimento de trazer dinheiro para casa. Percebe-se então, duas realidades distintas: meninos que fazem da rua o seu local de trabalho e outros que fazem dela a sua moradia. Ambos constroem formas de sobrevivência para manter a subsistência e sobressair perante os outros garotos. Nos dois casos, a rua representa um território que precisa ser conquistado a cada dia.

A questão que se impunha era a abordagem. Como fazê-la? Quais seriam os instrumentos necessários?

A equipe conhecera a dura realidade da Pastoral Penal e da FUNABEM. Esta experiência facilitou a aproximação junto aos meninos que permaneciam na Central do Brasil. Com os garotos que trabalhavam na Praça Tiradentes foi mais fácil estabelecer a relação, pois muitos exerciam o ofício de engraxate. Por este motivo, os estudantes começaram a freqüentar o local de sapatos com

¹³ Pivete – termo que aparece na documentação policial do ano de 1917. Sob a argumentação de que o *menor* havia passado por várias entradas na delegacia, este podia ser rotulado de “pivete”, sem implicar na sua comprovação burocrática. “Espécie de fusão de todos os outros termos classificatórios que indicaria o reconhecimento de um personagem social que, uma vez identificado, dispensaria explicações mais particularizantes.” (Vianna: 1999, pp. 117-118) – (Rizzini & Rizzini: 2004, pp. 90-91)

o intuito de obter os serviços oferecidos pelos meninos e, conseqüentemente, começaram a abordá-los, ou seja, a ouvir suas histórias. De início, os estudantes pagavam além do valor estabelecido. Com este gesto, ganham a confiança dos pequenos trabalhadores que aos poucos passam a relatar suas trajetórias.

Após esse primeiro contato, os estudantes perceberam que o melhor dia para encontrá-los era às sextas-feiras após as 16h:00min, pois com o fim do expediente de trabalho e a aproximação do final de semana, as pessoas permaneciam um pouco mais no centro da cidade e os meninos faturavam uma quantia extra. De posse dessa informação, os estudantes já agendavam antecipadamente o próximo encontro.

Além da ajuda financeira, pensou-se em oferecer um lanche aos meninos. Havia pouco dinheiro para alimentar tantos garotos. Os estudantes durante a semana guardavam alimentos não perecíveis e levavam todas às sextas para a Praça Tiradentes. Outros alunos da Escola Naval resolveram adotar a idéia e contribuíam, aumentando assim, a quantidade da merenda. Paulatinamente, de acordo com a necessidade, a equipe improvisava as ações.

Uma importante lição foi extraída dessa convivência semanal:

- Solidariedade. Muitos meninos dividiam o freguês, ou seja, cada um engraxava um sapato. Por viverem realidades semelhantes – cada garoto tinha a responsabilidade de ajudar no sustento familiar – compartilhavam com seus colegas. Esta cena impressionou os estudantes que até então, não percebiam esta atitude em outros ramos profissionais. Este gesto também era visível na hora da distribuição do lanche. Ninguém se sentia lesado. Não havia brigas, discussões e sim a partilha. A partir desta constatação, formou-se um vínculo de confiança definitivo entre os estudantes e os meninos.

Pensando em reforçar ainda mais o vínculo de solidariedade entre os meninos, o passo seguinte foi introduzir a bola. Nada como o espírito esportivo

através do futebol que é uma paixão nacional para ampliar a idéia de pertencimento e trazer para o cotidiano dessas crianças a brincadeira e a diversão que são tão próprios nesta fase da vida. Mas, em se tratando de meninos trabalhadores há a preocupação com a ferramenta de trabalho. Como jogar bola tranquilamente pensando na possibilidade de ser roubado? Não havia um local ou objeto apropriado para guardar o material. Por este motivo, alguns membros da equipe juntamente com outras pessoas ficavam sentadas acompanhadas de vários meninos vigiando as caixas de engraxar sapatos.

A próxima iniciativa foi organizar uma caixa de primeiros socorros para feridas, machucados, curativos e limpeza. Muitos meninos queixavam-se de dores pelo corpo. Existia a dor física devido aos movimentos repetitivos e às vezes conseqüências da violência doméstica fruto do enfraquecimento do elo familiar ou brigas com outros garotos. Após esta percepção, constatou-se a necessidade de guiar este trabalho através do **afeto, atenção e respeito**. Sentimentos que não eram construídos na vivência dessas crianças. Além disso, era preciso ir a diante para encontrar urgentemente uma fundamentação teórica-metodológica. A ação precisava estar atrelada à reflexão. O caminho encontrado para suprir esta demanda foi a realização periódica de reuniões com a finalidade discutir, orientar, suscitar novos questionamentos e, conseqüentemente a equipe foi ganhando nova dimensão com a entrada de novos membros.

O trabalho deste primeiro núcleo começou a ganhar visibilidade na Praça Tiradentes. Ali se concentravam mais de cinquenta crianças, ocasionando incômodo nos freqüentadores do local. A polícia chegou a interferir nas rodas e nas conversas dos meninos que se reuniam sempre às sextas com a equipe. Novo desafio: agora era preciso encontrar um local que pudesse abrigar os meninos. O grupo inicia nova caminhada batendo “de porta em porta” em todas as Igrejas localizadas no centro da cidade solicitando um galpão ou um salão desocupados que pudessem acolhê-los. A recusa foi total.

A Catedral:

O escritório da Pastoral Penal onde trabalhavam Irmã Adma, professor Roberto e o Carlos Davis estava situado no porão da Catedral Metropolitana do Rio Janeiro e, percebendo que existia um lugar livre no “vão da escada”, ficou estabelecido que este seria o novo local para o encontro com os meninos e toda a equipe. Doações importantes foram feitas como um fogão e uma geladeira. Uma das mães da Pastoral Penal se ofereceu para cozinhar e uma estudante da Escola Naval vinha voluntariamente para distribuir o almoço. O Banco da Providência ofereceu fubá e outros ingredientes para o preparo de um mingau nutritivo. A cantina no Banco da Providência que era utilizada somente pelos funcionários, transformava-se em refeitórios para os meninos durante algumas horas, assim como o banheiro que também passou a ser dividido com as crianças.

A preocupação da equipe volta-se para desenvolver uma Metodologia da Ação-Reflexão pautada nos princípios da “Metodologia Dialógica da Educação” elaborados por Dom Bosco¹⁴ e do educador brasileiro Paulo Freire¹⁵. Ao

¹⁴ **São João Melchior Bosco** SDB, em italiano **Giovanni Melchior Bosco**, popularmente conhecido como *Dom Bosco*, (Castelnuovo d'Asti, 16 de Agosto de 1815 — Turim, 31 de Janeiro de 1888) foi um sacerdote católico italiano, canonizado em 1934. Padre católico apostólico romano, educador, desenvolveu a educação infantil e juvenil e o ensino profissional, sendo um dos criadores do sistema preventivo em educação. Dedicou-se também ao desenvolvimento da imprensa católica. É o fundador da Pia Sociedade de São Francisco de Sales, conhecida por *salesianos*, co-fundador da congregação das Filhas de Maria Auxiliadora, conhecidas por *irmãs salesianas* e fundador da Associação Internacional dos Cooperadores Salesianos. Foi canonizado em 1 de abril de 1934 pelo Papa Pio XI, sendo o padroeiro dos jovens e dos aprendizes. Seu dia é celebrado em 31 de janeiro.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Bosco, 10/03/2008, 11h:45min.

¹⁵ **Paulo Reglus Neves Freire** (Recife, 19 de setembro de 1921 — São Paulo, 2 de maio de 1997) foi um educador brasileiro. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

Paulo Freire delineou uma Pedagogia da Libertação, intimamente relacionada com a visão do terceiro mundo e das classes oprimidas na tentativa de elucidá-las e conscientizá-las politicamente. As suas maiores contribuições foram no campo da educação popular para a alfabetização e a conscientização política de jovens e adultos operários, chegando a influenciar em movimentos como os das CEBs - Comunidades Eclesiais de Base.

No entanto, a obra de Paulo Freire ultrapassa esse espaço e atinge toda a educação, sempre com o conceito básico de que não existe uma educação neutra: segundo a sua visão, toda a educação é, em si, política. Palavras (articuladoras do pensamento crítico) e a pedagogia da pergunta, são princípios da pedagogia de Paulo Freire.

término de cada encontro com as crianças, ocorriam reuniões onde cada participante iria expor suas idéias, refletindo e pensando em novas e eficientes estratégias de atuação junto às crianças. A troca de experiência através do diálogo entre os profissionais num primeiro momento, e entre o grupo e os meninos em seguida eram constantes, pois para o núcleo, mudar a prática representava refletir e criticar exaustivamente a realidade que os rodeava.

Neste período, mais precisamente em 1983, durante uma reunião na Diocese em que se encontrava Frei Carmelo – da Ordem dos Carmelitas¹⁶ e personagem central para a criação desta Associação -, é exposto ao Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro¹⁷ o desejo de iniciar a Pastoral do Menor.

Em Junho de 1984, o Cardeal autoriza a Pastoral do Menor.

Uma síntese das mudanças significativas:

- Obteve-se uma sala na MITRA¹⁸ com direito a uma linha telefônica e arquivos;

http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Freire, 10/03/2008 11h:16min

¹⁶ A **Ordem dos Carmelitas** é uma ordem religiosa católica que surgiu no final do século XI, na região do Monte Carmelo, uma cadeia de colinas, próxima à atual cidade de Haifa (antiga Porfíria), no atual Estado de Israel.

Carmelo significa "jardim". Conta a tradição que o profeta Elias se estabeleceu em uma gruta, no Monte Carmelo, seguindo uma vida eremítica de oração e silêncio. A Regra do Carmo foi sistematizada e proposta por Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, aprovada pelo Papa Honório III em 1226. No século XIII migrou para o Ocidente, fugindo das invasões sarracenas. No século XVI, na Espanha, Santa Teresa de Ávila e São João da Cruz conduziram um processo de renovação do carisma da ordem. Deste processo histórico e místico surgiram os carmelitas descalços.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Carmelitas>, 10/03/2008, 12h:57min.

¹⁷ **Eugênio de Araújo Sales** (Acari, 8 de novembro de 1920) é um cardeal brasileiro e arcebispo emérito do Rio de Janeiro.

Dom Eugênio é filho de Celso Dantas Sales e Josefa de Araújo Sales e irmão de Dom Heitor de Araújo Sales, Arcebispo Emérito de Natal, Rio Grande do Norte. Foi batizado na Paróquia de Nossa Senhora da Guia, em Acari, no dia 28 de novembro de 1920.

Realizou seus primeiros estudos em Natal, inicialmente em uma escolar particular, depois no Colégio Marista e finalmente ingressou, em 1931, no Seminário Menor. Realizou seus estudos de Filosofia e Teologia no Seminário da Prainha, em Fortaleza, Ceará, no período de 1931 a 1943.

Foi ordenado sacerdote pelas mãos de Dom Marcolino Esmeraldo de Sousa Dantas, bispo de Natal, no dia 21 de novembro de 1943.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%AAnio_de_Ara%C3%BAjo_Sales, 10/03/2008, 13h:20min

¹⁸ A **Mitra** é o órgão responsável pela administração do Patrimônio da Arquidiocese, bem como dos patrimônios das Paróquias, do Seminário Arquidiocesano São José, do Mosteiro da Ajuda e outros que lhe são afetos.

- Irmã Adma foi liberada de sua provincial para instalar-se provisoriamente em Acari com outras religiosas desenvolvendo um trabalho preventivo na criação do Centro Educacional Comunitário e mais emergencial na Catedral;
- O Banco da Providência doa os insumos;
- A cozinheira e a estudante de Psicologia da Escola Naval que trabalhavam como voluntárias passam a receber uma ajuda de custo, além disso, Frei Carmelo chegou a conclusão que era preciso fazer um levantamento para saber o quanto seria necessário para manter os meninos na Catedral. Seu desejo era conhecer outro tipo de trabalho voltado para as crianças que fosse distinto do orfanato que ele mantinha em Jacarepaguá.

A Pastoral do Menor começa timidamente, mas com grande força pautada neste pilar: contrato com a Província Carmelita de Santo Elias; o trabalho com a MITRA; Centro Educacional Comunitário em Acari; o encontro na Catedral; a abordagem de rua na Praça Tiradentes e na Central do Brasil e as reuniões da equipe para discutir o conteúdo teórico e metodológico.

Em 1985 surge a SOCIEDADE BENEFICENTE SÃO MARTINHO para dar respaldo legal a seus empregados. Os primeiros financiadores foram a Província Carmelitana de Santo Elias e a RAPTIM – Agência de Turismo.

O trabalho da Pastoral do Menor, na arquidiocese São Sebastião do Rio de Janeiro (MITRA) era de articulação com Entidades Paroquiais e religiosas que desenvolviam ações com crianças carentes, porém o trabalho na Catedral com os meninos de rua exigia uma dedicação maior devido ao seu imediatismo. Por esta razão, os responsáveis se desvincularam da MITRA permanecendo apenas com a Província Carmelitana, atuando com os meninos de rua e os da comunidade de Acari.

Dentre as reivindicações que os meninos faziam a mais constante era o **trabalho**. A escolaridade era comprometida porque passavam boa parte do tempo nas ruas engraxando sapatos; por mais insignificante que fosse a quantia arrecadada durante o dia, sempre fazia diferença no orçamento familiar, por este motivo reclamavam por uma atividade mais rentável. A equipe chegou a conclusão que antes de inseri-los no mercado de trabalho formal, eles precisariam de cuidados básicos como a higiene pessoal e o acesso à escolarização. Inspiram-se na experiência do CESAM – Centro Salesiano do Menor em Belo Horizonte, que desenvolvia o Projeto de Inserção do Mundo do Trabalho. Uma professora foi cedida pela FUNABEM para fazer parte da equipe e ajudar na captação dos primeiros convênios de inserção dos jovens no mercado formal de trabalho. O desencadeamento desta proposta que veio a contribuir de forma decisiva na elaboração do projeto **Mundo do Trabalho** – iniciado em Quintino (bairro do subúrbio do Rio) e que será abordado mais adiante.

A transformação da SOCIEDADE BENEFICENTE SÃO MARTINHO para ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE SÃO MARTINHO ocorre devido ao pedido de Frei Carmelo ao seu provincial. Seu argumento era que uma Associação de utilidade pública mantida pela Província Carmelita de Santo Elias ficaria isenta de impostos.

“... a S. Martinho quando ela começa, ela começa com esse trabalho de meninos em situação de rua, então, ela vai fazer o quê? Ela vai criar para esse menino em situação de rua ou pra esse espaço onde atende o menino em situação de rua... ela vai tentar criar algumas... algumas possibilidades pra saída desse menino dessa rua. Então, ela cria o Mundo do Trabalho, ela cria as Casas Residências, ela cria os Centros Comunitários, ela cria, o Centro de Defesa...”

Depoimento de antigo funcionário.

São Martinho Niterói e Núcleos:

Em 1987, ano da Campanha da Fraternidade¹⁹ cujo o tema era: *A Fraternidade e o Menor – Lema: Quem acolhe o Menor, a Mim acolhe* - a equipe decidiu que não recusaria nenhum convite que ajudasse a divulgar o trabalho com os meninos de rua e de comunidade. Sendo assim, fizeram sucessivas palestras. Simultaneamente deu-se início a uma grande campanha para captação de sócio-contribuintes e paralelamente houve vários pedidos para a construção de Núcleos. Os principais foram: o Colégio São José, o da Praça Saens Pena e o da Igreja Nossa Senhora de Copacabana dentre outros.

Nesta época, em Niterói nascia um trabalho com os meninos de rua semelhante ao da São Martinho da cidade do Rio de Janeiro. Esta iniciativa foi fruto de uma palestra que a irmã Adma fez para as religiosas de Niterói, onde estavam presentes as Irmãs e a coordenadora do Colégio do Instituto São José que demonstraram grande entusiasmo pelo trabalho da equipe carioca. Precisaríamos apenas fazer reajustes quanto à metodologia, porque são cidades com problemas distintos. A equipe de Niterói tinha o respaldo financeiro oriundo da arrecadação da própria escola. Com o passar do tempo, precisou contratar mais funcionários e conseqüentemente em 1988 passou a ser um dos Núcleos da Associação Beneficente São Martinho, mas os recursos conquistados não provinham da Associação.

Além dos Núcleos de **Acari, Quintino, Colégio J. Marista e Niterói**, Frei Carmelo propôs **Vicente de Carvalho** – subúrbio do Rio – onde já havia um trabalho da pastoral ligado à Província Carmelitana. Neste ínterim, houve a oportunidade de discursar na Paróquia de **S. Conrado, em Vila Canoas**. Sensibilizada, a comunidade apoiou a construção de mais um Núcleo.

¹⁹ A **Campanha da Fraternidade** é uma campanha realizada anualmente pela [Igreja Católica Apostólica Romana](#) no [Brasil](#), sempre no período da [Quaresma](#). Seu objetivo é despertar a solidariedade dos seus fiéis e da sociedade em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano é escolhido um tema, que define a realidade concreta a ser transformada, e um lema, que explicita em que direção se busca a transformação. A campanha é coordenada pela [Conferência Nacional dos Bispos do Brasil](#) (CNBB).

http://pt.wikipedia.org/wiki/Campanha_da_Fraternidade, 25/06/2008, 14h:25min.

O projeto iniciado por Irmã Adma e professor Roberto começava a ganhar proporções maiores, não era apenas uma equipe. Neste momento, eram várias equipes fragmentadas que compunham um ideal. Por este motivo, foi preciso criar um **Centro de Formação para Educadores**. Cursos foram implementados para a Formação do Educador, assim como um fórum aberto para a reflexão, avaliação, discussão constantes da metodologia e da prática educativa empregadas com os meninos e também, em menor número, com as meninas.

Em todo Brasil, a Pastoral do Menor acalentava o desejo de um **Centro de Formação** e um **Centro de Defesa da Criança e do Adolescente**. A mesma necessidade que fez surgir o **Centro de Formação**, em 1988 também ajudaria na elaboração do Projeto do **Centro de Defesa Dom Luciano Mendes** que atuaria na defesa do direito e na promoção social das crianças e adolescentes.

Centro Sócio-Educativo da Lapa:

Até meados de 1990, todos permaneceram no “vão da escada”, mas com o aumento da demanda estava cada vez mais inviável a atuação naquele local. Alguns lugares foram ofertados para abrigarem os meninos e a equipe, porém o que inviabilizava a mudança era a distância, pois todas as ofertas eram distante do centro do Rio. Afasta-se deste ponto da cidade representaria a morte do projeto com os meninos de rua.

Em conversa com o então prefeito da cidade do Rio de Janeiro²⁰, os dirigentes expuseram toda a complexidade da situação. O fruto desta conversa foi a doação de um terreno baldio em comodato por 10 (dez) anos que está localizado no Bairro da Lapa²¹. A aprovação da planta para construção do

²⁰ **Roberto Saturnino Braga** (Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1931) é um político brasileiro. Foi deputado federal, prefeito e vereador da cidade do Rio de Janeiro e senador da República. http://pt.wikipedia.org/wiki/Saturnino_Braga, 25/06/2008, 14h:35min.

²¹ Bairro com profundo teor histórico que já foi o berço do samba, da boa malandragem carioca, das prostitutas, dos boêmios, dos amantes da noite e da bebida – .Atualmente, é considerado patrimônio desta cidade, mas não esconde as suas mazelas. Os arcos da Lapa

prédio deveria seguir o Projeto do Corredor Cultural, o que causou alguns embaraços. O grupo conseguiu os recursos necessários para a conclusão da obra. Em 1990, os meninos e a equipe são transferidos do “vão da escada” na Catedral para o Centro-Sócio Educativo com o programa: **“Ao Encontro dos Meninos de Rua”**.

Casas Residências:

Apesar de toda conquista que foi mencionada acima, a equipe detectou que todo o trabalho que era desenvolvido com os meninos durante o dia, era dissolvido à noite. A rua se fazia presente por facetas e a mais perversa apresentava-se no período noturno. Chega-se a conclusão da necessidade de um local para se pernoitar. A saída encontrada foi o porão da FEEM – Fundação Estadual de Educação do Menor, localizado em Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro. Trabalhavam durante o dia, estudavam à noite e seguiam para a FEEM, pois permanecer nas ruas inviabilizava todo o projeto. Era sabido que essas crianças e esses adolescentes não possuíam uma formação básica e bons hábitos, incluindo a higiene pessoal. Modificar esta rotina representava reafirmar todos os dias novos valores o que solicitava dos educadores um grande esforço e dedicação. Ao entrarem novamente em contato com as ruas, esse trabalho, infelizmente era desperdiçado facilmente. Portanto, a nova rotina era: o adolescente ficava no Centro-Sócio de dia, à noite ia para a escola e depois para o abrigo dormir.

Foi comprada uma casa na Rua Santo Amaro, na **Glória**, Zona Sul do Rio de Janeiro para abrigar os primeiros meninos que trabalhavam no SERPRO. Após alguns anos, esta residência passou por uma reforma. Neste período, manteve-se fechada, para posteriormente ser reaberta. Havia dois pavimentos. Um andar passou a servir de moradia para as meninas e o outro para os meninos.

que deveriam ser admirados por sua arquitetura, grandiosidade e beleza, expõe aos olhos dos turistas e moradores desta cidade crianças abandonadas, cheirando cola, aliciadas por traficantes, cometendo pequenos furtos e até mesmo atos de violência entre eles e com os viandantes.

Em 1992, a Associação Beneficente São Martinho recebe a doação anônima de uma casa localizada à rua Silvio Romero na **Lapa**, no centro do Rio de Janeiro. A princípio servia como “casa de acolhimento noturno” e, posteriormente, tornou-se a Casa-Residência São Pedro que acolhe meninos entre 07 (sete) a 18 (dezoito anos) e conta com equipes de educadores de plantão.

Após a visita da princesa Diana em 1991, o Consulado Britânico se comprometeu a comprar uma casa que pudesse abrigar meninas de rua. Esta compra foi realizada no dia 02 de maio de 1993 e está localizada na Rua Francisco Muratori, **Lapa**, Rio de Janeiro. Futuramente, este local foi transformado em um Centro Sócio-Educativo profissionalizante e em 1996 outra casa para meninas foi construída em **Vicente de Carvalho** com os recursos do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – que atuava ativamente naquela comunidade.

Com a chegada da ECO 92, a grande preocupação dos políticos foi a população de rua, principalmente os meninos. Era um retrato que a cidade não gostaria que o mundo visse, não era o cartão-postal mais desejado, mas não foi possível escondê-lo. Conseqüentemente, o Príncipe Rainer de Mônaco, doou para Associação Beneficente S. Martinho, uma casa em **Niterói** – Rio Janeiro, Casa-Residência que abriga meninos.

Após a chacina de alguns meninos de rua na porta da Igreja da Candelária no centro do Rio de Janeiro em 1993, o Papa João Paulo II fez um apelo em prol desta população. Os Franciscanos de Bolonha sensibilizados atenderam prontamente o pedido do Pontífice Representante da Igreja Católica e encaminhou para a Associação Beneficente São Martinho a arrecadação da Campanha *Zecchino D'oro*, um programa infantil do Canal Franciscano da TV de Bolonha. Esta doação foi destinada à São Martinho de Niterói que comprou em **Inoã-Niterói** o Sítio São Francisco, onde passou a funcionar o Centro de Ensino Agrícola.

Devido ao surgimento de problemas com os meninos abrigados no porão da FEEM, em 1994, consegue-se uma casa no bairro de **Bonsucesso**,

para onde esses adolescentes são transferidos. Como o bairro é cercado por um complexo de favelas, torna-se inviável a continuação do trabalho naquele local, com isso, em 1997 a casa foi devolvida. Aluga-se uma casa no bairro de **Anchieta** e mais uma vez faz-se a transferência dos meninos.

Em convênio com a FIA – Fundação para a Infância e Adolescência, cria-se em **São Cristóvão** no Rio de Janeiro, mais uma Casa-Residência para meninos de 7 (sete) a 13 (treze) anos que eram internos em grandes orfanatos. O mesmo ocorreu em **Niterói**, na construção de mais uma Casa-Residência para meninos de 05 (cinco) a 13 (treze) anos.

O objetivo das Casas-Residências de meninos e meninas é reintegração com suas famílias, o que significa, tentar restabelecer os laços afetivos enfraquecidos, ou então, a descoberta de uma família substituta, ou ainda, quando não se obtém sucesso nas tentativas anteriores, ajudar o menino e a menina no planejamento da sua própria vida. A metodologia que impera neste local é a reconstrução do ambiente familiar, onde a criança aprende brincando e se familiarizando com o trabalho de acordo com a sua idade e desenvolvimento.

Os Centros Sócio-Educativos:

Os centros sócio-educativos são espaços amplos que acolhem as crianças e os adolescentes durante o dia desenvolvendo atividades pedagógicas variadas e capacitando-os para o trabalho. Cada estabelecimento tem como prioridade atender as necessidades básicas como a alfabetização ou aulas de reforço escolar, além de possuir uma estrutura que possibilita as atividades esportivas e o lazer, assim como as oficinas de trabalho e geração de renda, acesso à profissionalização (de acordo com a idade), evangelização e grupos de reflexão. Os Centros-Sócios buscam ampliar o horizonte de oportunidades e motivação para que cada sujeito possa ser o principal autor de sua própria história.

Cada Centro-Sócio Educativo desenvolve características próprias, visando atender as necessidades básicas de sua clientela:

- **Centro Sócio-Educativo do Rio de Janeiro:** Situada na Lapa. Acolhe meninos de rua com o projeto “Ao Encontro dos Meninos de Rua”.
- **Centro Sócio-Educativo de Niterói:** situado no centro de Niterói. Acolhe meninos que residem nas Casas-Residências da Instituição e aqueles que perambulam ou trabalham nas ruas do centro da cidade de Niterói e têm referência familiar.
- **Centro Sócio-Educativo Maracanã:** situado no bairro Maracanã no Rio de Janeiro. Acolhe adolescentes em alta situação de risco com o projeto “Mundo da Rua”.
- **Centro Sócio-Educativo Comunitário:** situado na cidade do Rio de Janeiro, atendem crianças e adolescentes de comunidade, fazendo um trabalho de prevenção a fim de evitar que os mesmos saiam para as ruas. Conta com o apoio dos profissionais da própria comunidade.

Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente D. Luciano Mendes:

O Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente é um dos projetos da Associação Beneficente São Martinho *“que tem com princípio básico para suas ações a Defesa dos Direitos e Promoção Social de Crianças e Adolescentes, prioritariamente os advindos da classe popular que se encontram em situação de risco pessoal e social”*²². É um espaço de construção da cidadania das crianças e dos adolescentes tendo como instrumento fundamental o Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8.069/90. Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

O Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente atua em algumas frentes, são elas:

²² Proposta de Ação do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente – D. Luciano Mendes, 1997.

- **Atendimento Jurídico e Social:** referentes a violação dos direitos infante-juvenis; atendimento a adolescentes em conflito com a lei (seja vítima ou autor do ato infracional); acompanhamento ao atendimento de crianças e adolescentes por instituições públicas; interferir nas discussões referentes as medidas sócio-educativas; notificações de crianças abrigadas na Instituição; encaminhamento para emissão de registro civil de nascimento; encaminhamento para emissão de documentos.
- **Articulação Política:** desenvolvimento do processo de capacitação dos Conselheiros Tutelares; divulgação do ECA; articulação com instâncias governamentais e não governamentais; divulgação de denúncias sobre crimes contra crianças e adolescentes.
- **Formação:** treinamento de profissionais da Instituição ou de outras Instituições afim de elucidar o ECA formando assim, multiplicadores dos direitos deste público.

Centro de Formação:

O Centro de Formação é um projeto da Associação Beneficente São Martinho que possui meta fundamental: é através dele que se tem a garantia do cumprimento de uma prática pedagógica global, coerente com a filosofia Institucional. Este programa é responsável pela ação educativa, por isso, ser um projeto que perpassa todos os demais empreendimentos da Instituição, fortalecendo, dando unidade e não conformidade e uniformidade a prática educacional.

Serviços de Apoio:

Os serviços de apoio da Associação Beneficente São Martinho são aqueles que não estão atrelados especificamente a um ou outro projeto, porém se colocam com o intuito de prestar serviço a Instituição. Foram criados a partir das necessidades emergentes e se posicionam de forma estruturada sendo uma referência de apoio.

São eles:

- **Evangelização:** não tem como princípio converter obrigatoriamente a criança e o adolescente ao catolicismo, mas busca a descoberta do sentido da vida, à abertura para o Absoluto – Deus: conhecer a graça divina afim de ter uma consciência afetiva que leve o indivíduo a inclinar seu coração para o bem.
- **Cultura e Lazer:** foi criado em 1993 a partir da necessidade de melhor direcionar na escolha e na organização da atividade cultural para os(as) menino(as), visando inclusive, a divulgação das oficinas de geração de rendas.
- **Saúde:** conta como auxílio de médicos, enfermeiras e dentistas. Trabalho de teor preventivo. O objetivo é o de cuidar de uma doença já instaurada que dependendo da gravidade pode ser tratada no próprio setor ou nos serviços médicos da Rede Pública.
- **Serviço Social:** composto por Assistentes Sociais e estagiárias que atuam em todos os projetos da Instituição, trabalhando com os educadores com o objetivo de levantar a história familiar do(a) menino(a); localizar algumas referências familiares, fazer visitas domiciliares promovendo a reintegração familiar; além de providenciar a documentação do(a) menino(a), e, finalmente elaborar e operacionalizar grupos de reflexão com os educadores, educandos e todo quadro profissional.
- **Oficina de Arte²³:** projeto que possui recursos próprios e profissionais específicos. Funciona como serviço de apoio e perpassa todos os educandos interessados sem restrição a qualquer projeto, constituindo parte importante da realização cultural do processo educativo da Associação Beneficente São Martinho.
- **Banda Afro Reggae Mirim Erê:** criada em 1994 com o intuito de resgatar a cultura afro-brasileira e a valorização da auto-estima racial. Os integrantes da banda assumem o compromisso de continuar freqüentando a escola formal.

²³ Baseado em Mickalis, Y. Projeto: “Oficinas de Artes e Geração de Renda para Crianças de Rua no Rio de Janeiro.”

Em mais de 20 anos de atividade, a instituição ganhou experiência e reconhecimento por sua seriedade e competência, conquistando o apoio de pessoas da sociedade civil, do poder público e de grandes empresas e organizações nacionais e internacionais.

Os recursos são arrecadados junto a pessoas físicas e jurídicas, empresas públicas e privadas, além de órgãos, nacionais e internacionais de fomento. Entre os seus principais parceiros estão FIA (Fundação para a Infância e Adolescência), SMDS (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social), Petrobrás (Petróleo Brasileiro S.A.), Cia. de Petróleo Ipiranga, Coca-Cola (Rio de Janeiro Refrescos S.A.), Unicef, Jubilee Action, Caritas Suíça, Cordaid, Comunidade Européia, dentre outros.

Vale ressaltar que o trabalho desenvolvido pela São Martinho é reconhecido por seus parceiros, financiadores e pela sociedade, recebendo nos últimos anos prêmios e homenagens, tais como: Bem Eficiente/Kanitz (2000 e 1997); 128º Prêmio Tecnologia Social em parceria com a Fiocruz – 2000; Parceiro GEARJ/99 em parceria com a Petrobrás – 1999; Placa Hebert de Souza/OAB – 1998; Troféu Beija-Flor/Rio Voluntário – 1998; Menção Honrosa/Câmara dos Deputados do RJ – 1998; Prêmio Itaú-Unicef - Educação e Participação – 1995.

A Associação Beneficente São Martinho consegue se projetar no cenário da cidade do Rio de Janeiro recebendo todas estas doações e apoio. Naquele momento a temática da infância foi capaz de mobilizar atenções e recursos. Trata-se de uma ação política da Instituição que tem o intuito de respeitar a criança e o adolescente na sua singularidade e tirá-los da condição de miserabilidade através do diálogo constante visando modificar a postura ora extremamente passiva e pessimista, ora excessivamente agressiva tendo em vista o resgate do pensamento crítico diante dos fatos. E, para criticar é preciso rever a história da infância brasileira, sobretudo, a infância pobre; estar atento a todas as nuances e mecanismos utilizados com a finalidade de “auxiliar” os que estão situados na base, ou até mesmo fora da pirâmide social e econômica. Afirmar que existe desigualdade no Brasil não ajuda a pensar os problemas da infância e da adolescência, mas tentar compreender qual é a

sua lógica, como ela se constrói, quais são as suas conseqüências diretas e indiretas na vida das diferentes camadas sociais e, finalmente, tentar tatear as possíveis formas de superá-la é um bom começo. Para tanto, faz-se necessário repensar o sentido de comunidade, de coletivo, pois as ações políticas são frutos humanos constituídos na pluralidade e não no isolamento ou no âmbito privado.

Em meio ao mundo globalizado e tecnológico que relata simultaneamente vários acontecimentos de natureza distinta deixando-nos ávidos por mais informações quantitativas germinando uma atmosfera de medo, violência, apreensão, caos, terror e alienação que permeia o cenário urbano levando-nos a nos proteger de tudo e de todos fazendo-nos perder paulatinamente a nossa humanidade, ou seja, o contato com a alteridade, o que significa dizer que atualmente, tudo o que é percebido como “estranho”, “menor”, “diferente”, “inferior”, “feio”, “ultrapassado” ou até mesmo “superior”, “lindo”, “grandioso”..., enfim os estigmas são infinitos, tem pouca importância, e, quando nos incomoda, simplesmente ignoramos ou eliminamos. Por esta razão, precisamos respeitar e fortalecer Instituições e profissionais que discutem e propõem ações políticas para os problemas que assolam a vida humana, que visam restituir espaços para todo e qualquer tipo de debate, que reflita coletivamente o que é ser e estar num mundo que segue as regras do capitalismo selvagem, pregando o consumo desenfreado como norma a ser seguida, e, em caso de desobediência, o preço que se paga é ser reconhecido como “sem valia” ou simplesmente “refugio humano” (BAUMAN, 2005).

2. O Projeto Mundo do Trabalho:

A inserção do adolescente no mercado de trabalho é um projeto da Linha Preventiva da Associação Beneficente São Martinho que visa atender adolescentes moradores dos bairros mais empobrecidos da cidade do Rio de Janeiro facilitando a inserção de jovens de ambos os sexos com idade entre quatorze e quinze anos nas empresas. Auto definindo-se como “não assistencialista”, o programa busca usar o trabalho como ferramenta de transformação do jovem ajudando-o a integrar-se à sociedade e a tornar-se um cidadão pleno, capaz de andar com as próprias pernas e de ajudar a si mesmo e aos outros. O projeto objetiva também a promoção da familiar dos mesmos, visando o fortalecimento dos seus direitos fundamentados em uma proposta sócio-educativa.

2.1.1 – Descrevendo a Proposta do “Mundo do Trabalho”:

O objetivo deste item é o de apresentar o projeto “Mundo do Trabalho” que tem como proposta promover a inserção do adolescente nas empresas conveniadas. Não se trata de avaliar o desempenho da equipe ou de verificar a qualidade da ação que a instituição desenvolve. O que nos move ao longo destas páginas é proporcionar ao leitor um grande esquema da obra idealizada pelos profissionais da São Martinho que compreendem a complexidade do universo juvenil, mas especificamente da juventude pobre desta cidade, e que devido a esta característica, sua proposta pedagógica aborda temas que assolam a sociedade visando estimular a capacidade de analisar criticamente os fatos.

Inicialmente, esta proposta foi elaborada para atender à população de rua, ou seja, inserir o menino que trabalhava nas ruas e que possuía baixa escolaridade.

“O Projeto Mundo do Trabalho quando ele começa, ele começa para esse menino que está em situação de rua. Por que? Porque a São Martinho quando ela começa a trabalhar com o menino que está em situação de rua ela percebe que esse menino vem pra rua em busca de alguma coisa e essa “alguma coisa” era o dinheiro. Então, ele

vinha pra rua pra engraxar o sapato, pra vender a bala, catar papelão, para cometer os pequenos furtos, pedir.... então eram os trabalhos que os meninos em situação de rua faziam e fazem até hoje. Então, o que a S. Martinho pensou? Não basta trabalhar com esse menino aqui na rua, ele tem que ter um local para ele voltar, seja essa comunidade ou seja uma casa para onde ele possa morar e ter um trabalho, porque ele vem pra rua pra isso, ele foge de uma realidade também de violência, de tudo, mas a maioria dos meninos que a gente abordava, abordava com.... é... um pretexto de trabalho na rua, era a graxa, era o doce, enfim.... E aí a gente começa a pensar nessa questão do primeiro emprego pra esse menino, do trabalho... de uma forma que ele pudesse ganhar um dinheirinho e retornar pra casa, tendo esse dinheirinho, já que eles falavam muito que dormiam às vezes durante a semana na rua e que quando chegavam em casa sem o dinheiro, o pai batia, deixava dormir do lado de fora, na varanda, no quintal, em cima do telhado...”

Depoimento de Antigo Funcionário

Como foi relatado anteriormente, a reivindicação mais constante dos meninos de rua era o **trabalho**, desejavam uma situação mais rentável porque era indispensável a sua contribuição no orçamento familiar. Não almejavam a escolaridade, pois não podiam fazer nenhum investimento onde os resultados fossem alcançados a médio e/ou a longo prazo como costuma acontecer quando se investe na formação de um indivíduo. Essas crianças e jovens trabalham com o senso de urgência, ou seja, de forma imediata ou num breve espaço de tempo. Eles não visam nada além do suprimento para a sobrevivência.

Pensando e querendo atender a solicitação dos meninos, a equipe adotou o modelo CESAM – Centro Salesiano do Menor, em Belo Horizonte, que naquela época desenvolvia o Projeto de Inserção no Mundo do Trabalho.

Em seu início, a ação da entidade que se legitimava junto aos adolescentes era bem simples: o Banco da Providência empresta uma sala onde dez meninos de rua são preparados para ingressar no mercado formal de trabalho. Devido ao imediatismo dos meninos, não era possível profissionalizá-los, porque demandava certo tempo de aprendizagem, por esta razão, a

solução encontrada foi a elaboração de um curso que os preparassem para a execução de serviços gerais. Os conteúdos trabalhados pela equipe incluíam noções básicas de Higiene Pessoal; um pouco de Canto; Educação Física; noções de Relacionamento Humano; cuidados com a Saúde; Formação da Personalidade e Leis Trabalhistas. A assiduidade nas no curso, incapacitava o menino de ganhar o seu sustento. Diante deste fato, decide-se ajudá-los com uma Bolsa de Alimentação.

Em meados de 1984, um núcleo se instala em Quintino – subúrbio da cidade – ampliando o seu projeto de ajudar as pessoas com baixa renda oriundas das periferias. Foi neste bairro que se inicia o **Curso de Preparação para o Mundo do Trabalho**. Com o auxílio da Interbrás, consegue-se um convênio para a inserção desses meninos de Quintino no mercado formal. Neste período, em que ainda era Sociedade Beneficente São Martinho não é possível assinar as carteiras de trabalho, pois ainda não possui recursos suficientes para pagar os impostos. Este fato vai acontecer com a transformação da Sociedade para Associação Beneficente São Martinho em 1986.

Com o decorrer do tempo, o projeto Mundo do Trabalho sofre alterações nos conteúdos das oficinas preparatórias a fim de se adaptar às exigências do mercado. Se, inicialmente, o público alvo era os meninos de rua que são contratados para trabalharem como ajudantes de serviços gerais, office boy, mensageiro, empacotador e qualquer outra atividade que não exigisse alta escolaridade, esse perfil vai se alterando aos poucos, pois cada vez mais a formação é o ponto central para contratação desses jovens. Até mesmo os adultos que exercem essas funções já não têm mais um vínculo empregatício estável com as Organizações, pois estas optam por terceirizações que prestam estes serviços a fim de reduzir custos. Cada vez mais as empresas visam redução de empregos buscando trabalhar com custos decrescentes para continuarem competitivas, portanto, qualquer corte é bem-vindo, isto inclui os gastos com meio de transporte. A distância também é um fator decisivo na hora da contratação, não somente pelo custo diário das passagens, mas principalmente pelo desgaste físico e também pela alta probabilidade dos

constantes atrasos. Tanto um item como o outro precisam ser evitados. O primeiro porque onera o custo, no segundo caso o argumento utilizado é que os funcionários não produzem o suficiente devido ao cansaço decorrente do transcurso percorrido. Assim, as empresas não aceitam mais contratar aprendizes que são moradores da Baixada Fluminense.

Outra mudança significativa é o avanço tecnológico, não basta saber ler e escrever, é preciso possuir o mínimo de conhecimento da era digital. Mas, não há dúvidas que a maior alteração que o Projeto sofreu foi inclusão da **Lei do Aprendiz.**²⁴

“Até 2000... o Projeto Mundo do Trabalho tem vinte anos. Até cinco anos passados tínhamos o projeto com carteira assinada, com vínculo empregatício, com todos os direitos, e, chegamos a ter novecentos e alguma coisa, quase mil adolescentes no Projeto. Hoje, só temos quinhentos pela Lei da Aprendizagem... na Lei da Aprendizagem eu tive a diminuição do número de adolescentes. Hoje, se trabalha por cota e essas cotas, dando um exemplo, eu tinha cento e sessenta e cinco adolescentes do BNDES, hoje eu só posso ter quarenta e quatro. Então, financeiramente foi um baque para o projeto. Modificações. Porque até então, - olha que entendimento – eu continuo com os mesmos parceiros, só que eles têm um entendimento que hoje é uma obrigação. Antes, se tinha como responsabilidade social, um querer fazer. Hoje, por imposição da Lei, o seu interlocutor é outro. Ele não entende isso como estar

²⁴ Lei do Aprendiz – **Lei nr. 10.097**, de 19 de novembro de 2000.

Objetivo: Oferecer ao jovem formação técnico-profissional, caracterizada pela alternância entre teoria e prática.

Público Alvo: adolescente entre 14 e 18 anos incompletos, que estejam cursando o Ensino Fundamental ou Médio.

Vínculo Empregatício: contrato de trabalho especial para aprendizagem, com duração de 02 anos no máximo, vinculado pela Consolidação das Leis do Trabalho, com registro e anotação na carteira de trabalho.

Remuneração: salário mínimo proporcional à jornada de trabalho.

Jornada: no máximo 06 horas diárias para aprendizes que estejam cursando o Ensino Fundamental e no máximo 08 horas diárias para aqueles que estejam no Ensino Médio.

Obrigatoriedade: empresas de médio e grande porte são obrigadas, pela lei, a contratar um número de aprendizes equivalente a um mínimo de 5% e um máximo de 15% do total de funcionários, cujas funções demandem formação profissional.

Condições: obrigatoriedade de o adolescente estar inscrito em programas de aprendizagem, que podem ser oferecidos pelo Sistema S (Senai, Senac, Senar, Senat e Sescop), pelas escolas técnicas e pelas organizações não-governamentais, desde que registrada e com seus programas de formação profissional inscritos e aprovados pelo Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente.

www.leidoaprendiz.org.br, 03/07/08 às 14h:40min.

ajudando o adolescente. Primeiro, ele é chamado no Ministério do Trabalho, ele tem aquelas imposições, ele tem que cumprir isso e aquilo. Aquele supervisor que até então poderia passar a mão na cabeça de um adolescente, hoje, ele já não existe mais. Até porque ele tem um relatório de atividades que ele tem que ensinar. Ele hoje, tem que ser um supervisor mesmo. Então, isso trouxe pra gente alguns entraves. Há mudança também de gerência, de quem domina o Projeto. Até então, poderia ser qualquer pessoa. Eu já tive até gerência de auxiliar administrativo, sendo gerente depois de abrir o convênio. Hoje, eu estou ligada diretamente ao Recursos Humanos. Hoje, eu tenho um perfil diferenciado de cobrança desse adolescente que não aceita mais algumas coisas do adolescente. E pra gente financeiramente foi um baque. Quer dizer, hoje eu tô reduzida a 50% daquilo que eu tinha. Eu queira ou não, o Projeto Mundo do Trabalho junto com o telemarketing ainda é a sobrelida da S. Martinho. Já detivemos 73% do financeiro da S. Martinho.”

Depoimento de Antiga Funcionária.

“Acho que só prejudicou justamente nessa fase de transição. Porque a gente tinha alguns adolescentes na condição de trabalhador e pra atender à Lei, alguns desses adolescentes, de acordo com a empresa, de acordo com o próprio Ministério, o acordo com o Ministério de Trabalho..., a saída desses adolescentes foi gradativa a medida que completavam dezoito anos, fazia esse desligamento e a empresa de adequava à Lei e, algumas poucas, não. Essa mudança foi de forma arbitrária, então, assim... isso sim, complicou a vida de alguns adolescentes que na verdade a gente atendia e foram demitidos e a gente teve que recontratar novos. (...) Agora, eu acho que a proposta é extremamente interessante a medida que oportuniza o jovem a nível profissional, uma capacitação técnico-profissional, e que dê condições realmente a ele pós dezoito de permanecer no mercado de trabalho. Se isso na prática..., a gente tá fechando aí... praticamente esse ano que entra (2008)... o primeiro grupo. Se isso na prática realmente ocorrer, eu acho que a Lei... se conseguir efetivar essa Lei na prática, num todo, excelente.”

Técnico vinculado ao Projeto Mundo do Trabalho – profissional com nível superior.

Atualmente, o Projeto Mundo do Trabalho apresenta três etapas, a saber:

- Curso de Preparação para o Mundo do Trabalho;
- Estágio – nos projetos da Instituição;
- Inserção no Mercado de Trabalho.

A primeira etapa do Curso de Preparação para o Mundo do Trabalho se dá através da seleção dos candidatos onde é feita uma análise psicossocial do adolescente. Ainda nesta fase, acontece a entrevista social juntamente com o responsável onde ocorre uma verificação da real situação. Encerrando essa fase, há uma entrevista psicológica com o intuito de se obter um conhecimento mais abrangente do adolescente.

“Pra ingressar no curso hoje, o adolescente tem que estar matriculado e tem que estar cursando no mínimo o último ano do Ensino Fundamental...é... residir e estudar no Município do Rio de Janeiro. A renda familiar não pode ultrapassar três salários mínimos, não poder possuir irmão no projeto – assim: um fazendo o curso e o outro na empresa – em momentos diferentes pode acontecer, é... a idade vai tá variando de acordo com o período que este adolescente vai estar no curso. Então, normalmente, a gente fica entre 15 anos e 4 meses e 15 e 8 meses. Aí, a gente vai variando esse período, porque pode ter 04 ou 05 meses, a gente tem que ter uma projeção de períodos de vagas. Então, a gente tem que pensar nisso tudo pra tá fechando a idade.”

Técnico vinculado ao Projeto Mundo do Trabalho – profissional com nível superior.

“Bem, o pré-requisito é a questão da faixa etária que isso varia, é flexível, é flutuante essa faixa etária porque vai depender de quando a gente inicia o curso. Então, além da faixa etária, a escolaridade hoje que é a 8ª série, e eu acho que isso, a tendência é... essa exigência ser um pouco maior, já encaminhando pro Ensino Médio porque isso também passa a ser uma exigência da empresa. O morar no Município do Rio de Janeiro, não ter irmãos no Projeto, o ganho familiar, a remuneração de até três salários.”

Técnico vinculado ao Projeto Mundo do Trabalho – profissional com nível superior.

Uma vez vencida a primeira fase, os jovens iniciam o Curso de Preparação para o Mundo do Trabalho. O curso tem a duração de cinco a seis meses e é constituído por oficinas pedagógicas que são ministradas por uma equipe multidisciplinar. O intuito deste trabalho, além da inserção é ampliar a formação do adolescente visando seu crescimento profissional e pessoal. As oficinas sofrem alterações de acordo com a demanda das empresas. Atualmente, o curso engloba seis oficinas sócio pedagógicas, a saber:

- **Relações Humanas**, onde os jovens irão refletir sobre a relevância do tema, não apenas no ambiente profissional, mas também familiar, no bairro onde residem, na Instituição de Ensino, entre os jovens, entre as diferentes classes sociais, de gênero e faixa etária. Enfim, eles terão a chance de perceber como eles interagem e são modificados pelo meio em que estão inseridos.
- **Educação Religiosa**. Apesar da S. Martinho ser uma Instituição católica, a proposta desta oficina é a abordagem da formação religiosa do povo brasileiro. O objetivo principal é trabalhar a tolerância entre os jovens, pois, como o grupo é heterogêneo, há diversos credos ou até mesmo, a ausência deste. Trata-se de um debate bastante interessante para os dias atuais, onde um grande número de pessoas querem ser os “verdadeiros” embaixadores da fé. Esta oficina busca reduzir a intolerância contra aqueles que não professam da mesma crença, pois, em muitos casos, ser diferente significa estar equivocado.
- **Linguagem**. Visa não apenas a comunicação escrita e oral, porém também a corporal e a virtual. É o momento onde o jovem além de expor suas opiniões, anseios, há a oportunidade de exercitar a escrita e a escuta, algo difícil de se obter entre os adolescentes. Este é o período da vida onde tudo precisa ser transmitido a todos e ao mesmo tempo. É a fase dos questionamentos e da infundável inquietude.
- **Educação e Cidadania**. Aborda temas que levam os adolescentes a pensar como seus direitos e deveres se mostram em situações cotidianas. Seu foco é não possuir um olhar exclusivo sobre os problemas que a sociedade brasileira enfrenta, principalmente os que envolvem as camadas mais pobres; mas também refletir sobre as

conquistas efetivas que ocorreram e ocorrem nos diferentes cantos do país. Enfim, faz-se um convite ao jovem para se tornar um ser crítico e atuante onde quer que ele se encontre.

- **Gestão Administrativa.** Tem como meta principal orientar o jovem sobre o universo corporativo. Os temas abordados estão diretamente relacionados com o cotidiano empresarial. Trabalha-se a postura deste jovem profissional orientando-o desde a vestimenta, incluindo, principalmente, no caso das meninas, seus acessórios, como as bijuterias extravagantes, tatuagens, enfim, a apresentação pessoal, que precisa ser acima de tudo higiênica e discreta. Também se discute sobre a assiduidade, destreza, pontualidade, o zelo e a vontade ao participar das atividades, pois, não basta concluir rapidamente uma atividade, é preciso querer ir além, fazer melhor, aprimorar-se. Outro aspecto abordado, é a forma como estes alunos interagem durante as atividades; é necessário alertá-los que apesar de ser um mero treinamento, não é permitido uma atitude infantil. Neste estágio é preciso compreender que a escola é a extensão do trabalho e vice-versa. De todas as oficinas, esta é a que está diretamente relacionada ao dia-a-dia da empresa.
- Encerrando este ciclo, há a **Oficina de Inglês.** Este curso não tem a pretensão de formá-los, mas de introduzi-los nesta língua que é o idioma global. Trata-se de mostrá-los a sua importância e o quanto ela está presente em nossas vidas.²⁵

Durante o curso existem dois momentos para a avaliação. O primeiro ocorre após os três primeiros meses e o último acontece na etapa final do processo. Os aspectos a serem avaliados são: **assiduidade; pontualidade; apresentação (vestimentas, acessórios e higiene pessoal); cooperação e iniciativa; compreensão das atividades; interesse; postura e relacionamento.** Todos os jovens tomam ciência da importância de cada item, uma vez que cada educador faz questão de reafirmá-los em suas

²⁵ Uma observação importante. Existem dois turnos em que ocorre o Curso de Preparação para o Mundo do Trabalho. Primeiro: 09h00min às 12h00min e segundo: 13h00min às 16h00min.

respectivas oficinas. Quando um jovem não obtém o rendimento satisfatório na primeira avaliação é convocado para uma conversa com o assistente social ou psicólogo e, não acontecendo uma mudança de postura, o responsável é convidado para que se possa discutir sobre a situação, pois muitas vezes, problemas familiares atrapalham o desempenho do estudante. **Em anexo - instrumento de avaliação.**

Após o curso, os adolescentes iniciam o estágio que tem a duração de 04 (quatro) meses nos projetos oferecidos pela Instituição. Durante este processo, eles também são acompanhados sistematicamente pela equipe de profissionais – Assistentes Sociais, Pedagogos e Psicólogos – da S. Martinho. Às vezes, dependendo da demanda das empresas, o adolescente é contratado sem precisar passar pelo estágio. Em outras ocasiões, com o término do estágio, devido a ausência de vagas nas Organizações, o jovem é obrigado a passar por um período de espera. Muitos acabam perdendo a oportunidade devido ao avanço da idade. Finalmente, ao término desta etapa, eles são inseridos no mercado de trabalho. Porém, o diálogo entre a empresa contratante e a Instituição é permanente.

Esta terceira etapa do Projeto Mundo do Trabalho que é a Inserção no Mercado Formal funciona como uma continuação da ação iniciada nas oficinas do Curso de Preparação. Faz-se então um elo entre família, escola e empresa.

Na empresa:

Até os dezoito anos, o adolescente possuiu o vínculo empregatício através da Associação Beneficente São Martinho com garantias trabalhistas, acompanhamento psicossocial, médico e jurídico. Na condição de Aprendiz, é obrigatório estar matriculado(a) regularmente em uma Instituição de Ensino.

Este período faz não só diferença para eles, mas também para suas famílias, que agora contam com mais uma significativa fonte de renda para a casa.

O acompanhamento do adolescente é feito constantemente através do(a) Assistente Social da Associação Beneficente São Martinho que se faz

presente na própria empresa. Este profissional coordena o trabalho de três ou mais empresas simultaneamente, indo ao encontro dos jovens promovendo reuniões, avaliações, reflexões e discussões sobre os fatos mais recorrentes do universo juvenil e trabalhista. A equipe propõe entre si avaliações, estudos de casos, reflexão e estudos teóricos. Há também a preocupação com a família. Sempre que necessário, oferece-se orientação aos familiares comprometendo-os na educação deste jovem. Existe ainda, o diálogo com a Instituição de Ensino visando acompanhar na medida do possível o desempenho do educando. Visando a interdisciplinaridade, a Associação promove encontros externos cujo a finalidade é a ampliar o olhar do adolescente contatando-os com outras formas de aprendizagem, ou seja, possibilitar o contato com diferentes manifestações culturais através de atividades esportivas, passeios, exposições, cinema, peças teatrais...

Na condição de Aprendiz, o adolescente participa de dois processos. São eles: o Aprendizado Prático – atividades exercidas pelos adolescentes – dentro das Organizações e o Aprendizado Teórico, que divide-se em duas partes: o Módulo Básico e o Módulo Específico. Ao final desta experiência, eles perfazem 428h/aula.

O Módulo Básico engloba as seguintes oficinas:

- **Relações Humanas:** Identidade; Auto e Hetero Conhecimento; Relacionamento Interpessoal; Habilidades; Competências; Excelência no Atendimento; Projeto de Vida; As Relações no Mundo Virtual. Carga Horária: 32h
- **Ética e Cidadania:** Conceito de Éticas: de consumo, social, pessoal e profissional; Lei 8.069 – Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA; Direitos Humanos; Multiculturalismo e Ações Afirmativas: raça, etnia, diversidade e preconceito. Carga Horária: 32h.
- **Preparação para o Mundo dos Negócios:** Recebimento e Conferência de Mercadorias; Atendimento Telefônico; Qualidade Total; Permanência na Empresa: percepção das mudanças e motivação no trabalho; Atendimento ao cliente; Organização e Administração. Carga Horária: 28h

- **Legislação Trabalhista:** Lei do Aprendiz; Orientação sobre o Salário, Vale Transporte, Salário Família, Impostos, Acidente de Trabalho, Previdência Social, Desconto em Folha; Formas Legais de Desligamento. Carga Horária: 16h.
- **Segurança da Saúde do Trabalhador:** Princípios básicos de Saúde e Prevenção; Meio Ambiente e Ecologia; Administração do Tempo; Normas de Segurança da Empresa (CIPA); Doenças Relacionadas ao Trabalho; Doenças Ocupacionais e Medidas de Prevenção. Carga Horária: 16h.
- **Noções de Informática:** Windows e Word. Carga Horária: 32h.
- **Matemática Básica:** Regra de Três Simples; Proporcionalidade; Frações; Descontos Simples; Taxa de Equivalência; Relações de Equivalência; Preço Varejo. Carga Horária: 32h
- **Português Básico:** Noções Ortográficas e Gramaticais; Interpretação de Texto; Produção de Texto. Carga Horária: 40h

O Módulo Específico oferece as seguintes oficinas:

- **Matemática Específica:** Operações Fundamentais; Porcentagem; Juros Simples e Ordinário; Lucros/Prejuízos sobre Preços de Custo ou Venda. Carga Horária: 40h.
- **Preparação da o Mundo dos Negócios:** Técnicas de Arquivo; Rotinas Administrativas; Noções de Direito Jurídico. Carga Horária: 72h.
- **Gerenciando a Carreira:** O empreendedor; O Mercado; O Investimento na Empresa; Os Problemas e as Soluções; Como Competir no Mercado de Trabalho. Carga Horária: 40h.
- **Informática:** Excel; Power Point; Internet. Carga Horária: 48h.

O segundo momento acontece duas vezes por semana nos espaços cedidos pelo Centro de Formação. Em nossas observações de campo percebemos que esta etapa é desvalorizada pela maioria, pois os jovens enxergam o Projeto de modo parcial, o que significa afirmar que somente a atuação nas empresas tem real significado, por este motivo, as oficinas oferecidas, tanto do Módulo Básico como as do Específico representam apenas

uma mera etapa a ser cumprida. Esta observação reforça a idéia de que entre o trabalho e o estudo, o primeiro ganha relevância por oferecer mais *status* e retorno imediato ou a curto prazo. Enquanto o segundo exige mais paciência, seu resultado é alcançado a médio e/ou longo prazo, não oferece atratividade, conseqüentemente é encarado como um mal necessário.

Por esta razão, os profissionais da Associação buscam despertar neste adolescente uma **postura curiosa** perante a vida, ou seja, não encarar os fatos somente pelo viés do consumo e da passividade que são assimilados de forma automatizada, levando o indivíduo a passar por este mundo como um mero espectador, preso principalmente às suas condições biológicas, que envolve somente a capacidade sensitiva e nutritiva. Através do diálogo instigante, a equipe aponta caminhos e não meras e paliativas soluções para que o jovem reaprenda a construir a sua trajetória enquanto adolescente, filho(a), pai, mãe, estudante, provedor(a), e, principalmente como ser humano que vive em uma sociedade desigual.

Ao final do processo ou do trabalho educativo, a taxa de contratação é considerável, sejam nas empresas do setor privado ou nas que prestam serviços terceirizados às estatais. Para os demais que não puderam ser aproveitados pelas empresas, ficam a experiência e o treinamento, o que aumenta significativamente as chances de conquista de um futuro emprego.

3. Sobre o Conceito de Trabalho:

“Se todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho é mais que sagrado, meu amor
A massa que faz o pão
Vale a luz do teu suor
Lembra que o sono é sagrado
E alimenta de horizontes o tempo acordado de viver...”
Amor de Índio -Beto Guedes & Ronaldo Bastos

O conceito de trabalho, a atividade humana de intervenção no mundo, é tema que se faz presente no pensamento desde a antiguidade. Como iremos verificar, em cada período da História, há interpretações distintas, mas que se entrecruzam ora como complemento, ora como negação de tudo que foi anteriormente pensado. Para compreendermos um pouco a dimensão do tema/tópico e sistematizarmos uma breve reflexão, este texto trará essencialmente a contribuição de dois pensadores, a saber: Hannah Arendt, e Zygmund Bauman.

No primeiro caso, trata-se de uma pensadora judia alemã marcada pela experiência de ter presenciado os horrores do nazismo, fato que estará presente em sua vasta produção acadêmica que aborda temáticas como política, totalitarismo, violência, trabalho, labor, autoridade e, principalmente, a natalidade, ou seja, para esta autora é a esperança no novo que faz com que os homens busquem atuar em concerto visando modificar a realidade vigente. Para fundamentar esta afirmação, a autora recorre várias vezes ao pensamento clássico, especificamente no apogeu da cidade de Atenas, na Grécia onde o *logos* era o mais importante instrumento de inserção na vida política da sociedade. Através do discurso o homem fazia a sua segunda, e mais importante aparição no mundo deixando de ser meramente um indivíduo biológico.

Para os gregos, assim como para Hannah Arendt a vida só vale a pena ser vivida se for contada, ou seja, a biografia a salva do esquecimento. Por isso, não basta simplesmente estar no mundo, é preciso contribuir de alguma forma para a sua transformação e, para tanto, é necessário compreendê-lo, visualizá-lo, e finalmente, deixar a nossa marca pessoal. Não se trata de mera

vaidade, de vida superficiais, de biografias que não agregam sentimentos e valores éticos como estamos acostumados diante das celebridades atuais, mas de pessoas que tem o **mundo** como a sua referência essencial, isto significa dizer, não somente viver para si ou para ou seu pequeno secto, mas pensar e atuar de forma global, pensando nas gerações passadas, presentes e futuras.

Nos diz a autora:

“(....) e a morte enquanto um nivelador dificilmente desempenha qualquer papel na filosofia política, muito embora a mortalidade humana – o fato de que os homens são “mortais”, como os gregos diziam – fosse compreendida como o mais forte motivo para a ação política no pensamento político pré-filosófico. Era a certeza da morte que fazia com que os homens procurassem a fama de imortal em feitos e palavras, e os instigava a estabelecer um corpo político potencialmente imortal. Deste modo, a política era precisamente um meio de escapar da igualdade diante da morte para uma distinção que assegurasse alguma medida de imortalidade.”

(ARENDDT, Hannah, 2000, pág: 51)

Em sua biografia notamos que ela carregou consigo o sentimento da diferença e da exclusão por ter vivido durante alguns anos como apátrida, e, segundo suas palavras *“os diferentes, os párias conscientes de sua diferença e de sua exclusão, representam a verdadeira e digna humanidade, de modo que a condição primeira de todo intelectual deveria ser o anticonformismo social.”* (DUARTE, André, 2008)

Esta condição marcou profundamente sua reflexão política. Ser um excluído, não participar da vida política de uma sociedade era o mesmo que tornar-se um indivíduo supérfluo. Daí, a importância de trazer à luz/ ao cenário político de sua época o pensamento político greco-romano, a experiência única vivida na *res pública* e na *polis*. Não se trata simplesmente resgatar e admirar o passado, mas de trazer à tona este modelo político, extrair dele a experiência do discurso e da ação conjunta para o contexto moderno, ou seja, ao retomar a prática e o conhecimento teórico dos gregos e transformando-os com a

conjuntura atual, conseqüentemente, estaríamos gerando o novo, ou seja, a natalidade viria fluir.

Segundo Hanna Arendt:

“O que faz um homem um ser político é a sua faculdade para a ação; ela o capacita a reunir-se a seus pares, agir em concerto e almejar os objetivos e empreendimentos que jamais passariam por sua mente, deixando de lado os desejos pessoais, se a ele não tivesse concedido esse dom – o de aventurar-se em algo novo. Filosoficamente falando, agir é a resposta humana para a condição da natalidade.”

(ARENDR, Hannah, 2000, pág: 59)

Para esta dissertação, a obra privilegiada foi “A Condição Humana”. Ao aprofundarmos a leitura da pensadora alemã, ficou claro que deveríamos ampliar nosso entendimento buscando compreender alguns autores que são citados em sua principal obra.

Quando Arendt constrói as categorias de labor, trabalho e ação (política) se baseia em reflexões extraídas das filosofias Clássica e Moderna. No primeiro caso, destaca-se a obra aristotélica e no segundo, trata-se especificamente da produção de Kant e Karl Marx.

Neste obra, a autora apreende da Antiguidade o conceito de homem como animal político, ou seja, trata-se do indivíduo livre que se revela e se iguala perante os entes de sua comunidade através do discurso e da ação, visando o bem não somente para si e seus familiares, mas para todos os seus concidadãos.

A aproximação com a obra kantiana surge quando a autora aborda os desdobramentos da ação, ou seja, quando ela afirma que esta tem o caráter da imprevisibilidade, nos impondo a necessidade de intermediar constantemente a relação com o outro, pois como afirma o filósofo moderno, apesar da necessidade que o ser humano tem do isolamento, ele só se constitui enquanto homem no convívio com os seus e, para tanto, o antagonismo proveniente das

ações humanas – pois apesar de sermos iguais em espécie, possuímos objetivos distintos - é analisado por Kant como um traço do desenvolvimento humano. Para a autora alemã este embate entre os humanos tem como aspecto fundamental a possibilidade de trazer algo novo ao mundo.

Ao explicitar a diferença entre labor e trabalho, a filósofa tece algumas críticas à obra de Marx. Para o autor em questão, a criação do homem ocorre através do trabalho e, desta forma, o indivíduo deixa de ser somente um *animal rationale* como afirmava a tradição e passa a ser um *animal laborans*.

Cita a pensadora:

“O próprio motivo da promoção do labor como trabalho na era moderna foi a sua “produtividade”; e a noção aparentemente blasfema de Marx de que o trabalho (e não Deus) criou o homem, ou de que o trabalho (e não a razão) distingue o homem dos outros animais, era apenas a formulação mais radical e coerente de algo com que toda a era moderna concordava.”²⁶

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 96)

Prosseguindo a leitura, verificamos que esta análise persiste quando a filósofa critica docemente a centralidade do conceito de trabalho contida no conjunto de sua extensa produção acadêmica. Enquanto para Marx, o indivíduo constrói a sua subjetividade através do trabalho, para a filósofa alemã esta categoria representa a durabilidade mundana. Nesta etapa o conceito de homem se restringe a *fabricador de artefatos*. A subjetividade humana se revela através da ação que para a pensadora representa o nosso segundo nascimento, a nossa principal condição humana. Porém, quando o pensador alemão elabora o conceito de alienação; este aponta para a condição do homem de sentir-se afastado, isolado do processo de produção e não se

²⁶ Ao enunciar que umas das idéias mais persistente de Marx desde sua juventude foi “a criação do homem através do trabalho humano”, Arendt nos alerta que foi Hume e não Marx o primeiro a insistir que o trabalho distingue o homem do animal. Cita a autora: “Como o trabalho não desempenha qualquer papel importante na filosofia de Hume, este fato tem interesse apenas histórico; para ele, essa característica não tornava a vida humana mais produtiva, mas somente mais árdua e mais dolorosa que a vida animal. Contudo, é interessante, neste contexto, notar com que cuidado Hume insistia repetidamente que nem o pensamento nem o raciocínio distingue o homem do animal, e que a conduta dos animais demonstra que estes possuem as mesmas faculdades.” (ARENDDT, Hannah. A Condição Humana, pág: 97)

perceber como autor do seu próprio trabalho, ou melhor, diante do avanço capitalista, tanto o trabalhador quando a obra por ele produzida são percebidos como meras mercadorias, sendo que o primeiro se torna mais desvalorizado quanto maior for a riqueza que ele consegue produzir. Neste processo de estranhamento entre o homem e o objeto fabricado, o capital se fortalece.

“A apropriação do objeto tanto aparece como estranhamento (*entfremdung*) que, quanto mais objetos o trabalhador produz, tanto menos pode possuir e tanto mais fica sob o domínio do seu produto, do capital.”

(MARX, Karl **apud** ANTUNES, Ricardo, 2004, pág: 177)

Portanto, a solução encontrada por Marx para superar a exploração da mão de obra é a ação coletiva da classe operária, onde o indivíduo supera este ciclo vicioso que o transforma em uma simples máquina destrozada e brutalizada intelectualmente, ou seja, ao estágio de pura degradação. Assim, podemos concluir que tanto para Marx como para Hanna Arendt a ação constitui o fator diferencial e essencial na vida humana. Porém, é importante ressaltar que os caminhos traçados na obra dos autores citados são distintos. Enquanto para o primeiro, esta atividade atrelada ao movimento operário torna-se a bússola que impulsiona o homem a superar a alienação fruto do processo capitalista, para Arendt ela está relacionada diretamente ao conceito de natalidade, ou seja, o novo, representa a nossa verdadeira aparição no mundo.

Nosso segundo pensador é o sociólogo polonês contemporâneo Zygmunt Bauman que atua como professor emérito das Universidades de Leeds e de Varsóvia. Ao abordar temas da atualidade como tecnologia, globalização e suas conseqüências humanas, identidade, comunidade, trabalho, consumo, entre outros, o autor impressiona por sua originalidade ao relatar a passagem da modernidade sólida, segura, pré-determinada para a pós-modernidade líquida, fuídica, caótica, imprevisível. Para este polonês de origem hebraica, o mal estar humano é o centro de suas reflexões.

Assim como Hannah Arendt, a vida e a obra de Bauman também foram marcadas pela experiência nazista. Um fato curioso ocorreu em 1939 quando ele juntamente com sua família fugiu para Rússia. Lá, ele se inscreveu num corpo voluntário de poloneses para combater o regime opressor.

Ao analisar a contemporaneidade, Bauman chama a atenção para a individualização fruto do esfacelamento das relações humanas. Consequentemente, a percepção das queixas provenientes das injustiças crescem assustadoramente fazendo aparecer um cenário de caos e solidão. Por esta razão, este ensaísta profícuo e sensível nos alerta para a importância de rearticular os elos entre os indivíduos e a sociedade e entre as esferas privada e pública visando restaurar a vida social e política.

“A socialização, como diz a maioria dos livros escolares aos calouros de sociologia, consiste em induzir as pessoas a fazer de boa vontade o que têm de fazer.”

(BAUMAN, Zygmunt, 2000, pág: 85)

Embora distanciados por quase quarenta anos, os autores privilegiados nesta revisão bibliográfica (Arendt e Bauman) nos apresentam conceitos através dos quais se verifica a possibilidade de refletir diretamente sobre a experiência de trabalho dos adolescentes: (i) a temática do labor e (ii) a fluidez das relações no mundo contemporâneo. Tanto o labor como a fluidez existentes na contemporaneidade estão diretamente ligados ao ato de consumir. O labor e consumo são efêmeros e contínuos. Isto implica dizer que o que está em jogo é a satisfação instantânea seja no simples ato da alimentação, nas relações pessoais e trabalhistas, principalmente nas condições de contrato ou prestação de serviços. Com o crescimento acelerado da sociedade de consumo, o trabalho deixa de possuir duas de suas principais características apontadas por Arendt e Bauman: a durabilidade e a solidez, para tornar-se laboral e fluido, ou seja, em constante devir.

“O consumidor é uma pessoa em movimento em fadada a se mover para sempre.”

(BAUMAN, Zygmunt, 1999, pág: 93)

Parece-nos, portanto, que não é possível realizar uma reflexão sobre o estudo e trabalho de nossos adolescentes sem nos dedicarmos a uma revisão da trajetória deste tema.

3.1. Labor, Trabalho e Ação Política em Hannah Arendt:

Para Arendt, o mundo é criação humana. É o homem fazendo existir a sociedade e a sociedade fazendo existir a ação do homem.

De acordo com o pensamento da autora, a existência humana, é assim constituída: a) a atividade **biológica**, ou seja, são as nossas determinações humanas, dela depende a sobrevivência da espécie; b) o **trabalho**, que produz um mundo artificial que se destina também à sobrevivência humana como para a sua melhoria neste mundo, e, por último, c) a **vida ativa**, que é a atividade fim do homem, no qual encontraremos conjuntamente as duas condições anteriores.

A atividade biológica é a funcionalidade e conservação da nossa existência, ela está relacionada ao **labor**, que é a própria vida. Vale apenas ressaltar que a condição do labor, vai além do que é determinado pela natureza, pois impulsiona a vida. É o processo biológico do corpo humano. Ele serve para promover o nosso próprio sustento, é corporal e tem um aspecto servil com a finalidade para atender às necessidades da vida. De acordo com a autora, seu consumo é imediato e nada deixa atrás de si, apenas nos impulsiona nesta luta desenfreada do qual depende a nossa existência.

“Laborar significava ser escravo pela necessidade, escravidão esta inerente à condição humana.”

(ARENDR, Hannah, 1983, pág: 94)

A experiência do **labor**, diferentemente das demais condições da vida humana, é a única atividade que não necessita da presença mundana, pois trata-se de uma ação voltada para dentro de si, ou seja, sua densidade está intrinsecamente ligada à vida, permanece preso ao metabolismo da natureza sem jamais transcender a série repetitiva do seu funcionamento. O homem torna-se escravo da inalterável necessidade exigida pelo movimento cíclico da

natureza. Ao contrário do **trabalho** que cessa quando se conclui o objeto imaginado para expô-lo entre os outros artefatos mundanos, o **labor** não se deixa interromper, pois, caso dissipe a dor e a fadiga que são frutos do processo laboral, o homem deixa de existir. Portanto, o labor só é interrompido pela morte.

“Mas o esforço do labor jamais poupa o animal de repeti-lo mais uma vez, e permanece, portanto, como “eterna necessidade imposta pela natureza.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 114)

O **trabalho** tem como finalidade, a criação de um mundo de artefatos; é o artificialismo – traz consigo uma elaboração – da existência humana. Significa trabalhar sobre um material. Neste estágio, há uma separação entre o homem e o objeto a ser trabalhado que terá a sua utilidade e durabilidade no mundo. Tanto o **trabalho** como o **labor** visam o consumo, porém, no primeiro caso, o processo ocorre mais lentamente devido à durabilidade de cada artefato criado, enquanto, na segunda opção, o consumo é imediato. O homem subjetivo através do seu trabalho com o uso da sua razão, cria um universo objetivo. Enquanto no **labor** o processo é vital - homem nutre a natureza -, no **trabalho**, o *homo faber* faz uso dos objetos naturais e os transforma.

“O animal que, com o próprio corpo e a ajuda dos animais domésticos, nutre o processo da vida, pode ser amo e senhor de todas as criaturas vivas, mas é servo da natureza e da terra; só o *homo faber* se porta como amo e senhor de toda a terra.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 152)

No **trabalho**, a imagem e o modelo precedem todo o processo de fabricação, pois antes de ganhar forma e até mesmo após o seu desgaste, o fruto do trabalho, ou seja, o produto, já existia na mente do *homo faber* e servirá de guia/modelo/representação durante toda a produção do novo objeto. Segundo a autora, esta imagem além de preceder e acompanhar o processo

de edificação de uma nova matéria, permanecerá após o desgaste da mesma. Ela servirá de molde para a contínua fabricação do utensílio.

De acordo com a filósofa, o *homo faber* é um destruidor da natureza, pois dela extrai o material que futuramente será transformado em artefato por suas mãos e instrumentos. Este novo objeto disporá de certa durabilidade, que irá se esvaír com o uso que fazemos dele. O ato de violência presente em todo processo/seguimento da fabricação, transforma o *homo faber* em senhor e amo de toda a terra, mas o *animal laborans* que nutre o processo da vida com o seu corpo, apesar de ser senhor e amo das criaturas vivas, tem a sua condição de servo da natureza e da terra.

Diferentemente das condições anteriores, a **ação** é a política no seu sentido mais amplo. Sua condição é a pluralidade. É a única atividade que os homens exercem sem a mediação da matéria. Quando abordamos a pluralidade, não significa dizer que somos todos iguais, tem haver com a subjetividade. A **ação** é a atividade política no sentido da criação individual ou em grupo. Fazemos parte da espécie humana, portanto, somos iguais, porém nossos comportamentos são distintos. Segundo a pensadora, o que nos torna humano é a nossa capacidade de agir que é desencadeada pelo discurso. Ao elaborarmos uma síntese de uma situação específica ou de um período histórico através da linguagem, a nossa humanidade vem à tona. É com atos e palavras que nos inserimos no mundo e este fato, além de nos diferenciar dos demais seres existente no planeta, representa o nosso segundo nascimento. Na condição de *animal laborans* e de *homo faber*, o discurso desempenha um papel secundário, funciona apenas como um meio de comunicação, pois, nada impede o ser humano de trabalhar e laborar em silêncio e no isolamento, mas é somente na **ação** que as palavras nos revelam, mesmo quando fazemos uso delas para fins de autodefesa ou mera satisfação de interesses pessoais.

Outra característica da **ação** acompanhada do **discurso** é que ela só pode sobrevir na pluralidade, revelando desta forma, o papel imprescindível da

alteridade nesta terceira condição humana. Em conseqüência deste inevitável confronto, instala-se o conflito e a tensão que desencadearão novos processos entre os debatedores. Portanto, a **ação** possui no seu cerne a previsibilidade do início do discurso e a imprevisibilidade de suas conseqüências.

“Essa distinção singular vem á tona no discurso e na ação. Através deles, os homens podem distinguir-se, ao invés de permanecerem apenas diferentes; a ação e o discurso são modos pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como meros objetos físicos mas enquanto homens.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 189)

A **vida ativa** não corresponde a qualquer atividade. É a vida política dedicada a assuntos públicos, é a vida onde o homem pode escolher livremente independente da sua condição de existência. É a vida que não está voltada para o útil, e sim, para o belo.

Podemos desta forma, afirmar que: o **labor** é um processo constante; o **trabalho** é determinado, há um prazo para a construção de um novo objeto; e, finalmente a **ação**; onde há um ponto de partida, mas seu término é imprevisível, pois dependerá dos indivíduos envolvidos no processo como também das circunstâncias e acontecimentos inesperados que surgirão ao longo da trajetória.

Após esta breve exposição das categorias centrais apresentadas no livro “A Condição Humana”, passamos a analisar de forma sucinta a abordagem de Hannah Arendt aos seguintes pensadores: Aristóteles, Kant e Karl Marx na obra citada.

Com o pensador clássico, a autora tem em comum a idéia de homem como um ser essencialmente político. De acordo com o pensamento aristotélico, é a capacidade que o homem tem de relacionar-se com os outros através da linguagem que o torna um ser político. Pode-se labutar, trabalhar sem o outro, mas não fazemos política sem a sua presença. Um homem isolado numa ilha não deixa de ter uma vida humana, pois será necessário descobrir alimentos, fazer instrumentos, construir um lugar para se abrigar,

tudo isso envolve capacidade técnica, mas, ele só será inteiramente humano quando encontrar alguém para estabelecer uma relação ético-político, pois o homem nasceu para a vida cidadã, ela não é um luxo, é uma realidade intrínseca.

Na Grécia antiga, a antiga *oikos* (família-lar) era a unidade elementar, sua função fundamental era satisfazer as necessidades cotidianas. Uma extensão natural da *oikos* eram os burgos ou aldeias, agrupamento de famílias que se assemelham entre si. Era um seio onde a família se estendia. Levavam para um plano mais amplo o regime familiar. O elemento diferenciador era a *Polis*, ela era diferente da aldeia e da família.

Na Antigüidade, a *Polis* era o fim último de todas as associações humanas diferentemente da sociedade moderna que pensa no individualismo, ou seja, o todo é resultado do interesse de cada parte. A *Polis* é ontologicamente anterior ao indivíduo, pois aquilo que entendemos é anterior ao que fazemos. Ela é a perfeição da organização política. Os gregos não tinham noção do que era Estado, e sim, Estados irmãos, o que quer dizer que eles lutavam por um fim comum. O homem labor ou o *animal laborans*, ou seja, aquele que trabalha para consumir e consome para trabalhar, perde o conceito de político tornando-se assim um ser anômico e um consumista desenfreado, e para os gregos, esse tipo de homem estava próximo à animalidade.

A tese do fim último da *Polis* era o bem viver geral. Não significava viver juntos, mas viver bem. As instituições políticas possuíam a missão não apenas de zelar pelo bem de todos, mas sim formar cidadãos, e, o principal veículo de formação geral do cidadão era a moral e a ética, e não apenas a instância jurídica. A *práxis* (ação) está no sentido ético político. O fim da ação é a boa ação, é a sua própria perfeição, é onde o homem se distingue dos outros animais e também dos deuses. Quando agimos de maneira justa nos tornamos melhores pessoas, assim como os deuses, caso contrário, somos piores que as feras. Os deuses não precisam de política, ela é uma atividade tipicamente humana. O drama humano está em escolher, pois podemos escolher mal, e então, somos injustos e piores que os animais, pois estes não

distinguem entre o bem e o mal. A imagem de um animal devorando o outro mexe, choca a minha sensibilidade, mas um homem agredindo outro, causa indignação, a ação humana tem uma clivagem que não encontramos em outras espécies.

“Toda a arte e toda a investigação, bem como toda a ação e toda escolha, visam a um bem qualquer; e por isso foi dito, não sem razão, que o bem é aquilo a que todas as coisas tendem. Mas entre os fins observa-se uma certa diversidade: alguns são atividades, outros são produtos distintos das atividades das quais resultam; e onde há fins distintos das ações, tais fins são, por natureza, mais excelentes do que as últimas.”

(ARISTÓTELES, 2000, livro I, 1094a5, pág: 17)

O teleologismo da ética aristotélica é o sumo bem ou bem supremo que é incondicional e diferenciado do particularismo. Ele é um fim em si mesmo e não apenas um meio para se obter algo que resulte do mero interesse individual ou de um grupo restrito. O bem não se iguala a *techné* e a *práxis*, pois até mesmo nestas artes, os fins buscados são diferenciados. Por esta razão, para o filósofo grego, agir e produzir não são atividades idênticas. Contudo, a ciência política, assim como a moral são **artes/criações** arquitetônicas, pois tudo o mais dependerá do uso que faremos delas, portanto definir o que é uma comunidade política e o que é um homem bom, definirão todas as demais categorias existentes que envolvem a vida humana.

De acordo com a ética aristotélica o sumo bem é a *eudaimonia* (felicidade), pois somente esta é um bem procurado em si mesmo, ela é a finalidade última. Buscamos a saúde, o prazer, a riqueza, entre outros bens não por eles mesmos, mas visando a felicidade, porém, tanto a riqueza, a saúde e o prazer quando perseguidos de modo incomensurável, traz consigo a sensação de poder absoluto, daí a impotência, o sentimento de imortalidade, a perdição e a ausência de ataraxia. Por ser auto-suficiente e absoluta a *eudaimonia* não depende dos demais bens. Tais características/adjetivos, tornam a vida desejável e sem a carência de nada.

O bem supremo se define pelo *ergón* (função) do homem através de uma existência pautada no exercício das virtudes. Tendo em vista o cumprimento da função é que fazemos todos os nossos empreendimentos. E, a prática das virtudes se dá no contexto da *Polis*. Além de compartilhar uma vida vegetativa e nutricional com as plantas, assim como do estado sensitivo e perceptivo dos animais, a função humana se diferencia por seguir a atividade da alma segundo um princípio racional. Ao participar da vida racional enquanto *energeia* (exercício constante da *hexis* - representa o seu caráter, da sua maneira de ser) o homem cumpre o seu *érgon* (função). Não se trata de uma escolha.

Porém, um bem não basta para si mesmo, é preciso extendê-lo aos outros, ele também não está restrito a apenas a geração presente; é preciso honrar os feitos de nossos antepassados, assim como projetá-lo para as gerações futuras. Ao homem, não basta o mero cumprimento de sua função – que é ser bom -, ele precisa ser da melhor forma possível tendo em vista a perfeição, a excelência. Por esta razão, não há bem maior que uma vida dedicada à contemplação.

“Por ser auto-suficiente não entendemos aquilo que é suficiente para um homem isolado, para alguém que leva uma vida solitária, mas também para os pais, os filhos, a esposa, e em geral para seus amigos e concidadãos, já que o homem é um animal político.”

(ARISTÓTELES, 2000, livro I, 1097b10, pág: 26)

Para os gregos, a vida contemplativa (vida dedicada aos estudos, às verdades eternas) é superior à vida ativa, mas é somente na vida ativa através do *logos* que o homem mais se realiza, por isso é o melhor dos seres na AÇÃO. Daí, o perfeccionismo dos gregos.

“Quando agimos, fazemos para uma certa perfeição em nós.”

(ARISTÓTELES, 2002, livro 3, pág: 83)

Apesar dos séculos que separam os dois autores, Hannah Arendt revigora o pensamento aristotélico ao trazer à tona o papel do discurso e da ação nas relações humanas. Sem a capacidade de agir, o indivíduo se

restringe à sua condição biológica, ou seja, sua existência limita-se a construção de objetos - como os antigos artesãos da era clássica e os operários da era moderna - e a manutenção do metabolismo corporal, ou seja, trata-se de uma vida estabelecida, determinada, seqüencial, mecânica, uniforme, repetitiva e cíclica que não traz consigo nenhum elemento original e renovador que possa romper com essa insipidez.

Se por um lado a autora retoma Aristóteles para analisar a experiência de homem político no período clássico, chegando à modernidade, ela também vai se apropriar dos conceitos de liberdade e antagonismo expostos na obra kantiana

Ao pensar a política como a constituição de um espaço que quebra justamente a dinâmica da ordem causal para abrir uma ruptura nos acontecimentos presentes, Arendt se aproxima da idéia kantiana de liberdade, ou seja, o ser humano não age mais de maneira sedimentada a partir da mera repetição da ordem causal, mas o indivíduo inaugura uma esfera onde a política possa acontecer. Se, sobrevive a mera repetição, instala-se a politicagem. Para a autora, o pensamento é capaz de reproduzir tais rompimentos, o que significa dizer que ele produz justamente um campo pelo qual a ação tornar-se um ato revolucionário.

“(...) a ação só pode ser julgada pelo critério de grandeza, porque é de sua natureza violar os padrões consagrados e galgar o plano do extraordinário, onde as verdades da vida cotidiana perdem sua validade, uma vez que tudo o que existe é único e sui generis.”

(ARENDR, Hannah, 1983, pág: 217)

Podemos perceber a inspiração kantiana uma vez que para este filósofo o que está em questão é justamente a idéia de liberdade que é exatamente poder escapar da ordem mecânica e causal dos acontecimentos. Ao mesmo tempo em que você escapa da ordem causal, você se reinsere em uma outra dimensão dando início a um novo processo. Este fato é uma característica de um pensador arquetônico como Kant.

Outro aspecto da obra do autor moderno é o conceito de antagonismo que está presente no processo de humanização. No livro “Idéia de Uma História Universal do Ponto de Vista Cosmopolita”, Immanuel Kant nos mostra na 4ª proposição como a “*insociável sociabilidade*” (Kant, 1983, pág: 13) se constrói através do antagonismo – algo constitutivo ao homem – promovendo o seu desenvolvimento.

Nos diz o autor moderno:

“O meio que a natureza se serve para realizar o desenvolvimento de todas as suas disposições é o antagonismo das mesmas na sociedade, na medida em que se torna ao fim a causa de uma ordem regulada por leis desta sociedade. Eu entendo aqui por antagonismo a insociável sociabilidade dos homens, ou seja, a tendência dos mesmos a entrar em sociedade que está ligada a uma oposição geral que ameaça constantemente dissolver essa sociedade. Essa disposição é evidente na natureza humana. O homem tem inclinação para associar-se porque sente mais como homem num tal estado, pelo desenvolvimento de suas disposições naturais. Mas ele também tem forte tendência a separar-se (a isolar-se), porque encontra em si ao mesmo tempo uma qualidade insociável que o leva a querer conduzir tudo simplesmente em seu proveito, esperando oposição de todos os lados, do mesmo modo que se sabe que está inclinado a, de sua parte, fazer oposição aos outros.”

(KANT, Immanuel, 1986, pág: 13)

Esta é uma idéia muito forte e presente em todo o pensamento moderno, ou seja, continua-se trabalhando com a idéia do antagonismo, pensando a sociedade dentro de um processo histórico que se aprimora a medida que o antagonismo vai se estabelecendo. É a visão do pensamento dialético inserida no interior da obra de vários pensadores, seja da era clássica ou moderna. Mas que antagonismo é esse? O que está em questão? O pressuposto básico é que o antagonismo vai produzindo aos poucos o surgimento de uma ordem harmônica entre os homens.

A primeira instância antagônica para Kant é a insociabilidade do homem, que é uma espécie de tendência natural do ser humano a construir tudo por si

mesmo. O homem para Kant, é esse ente que tudo o que ele precisa alcançar, a princípio ele tenta sem o auxílio do outro. A tendência do antagonismo é que de início surge a tensão entre o *eu* e o *outro*, de tal modo que o *outro* é sempre experimentado. Ou seja, é uma instância contrária. Porém, essa insociabilidade do homem é um bem segundo a visão kantiana, pois, é bom que a princípio o homem olhe para o *outro* como um inimigo e não como um simples contrário, pois, é exatamente por ser desta forma que o *eu* e o *outro* se vêem diante da necessidade de intermediar a relação.

Em contrapartida, existe a experiência da dependência do outro que é maximamente tão humana quando a sua tendência ao isolamento. Se tentarmos fabricar todos os utensílios necessários à nossa sobrevivência, ou seja, agir apenas como um *homo faber*, vamos esbarrar incessantemente nos limites da nossa produção, o que nos mostra que dependemos do trabalho coletivo para que efetivamente possamos fazer usos dos objetos necessários à nossa sobrevivência. Essa dependência é produzida pela própria necessidade do homem; ela não diz respeito apenas às adversidades da natureza como chuva, tempestades, maremotos, intempéries em geral. Essa exigência tem haver com a nossa coexistência, o que significa dizer que o *eu* não tem como existir sem contar com o *outro*. Percebemos claramente quando olhamos para os objetos que estão inseridos no mundo que eles estão repletos de referências, desses eixos que articulam os homens. Mesmo que não houvesse a necessidade dos indivíduos conviverem com os outros, há alguma coisa que é constitutiva da existência humana que é justamente essa mútua dependência que está diretamente ligada à constituição das ações humanas em geral.

O antagonismo neste ponto é pensado a partir da idéia de aprimoramento, desenvolvimento e progresso, ou seja, é a tradução do período moderno e que ainda não superamos por completo.

Podemos afirmar que esta necessidade à convivência com os outros imposta por nossa própria condição e que se consolida através do antagonismo proveniente dos diferentes movimentos humanos está presente na obra arendtiana quando esta afirma que a ação por possuir o caráter da

irreversibilidade nos obriga a intermediar a nossa relação com os demais indivíduos através do *perdão* e da *promessa*. Percebe-se que estes dois fatores são essenciais para que o desenvolvimento humano prossiga em seu curso.

Ao trabalhar com o conceito do *perdão*, a filósofa alemã afirma que sem a remissão da pena não há como recompor as relações humanas, sem ele nos tornamos seres de uma única ação, conseqüentemente nos calam e nos isolamos algo impossível para o ser plural. Por outro lado, a *promessa* visa de alguma forma conter a imprevisibilidade da ação através do compromisso estabelecido entre os homens, oferecendo uma espécie de porto seguro. O ato de prometer leva o indivíduo a ter domínio de si mesmo, estabelecendo com o outro uma relação mais estável. Porém, diante dos fatos inesperados que surgem no desenrolar da ação não garante a estabilidade tão desejada.

“(...) no perdão, como na ação e no discurso, dependemos dos outros, aos quais aparecemos numa forma distinta que nós mesmos somos incapazes de perceber.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 255)

“A impresivibilidade, eliminada, pelo menos parcialmente, pelo ato de prometer, tem dupla origem: decorre ao mesmo tempo da “treva do coração humano”, ou seja, da inconfiabilidade fundamental dos homens, que jamais podem garantir hoje quem serão amanhã, e da impossibilidade de se prever as conseqüências de um ato numa comunidade de iguais, onde todos têm a mesma capacidade de agir.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 255 e 256)

“(...) O fato de que o homem não pode contar consigo mesmo nem ter fé absoluta em si próprio (e as duas coisas são uma só) é o preço que os seres humanos pagam pela liberdade; e a impossibilidade de permanecerem senhores únicos do que fazem, de conhecerem as conseqüências de seus atos e de confiarem no futuro é o preço que pagam pela pluralidade e pela realidade, pela alegria de conviverem com outros num mundo cuja realidade é assegurada a cada um pela presença de todos.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 255)

Apesar de alguns pensadores mais contemporâneos considerarem que a insociabilidade do homem é uma noção dogmática, pois alegam que o homem é ideologicamente insociável, mas, o que percebemos em certas situações cotidianas é que as mesmas te impõe a insociabilidade. Se pensarmos o cotidiano, verificamos que este é regido por instrumentalidade, por esta razão, ele produz uma tendência natural de transformar o *outro* em mero instrumento. Não podemos afirmar que o homem tem uma tendência natural à competitividade, mas podemos confirmar que culturalmente a lógica do desempenho impera em todos os meios, a começar principalmente na fase escolar. Vivemos num mundo marcado pelo desempenho que produz uma tensão entre aqueles que participam do processo. Isso não quer dizer que as crianças já nascem com tendência para a competição. Elas não são cooperativas e egoístas por si mesmo, enfim, elas são possibilidades e não há como afirmar que elas serão de um jeito/disposição/maneira ou de outro.

Finalizando esta breve apresentação, apontaremos alguns conceitos presentes na sociologia clássica sobre o trabalho, em especial na obra de Karl Marx.

Para Karl Marx, a base de cada sociedade humana é o processo de trabalho, que significa seres humanos cooperando entre si para fazer uso das forças da natureza, portanto, para satisfazer suas necessidades. Para este autor, o trabalho precisa antes de tudo dar respostas a estas exigências; o que quer dizer que para Marx, o trabalho significa **uso de valor**, ele deve ser útil ao ser humano. Por esta razão, o mesmo é visto como algo variado e complexo, ele não é compreendido na sua forma concreta. Assim ele escreve:

“Portanto, um valor de uso ou bem possui valor, apenas, porque nele está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato.”

(Marx,2003,pag:47)

“Todo trabalho é, por um lado, dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico, e nessa qualidade de trabalho humano igual ou trabalho humano abstrato gera o valor de mercadoria”. Todo trabalho é, por um lado, dispêndio da força de trabalho do homem sob

forma especificamente adequada a um fim, e nessa qualidade de trabalho humano concreto útil produz valores de uso.”

(Marx, 2003, pág: 53)

Segundo Marx, o ser humano carece de adaptações para estar inserido no mundo. Os animais fazem aquilo que é determinado pela natureza, porém, o homem, é criador de sua própria condição de existência, portanto capaz de mudar sua atividade prática. O grande problema é que a atividade prática humana tem caráter dual: a emancipação e a submissão. A grande maioria sente-se manipulada por forças que não controlam e que são oriundas da divisão do trabalho que é socialmente determinada. E essa divisão do trabalho se faz através de uma divisão hierárquica do trabalho, ou seja, a submissão do manual ao intelectual. Ao mesmo tempo que a divisão do trabalho no capitalismo desumaniza o homem - é o indivíduo sendo explorado por outro ou pelo sistema -, há um modelo de produção idealizado por Marx (modelo comunista), onde seria possível uma divisão do trabalho humanitário.

Da divisão do trabalho do modelo capitalista surge a condição de alienação/afastamento, o que significa que o homem é criador da sociedade, mas é alienado dela, portanto, é preciso formar o cidadão simultaneamente através de uma atividade prática e política, pois quem possui consciência é o indivíduo e não a espécie. Neste aspecto, podemos perceber semelhanças na elaboração do pensamento dos dois autores, pois para ambos somente a ação política é capaz de transformar a realidade. No caso de Marx, é a superação do processo alienante proveniente da exploração do modelo desumano do capitalismo.

Como pode existir alienação? Como o sujeito pode estar afastado daquilo que ele mesmo criou? Paradoxalmente, o sentimento de alienação está ligado à consciência individual. Tanto os animais como os homens percebem o mundo através dos sentidos, quer seja um cão ou um homem, mas a consciência biológica por si não gera uma relação do indivíduo com o mundo, porque para supor esta relação é preciso ter consciência do mundo externo, e isso os animais não possuem. Eles apreendem o mundo exterior pela via dos sentidos, apesar de assimilarem, o mundo não é algo que possa ser

transformado, pois este já está dado, ou seja, está lá, é uma questão de seguir apenas os instintos, não passa por suas cabeças organizar o mundo, eles aceitam tal qual ele é e se adaptam. O animal não administra o mundo, não impõe um desígnio consciente e inteligente, daí ele não se sentir realizado ou frustrado. O homem, é o único ser vivo que produz ele mesmo a condição de sua existência, e por esta razão, por transformar o mundo, ele pode sentir-se alienado. O animal não tem história, relação, portanto, não são alienados, pois a consciência biológica não pressupõe a consciência do mundo – dentro e fora -. Não cancelamos o mundo objetivo simplesmente fechando os nossos olhos; existe uma diferença entre enxergar e ver. O animal não interpreta a sua dor, não é capaz de racionalizar a dor e o sofrimento que sente, é apenas um incômodo onde o instinto dita suas regras. Ele não faz um dilema moral, psicológico, não indaga o porquê, se é uma vontade de Deus; o mundo simplesmente é um dado.

Para Marx, o homem começa a ter consciência do mundo quando há uma separação da nossa inteligência com o mundo. O primeiro passo para esta mudança de paradigma é a linguagem; é quando deixamos de aceitar o mundo tal qual ele é e começamos a transformá-lo. Ele parte da diferença do eu e do não eu, ou seja, o mundo (fora de mim). A consciência humana, sendo individual, baseada na idéia da diferença, pensa de forma embrionária nas hierarquias existentes (desigualdades), pois onde existe trabalho humano, existe a consciência da diferença, há a divisão do trabalho, onde existe aquele que manda e aquele que obedece, portanto, confirma-se a hierarquia.

A consciência humana para Marx está associada à idéia de trabalho, onde ele é o primeiro objeto de reflexão do homem. Por esta razão, grande parte dos nossos trabalhadores, incluindo crianças e adolescentes, vê o mundo como um meio hostil. Para a imensa maioria da humanidade, o mundo representa opressão, o que gera a alienação, ou seja, a idéia que vivemos no mundo que nos constitui de fora para dentro, construído pela atividade coletiva que é desigual e nos leva a sensação de afastamento; e, sentir-se alienado é sentir-se fora do controle, é algo de fora que nos oprime, é como a sociedade

se encontra organizada. Esta consciência coletiva que nos oprime, não é ela em si, mas sim a sua causa, ou seja, a divisão do trabalho.

“Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas conseqüências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tão mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremde*) que ele cria diante de si, tão mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio.”

(MARX, Karl *apud* ANTUNES, Ricardo, 200, pág: 177)

Desta forma, podemos concluir que para Marx a consciência humana se constrói através do trabalho, pois, antes de atuar em cada fase da construção do artefato, o mesmo já se encontrava idealizado, elaborado na mente do trabalhador. Porém, em contrapartida podemos afirmar que ele também se sente alienado quando atrelado ao processo de fabricação em massa. Neste momento, a produção exige diferentes especialistas, sendo que ao final do processo, o homem não se reconhece, não percebe o seu traço como artista ou artesão na obra produzida. Para este pensador, o sentimento de exclusão/alienação gerado no interior da divisão do trabalho será superado através da ação política e revolucionária do movimento operário/da classe operária.

Tanto para Hannah Arendt como para Marx, a ação política desempenha o papel de retirar o homem da mesmice, da repetição, da alienação fazendo surgir uma nova configuração de mundo. Porém, a autora difere da concepção de trabalho presente na obra marxista. Ao distinguir labor de trabalho, a pensadora limita a segunda categoria. Esta diz respeito ao domínio que o homem exerce sobre a matéria a ser modificada. Seu resultado é um artefato mundano que apresenta certa durabilidade. O homem, sua consciência só se revela na ação política, na quebra dos movimentos uniformes impostos, seja por sistemas políticos, religiosos, educacionais e trabalhistas.

As idéias apresentadas acima nos auxiliam a montar um quadro de como Hannah Arendt descreve a condição humana.

3.2. Bauman e a *Fluidez do Mundo*:

Após as transformações ocorridas durante século XX, vivemos atualmente uma nova forma/característica da relação entre o homem e o trabalho. O homem deixa de ser um indivíduo da natureza que tende a um bem, rompendo com o finalismo dos gregos. Também nos questionamos se ele ainda é um ser que se constrói enquanto humano através do trabalho como afirma Marx. Assim como, se atualmente os artefatos duráveis fruto do trabalho humano como nos informa Hannah Arendt ainda tem o seu lugar na contemporaneidade onde os produtos são fabricados para serem consumidos quase que imediatamente. Quando há a durabilidade, esta permanece até o momento do despertar de um novo desejo ou prazer. Em tempos atuais, a ansiedade humana não cessa diante da satisfação das necessidades mas, ao contrário, ela aumenta na medida em que não percebe quais são as mais recentes “novidades” expostas nas diversas vitrines, prontas para incutir nas mentes e nos corpos humanos que precisam ser absorvidas, caso contrário, o que resta é o sentimento de exclusão. Este é o ideal do capitalismo selvagem que incessantemente através dos meios de comunicação existentes transmite a ideologia do consumo exacerbado que atinge principalmente os seres humanos passivos, e isto inclui um número considerável de jovens espalhados pelo mundo.

“Para os bons consumidores não é a satisfação das necessidades que atormenta a pessoa, mas os tormentos dos desejos que ainda não percebidos nem suspeitados que fazem a promessa ser tão tentadora.”

(BAUMAUN, Zygmunt, 1999, pág: 90)

O ato de consumir é intrínseco à vida humana, mas o que difere este fato tão primórdio do novo estilo contemporâneo é que enquanto os nossos antepassados consumiam para saciar os ciclos vitais; atualmente apetites são inventados com o intuito de deixar o ser humano com sensação de contentamento provisório, satisfação ilimitada que só será interrompida, dissipada quando a capacidade de consumir se extinguir seja porque o tédio se apossou deste estilo de vida que está repleto de atos repetitivos e insossos

fazendo as novidades terem o aspecto de ultrapassadas, sem atratividade ou porque as condições financeiras são degradantes e não acompanham a volatilidade do capital.

Esta característica líquida – o devir incessante - da contemporaneidade atingiu de forma radical as relações humana, em especial as trabalhistas.

Com o aumento do desemprego; o declínio de algumas ocupações do setor público e das carreiras sólidas e planejadas; a diminuição do emprego e o aumento do setor terciário; o enfraquecimento dos sindicatos; o avanço cada vez mais arrebatador da tecnologia; a ampliação do tempo livre e o triunfo da sociedade capitalista que nos impõe como condição humana a atividade do consumo. Enfim, diante das características citadas somos levados a nos questionar se o trabalho ainda constitui uma categoria central na formação do indivíduo/do homem como foi idealizado pela Sociologia Clássica.

Segundo Bauman, o trabalho mudou de caráter. O mundo deixou de apresentar a solidez fortemente desejada e construída ao longo da Idade Moderna apoiada na idéia da racionalidade suprema e do progresso em todos os segmentos da vida humana para tornar-se líquido, fluido e universalmente flexível. Não apenas os contratos trabalhistas, a cultura, as relações humanas, a identidade passaram a perseguir o ideal da flexibilidade. Não existe um porto seguro, o que há são os instantes prazerosos, o caos, a desordem e a confusão. O acaso, a contingência e o acidente são as únicas certezas neste mundo inconstante. O trabalho já não possui o poder de estabelecer a ordem e auxiliar o homem a ser o construtor do seu próprio destino. Ele passou a ser um interesse entre outros e não somente o único alvo/marco da vida humana.

Segundo o autor:

“Quaisquer que tenham sido as virtudes que fizeram o trabalho ser elevado ao posto de principal valor dos tempos modernos, sua maravilhosa, quase mágica, capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório certamente está entre elas. Graças a essa capacidade, foi atribuído ao trabalho um papel principal, mesmo decisivo, na moderna ambição de submeter, encilhar e colonizar o

futuro, a fim de subsistir o caos pela ordem e a contingência pela previsível (e portanto) controlável seqüência dos eventos. Ao trabalho foram atribuídas muitas virtudes e efeitos benéficos, como, por exemplo, o aumento da riqueza e a eliminação da miséria; mas subjacente a todos os méritos atribuídos estava sua suposta contribuição para o estabelecimento da ordem, para o ato histórico de colocar a espécie humana no comando do seu próprio destino.”

(BAUMAUN, Zygmunt, 2001, pág: 160)

Bauman aponta que umas das características do antigo mundo sólido era a crença inabalável no futuro. Esta fé mantinha as pessoas presas ao planejamento de vida que incluía a escolha de uma carreira. Trata-se de um ideal onde havia a possibilidade de imaginar o início, o desenvolvimento, a plenitude e o fechamento deste ciclo. Era um modo de ser, tratava-se do destino da raça humana que ao homem só bastava cumprir as etapas existentes e assim evitar os transtornos advindos da desordem, que significava viver à margem de uma sociedade com valores fortemente fixados nos diferentes contextos, tais como: a família, a religião, a comunidade, a identidade, as relações humanas e o trabalho. Este último quando não percebido como condição natural da espécie humana levava o homem à solidão, à miséria e à imoralidade. Portanto, ser digno implicava ter a posse de uma profissão, fosse do domínio manual, técnico ou intelectual.

Outra característica moderna e para alguns pensadores superada é a experiência da coletividade. Numa era marcada pela produção, cada trabalhador tinha o seu papel a cumprir. Gerando o sentimento de um só corpo, unindo todas as forças para alcançar o mesmo objetivo. Esta forma de agir extendia-se a todas as facetas da vida humana. Com isso, a experiência adquirida transformava-se em um valioso diferencial, pois transmitia às pessoas a sensação de estarem próximas a perfeição, a um estado de completude. O lema moderno era o aprendizado acumulativo e em longo prazo. Daí a importância de se ter um projeto de vida ou planejamento.

Atualmente, estes aspectos que outrora foram essenciais, cedem lugar para a imprevisibilidade. Para o sociólogo o elo que existia entre trabalho,

riqueza e bem-estar se esfacelou com o crescimento e autonomia do capital e a destruição do mundo sólido, conseqüentemente, o “*trabalho é mais formado que formador*” (BAUMAN: 160) – esta idéia inverte a filosofia de Marx - . Por não oferecer mais segurança e estabilidade, o senso de oportunidade é a regra de ouro nesta sociedade. Antecipar-se aos acontecimentos viabiliza a possibilidade de se evitar momentos desagradáveis e a obtenção de instantes prazerosos que já contém em seu cerne o prazo de validade.

Outro atributo outorgado ao trabalho é que ele deixou de ser o único ou o mais importante fundamento da vida humana. Agora, ele representa um dos interesses entre tantos outros, não necessariamente o mais interessante ofertado ao homem. O autor aponta que mais do que senso de dever e sentimento de orgulho, o traço mais marcante do trabalho na modernidade líquida é o seu caráter estético.

“Raramente se espera que o trabalho “enobreça” os que o fazem, fazendo deles “seres humanos melhores”, e raramente alguém é admirado e elogiado por isso. A pessoa é medida e avaliada por sua capacidade de entreter e alegrar, satisfazendo não tanto a vocação ética do produtor e criador quanto as necessidades e desejos estéticos do consumidor que procura sensações e coleciona experiência.”

(BAUMAN, Zygmunt, 2001, pág: 161)

Atualmente, em especial na sociedade brasileira, verificamos que apesar das ofertas de entretenimento e a diminuição dos postos de trabalho as pessoas não aproveitam de forma produtiva/qualitativa o aumento do tempo livre, ou seja, o ócio, pois a diminuição do trabalho vem acompanhada da desvalorização salarial o que obriga as pessoas a buscarem diferentes ocupações com o intuito de complementar a remuneração. Outra característica observada neste novo parâmetro é a descontinuidade da carreira, o que significa dizer que na escala atual o aprendizado assume caráter de constância, mas sem o aprofundamento das questões, pois demandaria longo prazo, portanto, torna-se cada vez mais comum o indivíduo

assumir diferentes profissões ao longo de sua existência e que muitas vezes distanciam-se da sua formação acadêmica. Não existe uma continuidade linear e progressiva. No mundo dos contratos com prazo de validade a busca pela informação descartável ganha terreno preterindo o conhecimento solidificado. A saída *do mundo das cavernas*²⁷ cercado com os seus grilhões de valores fixos, seqüenciais, previsíveis, monótonos e sem grandes alterações nos coloca diante de um desconhecido continente que trouxe consigo a promessa da autonomia, flexibilidade, tempo livre e qualidade de vida; tudo isso atrelado a idéia de consumo. Pode-se afirmar que vivemos para consumir e consumimos para viver. E todos os aspectos da vida humana adquirem este atributo. Abordagem que aproxima o conceito de liquidez do sociólogo polonês do pensamento de Hannah Arendt quando esta afirma que com a chegada da Revolução Industrial o trabalho foi substituído pelo labor que tem como aspecto fundamental ser efêmero e contínuo, conseqüentemente os produtos advindos deste modo de produção são para serem consumidos e não usados. Quem se afasta deste círculo vicioso é percebido como “refugo humano” (BAUMAN, 2005) por não alimentar esta cadeia.

Os jovens que nasceram no mundo líquido, portanto não conhecem outro modelo de sociedade, absorvem e sofrem diretamente as influências deste modo de vida. As amizades, os vínculos empregatícios, o estudo, a relação familiar, escolar e comunitária trazem consigo o compromisso de ser somente satisfatório. O tempo da espera, da maturação é encarado como um fardo, já que não portam a certeza de um retorno prazeroso. A rotina também é percebida com angústia por levar os jovens a manter o mesmo compasso. Buscam por mudanças incessantes sem perceber que este processo é tão alienante, repetitivo e incerto.

²⁷ **O mito da caverna**, também chamada de **Alegoria da caverna**, é uma [parábola](#) escrita pelo [filósofo Platão](#), e encontra-se na obra intitulada [A República](#) (livro VII). Trata-se da exemplificação de como podemos nos libertar da condição de escuridão que nos aprisiona através da luz da verdade.

Alguns ainda chamam de **Os prisioneiros da caverna** ou menos comumente de **A parábola da caverna**.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mito_da_caverna, 02/06/2008 às 15h:26min.

“A incerteza do presente é uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir, e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a idéia de “interesse comum”, fica cada vez mais nebulosa e perde seu valor prático. Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não somam, não se acumulam numa “causa comum”, não têm endereço específico, e muito menos óbvio.” (BAUMAUN, Zygmunt, 2001, pág: 170)

3.3. Conclusão:

Com a sociedade de consumo, os bens passam a ser descartados, provisórios. O jovem submetido a esta “modernidade líquida” abrevia o tempo de uso daquilo que era anteriormente fruto do trabalho, isto é, bem durável. Há, portanto, uma exacerbação do consumo, ou seja, do labor.

É possível afirmar que muitas crianças e jovens passam praticamente uma grande etapa de suas vidas, tendo no labor a sua principal condição, como foi abordado anteriormente na obra de Hannah Arendt, ou seja, o trabalho é visto apenas para satisfazer as necessidades mais básicas da vida humana, não é visto como um instrumento de ascensão na sociedade. Sua consciência política não é trabalhada para que se torne sujeito de sua própria história, como nos alertou Marx e Engels. Eles raramente conseguem perceber que aquilo que transformamos com a nossa habilidade de raciocínio nos mostra que não somos seres limitados. Portanto, é preciso apelar e mostrar que a atividade prática vem da sua condição de sujeito e conseqüentemente através desta atuação ele constrói a sua história.

O grande desafio/questão que a sociedade tem hoje em suas mãos é: é possível formar uma consciência crítica, política e ética, num mundo cada vez mais sem empregos, onde tudo é feito para ter pouca duração? Atualmente trabalhamos mais com as informações, que são mutáveis e de fácil assimilação do que com a formação do jovem que é algo contínuo, onde só há ponto de partida, e não existe o término, é um fluxo constante/devir. Qual a relação que o jovem possui com o trabalho? Ele é um valor ou apenas uma saída

encontrada para manter a sua subsistência? E os estudos? Como conciliar com a rotina trabalhista? É visto como uma ponte para um processo de transformação em sua vida ou apenas uma estratégia para adquirir um diploma e continuar competitivo?

Ao fazer esta breve síntese da obra destes pensadores, me questiono qual é o lugar do trabalho na vida de tantos adolescentes na sociedade brasileira?

4 – O que dizem os jovens:

4.1. Sobre o trabalho:

"O prazer no trabalho aperfeiçoa a obra."

Aristóteles

A pesquisa de campo realizada com os jovens da São Martinho inseridos no projeto "Mundo do Trabalho" teve início em Fevereiro de 2007. Naquele mês de férias escolares o espaço era freqüentado por 04 adolescentes de 14 e 16 anos, do sexo masculino e oriundos da Casa-residência Dom Bosco localizada na Glória. Naquele momento, devido à pequena quantidade de alunos e o fato de todos terem histórico de vida tão semelhante, a Associação resolveu suspender temporariamente o curso para integrá-los com outros jovens que não eram somente residentes de abrigos. Esta etapa teve início em março de 2007 e encerrou em dia 25 de julho do mesmo ano.

Este primeiro encontro serviu para mostrar que a São Martinho não é apenas uma Associação que encaminha os jovens para o mercado de trabalho, mas que busca ter a família como parceira nesta nova etapa onde o(a) adolescente assumirá "instrutivas e edificantes" responsabilidades. É preciso compreender que trabalhar e estudar será uma tarefa árdua, por esta razão, a educadora deixa bem clara a idéia que entre o estudo e o trabalho, o primeiro tem prioridade na vida do adolescente, pois o mesmo não tem a obrigação de trabalhar e sustentar a família. Outro esclarecimento é que nem todos serão encaminhados para às empresas, pois além da competição natural que ocorre durante o curso, há alguns fatores que não podem ser esquecidos, tais como: (I) o número de vagas oferecidos e (II) atender aos pré-requisitos referentes à Lei do Aprendiz. O objetivo mais importante da Associação é provocar uma mudança no comportamento deste ser humano em formação, esteja ele inserido ou não em alguma organização empresarial.

Os primeiros encontros em todas as oficinas têm o intuito de ouvir os jovens. Alguns temas globais como: adolescência, trabalho, estudo, violência,

cidadania, educação, ética... são inseridos durante a conversa a fim de captar a resposta sincera e espontânea de cada um, pois desde o início, eles têm plena consciência que estão lutando por uma vaga, portanto, suas respostas costumam ser artificiais e memorizadas. Neste momento, o antagonismo se instala, ou seja, há uma tensão entre o *eu* e o *outro*, de tal forma que mais importante que expor quais são seus verdadeiros sentimentos, pensamentos, opiniões e conhecimento por um determinado assunto, o que ocorre com frequência é a tentativa de destruir o argumento alheio com o intuito de estar em evidência, ou seja, desde o início instaura-se um jogo de força entre os jovens. Por este motivo, os profissionais responsáveis utilizam técnicas de *dinâmica de grupo* como um dos métodos que ajudam a captar por meios verbais e não verbais o que realmente eles sentem e pensam e também para demonstrar que dentro de um ambiente competitivo como as empresas, o trabalho em equipe, apesar de exaustivo/esgotante auxilia a formação humana, pois nos revelamos entre os iguais superando desta forma, insociabilidade e inteligência individual.

O tema mais recorrente nestas ocasiões é o trabalho. As respostas são confusas; às vezes direta e outros não têm a menor idéia do porquê estão participando do curso, ou seja, o trabalho é uma escolha familiar, uma responsabilidade imposta.

Este é um aspecto desafiador deste estudo. Ao serem questionados sobre qual seria o principal motivo que os levam a desejar serem inseridos no mercado de trabalho, observa-se uma multiplicidade de razões. Dentre as mais freqüentes, estão o *desejo de ajudar na manutenção da casa e a vontade de adquirir bens materiais*. Outros alegam que trabalhar é importante para *perder o estigma de desocupado, ocioso e vagabundo*, porque estudar, a princípio, não oferece ao jovem e sua família algo de concreto, trata-se de um investimento a longo prazo que traz consigo a incerteza de uma mudança/alteração no padrão de vida. As falas relativas à escolarização usualmente são complementadas pelo discurso da aprendizagem de um ofício. Na vida destes jovens e seus familiares o imperativo é a sobrevivência: trata-se da satisfação das necessidades básicas que precisa ser garantida. Por este

motivo, toda a ação empreendida precisa alcançar resultados imediatos: renda e trabalho.

De acordo com o relato da Coordenadora do Projeto:

“Hoje, há uma mudança social gritante e atualmente eu tenho o adolescente como fonte de renda mesmo. Então, a gente ainda vê um pai quando a gente diz: *‘eu preciso que o seu menino passe a estudar à noite.’* Ele reluta no primeiro momento, mas depois ele vê que ele precisa que esse menino mude de escola porque ele precisa daquele dinheiro mesmo.”

Coordenadora do Projeto Mundo do Trabalho.

Há também os que estão lutando por uma vaga dentro de uma empresa por *imposição familiar que advém do medo da influência do tráfico sobre a juventude*. Neste caso, os pais alegam que por trabalharem durante o horário comercial, não têm condições de acompanhar a rotina de seus filhos num período da vida bastante conflituoso e indefinido como é a adolescência. Como os jovens atendidos pelo Projeto Mundo do Trabalho são oriundos das comunidades pobres da cidade do Rio de Janeiro, existe o contato direto com o tráfico de drogas que domina o ambiente e impõe as suas leis através da violência física e simbólica, portanto, a saída para alguns responsáveis é o trabalho, pois o mesmo irá contribuir para a formação do bom caráter e do sentimento de responsabilidade deste adolescente através da disciplina imposta pelo cotidiano profissional, afastando-os do fascínio que o narcotráfico exerce sobre alguns. Para uma parcela destes que ainda se encontram na tenra idade, esta atração representa uma das possibilidades de se adquirir não somente bens materiais, ascensão e status mas, principalmente visibilidade.

“Normalmente é assim... parte da família o primeiro passo, porém com a mudança de perfil, a gente percebe que há adolescentes que estão vindo pra gente com uma postura mais madura, então você percebe que o interesse é deles também. Eles têm uma perspectiva diferente desses adolescentes mais imaturos.

(...) Mas o que se tem muito é a questão... vamos dizer assim... o interesse do responsável e tem o interesse do adolescente, mas eles

são distintos. A família normalmente quer que o adolescente venha pra cá independente de ser um adolescente com mais ou menos dificuldade porque ela quer ocupar esse menino, esse adolescente. Ocupar por quê? Porque às vezes ele mora numa comunidade perigosa, violenta e tem essa preocupação com o envolvimento com o tráfico, essa absorção pelo tráfico. E o adolescente, ele está querendo de fato é o dinheirinho dele. Ele está aí investindo em cursos, conseguindo bens materiais que todo adolescente quer porque a gente vive numa sociedade de consumo mesmo. Mas, normalmente é assim, é a família que dá o primeiro passo.”

Assistente Social do Projeto Mundo do Trabalho.

Durante os debates nas diferentes oficinas do Curso de Preparação é constante em suas falas o sentimento de discriminação social, étnica e econômica. Em seus discursos eles afirmam que quando não há o reconhecimento eivado de preconceitos, o que eles experimentam no cotidiano com mais freqüência é a indiferença ou invisibilidade social.

O projeto em estudo, além de oferecer oficinas, promove passeios ao ar livre, visitas aos museus, exposições, idas ao cinema, práticas esportivas. Existe a preocupação de inserir este jovem nos diversos espaços que promovam um olhar mais abrangente das diferentes formas de manifestação cultural e de lazer. Estes programas, não são elaborados aleatoriamente, há um planejamento prévio onde a cada recreação o adolescente terá que refletir sobre o conteúdo apreendido informalmente produzindo debates, cartazes ou textos. O intuito é ampliar o desenvolvimento das capacidades de expressão, comunicação, interação social e cognição. Frequentemente é bastante comum em seus relatos, desenhos ou textos a presença do constrangimento que os mesmos sentem perante as pessoas nos espaços públicos e nos meios de transporte, principalmente quando estão em grupos.

Há também aqueles que desejam trabalhar porque vislumbram nesta etapa a possibilidade de tornarem-se *independentes*. É preciso estar atento para esta afirmativa, porque *independência* está atrelada à idéia de *autonomia*, ou seja, não necessariamente o aspecto financeiro é o único fator que se faz

presente nesta mudança de atitude. Muitas vezes eles argumentam que quando não trabalhavam havia um controle rígido por parte dos pais. Regras eram estabelecidas, às vezes nem sempre cumpridas, mas o controle existia porque os mesmos eram vistos como jovens imaturos, ociosos e irresponsáveis. Neste caso, o trabalho e não o estudo é o *divisor de águas* na vida destes adolescentes, pois só através da aprendizagem de um ofício, da rotina enfadonha, dos horários fixos de uma Organização Empresarial e as responsabilidades a cumprir com o orçamento familiar fazem com que este jovem forçosamente mude de atitude e amadureça prematuramente²⁸. Conseqüentemente, entende-se por *independência* assumir compromissos perante à comunidade/seus vizinhos, a si mesmo e aos seus familiares. O aspecto financeiro é apenas o resultado da mudança de postura: trata-se aqui da construção de uma imagem – a do jovem trabalhador.

Ao serem questionados como foi esta transição – estudante/trabalhador – alguns jovens fizeram a seguinte afirmação:

“Agora meu pai tem mais confiança. Por exemplo: antes eu não podia sair, agora eu posso sair à noite, sabe... Antes se eu chegasse em casa às 02h:00 era um escândalo, agora eu chego às 04h:00 e pouca; ele só vai lá (no quarto) pra me dá boa noite no máximo. Tenho muito mais independência agora.”

Adolescente de 15 anos

“Acho que estão me tratando com um pouco mais de respeito. Antes eu só ficava na rua jogando bola, assim... agora eles estão vendo que eu tô descendo pra vir pro curso, assim.. aí eles me tratam como se eu fosse um homem. Agora não sou mais moleque. Entendeu?”

Adolescente de 15 anos

“Mais respeito, acho que sim... eu acho porque eu poderia estar procurando um caminho errado, um caminho diferente, mas não, eu estou procurando... eu estou por um caminho certo, então, eles me dão mais valor.”

²⁸ Vale ressaltar que o adolescente para se inscrever no Projeto Mundo do Trabalho precisa ter necessariamente entre 14 anos e 15 anos e 04 meses.

(...) Agora eles me valorizam mais. Não é que não me valorizava só que agora eles estão valorizando bastante. Porque primeiro emprego é assim... meu irmão tá me vendo trabalhando, assim.. ele tá bastante feliz. Ele não tá me vendo mais à toa dentro de casa, sem fazer nada... então.... modificou bastante por parte do meu irmão.”

Adolescente de 15 anos

Outro motivo recorrentemente citado é trabalhar para *ser alguém na vida*. Estar na condição de desempregado representa ser *ninguém* na visão destes jovens e seus respectivos familiares. Ser *alguém* implica em receber um salário para manter a subsistência e adquirir respeitabilidade dos demais membros dos distintos segmentos da sociedade, portanto, o trabalho exerce um papel essencial neste processo de reconhecimento, é uma espécie de segundo nascimento, representa um renascimento. Em seus discursos, este processo está atrelado à imagem de uma pessoa independente e confiante. Eles acreditam que quanto mais precocemente ocorrer a inserção no mercado de trabalho maiores serão as chances de se tornarem bem sucedidos, ou seja, o tempo e a experiência em empresas seria, na concepção destes jovens, mais determinantes que uma boa formação acadêmica. Outrossim, existe a possibilidade de se obter a admiração de parentes e vizinhos e tornar-se o orgulho dos pais.

Esta idéia da formação da juventude pobre através do trabalho faz parte da nossa história. Ao longo dos séculos instituíram-se dois tipos de infância: a abundante e a desfavorecida economicamente, socialmente e culturalmente. No primeiro caso, trata-se daquela oriunda das famílias abastadas que via na formação acadêmica um diferencial para seus filhos, formando desta forma uma elite que tinha acesso à educação formal e aos bens culturais dominantes e valorizados. Estes pequenos infantes que serviam como modelo/padrão de infância tinham o espírito cultivado para serem as futuras mentes pensantes, perpetuando desta forma, a hegemonia de uma classe. Neste aspecto, a educação formal atuava - e ainda há resíduos desta mentalidade na contemporaneidade - como um poderoso instrumento de exclusão social.

De outro lado, havia a infância desvalida oriunda dos escravos, dos trabalhadores rurais e mais recentemente dos operários que desde o princípio eram orientados com fins exclusivamente de reconhecer a sua posição dentro da pirâmide social. Sem educação formal os jovens das classes populares percebem-se como mão de obra sem valor. Esta percepção gera o sentimento de inferioridade perante o ideal dominante, levando os mais pobres a buscarem na labuta a sua realização, sua auto-estima, seu reconhecimento enquanto ser humano. Neste processo, percebemos que desde os tempos mais remotos do descobrimento do país, o trabalho desempenha o papel essencial na formação do caráter do trabalhador e de seus descendentes. Através dele é possível disciplinar a mente e o corpo afastando-o da ociosidade e embutir certos valores como o da reconhecimento da autoridade. Neste contexto, não se cultiva o brincar. Portanto, podemos concluir que enquanto a infância abastada recebia como ainda recebe o aprimoramento intelectual, na outra extremidade, a infância desvalida/desamparada sofreu e ainda sofre o constrangimento ou limitação de ser futura mão de obra desqualificada.

“O trabalho é a condição da existência do pobre; se este é forçado a suspender seus penosos esforços, uma horrível perspectiva se lhe apresenta; a nudez, a miséria, o desespero o assaltam e o oprimem; é preciso morrer ou receber socorros sempre insuficientes da caridade pública.”

(CONY, A.C.X. *apud* PARDAL, Maria Vitória, 2005, pág: 66)

Embora o discurso contemporâneo valorize a formação acadêmica e a empregabilidade do indivíduo dependa diretamente da sua escolaridade – conforme apontam os cientistas e os especialistas – os depoimentos dos jovens privilegiam a manutenção do vínculo empregatício imediato. Ora, ter possibilidade de empregabilidade futura está mais relacionado a aspectos da formação geral (anos e qualidade de estudo) e menos a experiências profissionais anteriores que muitas vezes se caracterizam pelo seu cotidiano enfadonho, repetitivo sem atratividade, alterações significantes ou até mesmo especialização.

Os jovens em estudo e suas respectivas famílias ainda acreditam que a ascensão profissional dependa exclusivamente do tempo dedicado à empresa e à sua formação técnica do que propriamente seus conhecimentos formais. Isto significa afirmar que para os adolescentes matriculados no Projeto Mundo do Trabalho e seus familiares, o trabalho adquire mais relevância que os estudos. Porém, ao fazer essa escolha, eles não percebem que perpetuam antigos ideais burgueses, ou seja, que aqueles que são oriundos das camadas mais baixas da pirâmide social, ainda permanecem restritos aos trabalhos subalternos. Conseqüentemente, eles não rompem com o ciclo de pobreza de seus antepassados.

O sociólogo francês Pierre Bourdieu ao analisar o investimento em educação que cada classe social realiza, comenta que em se tratando do nível mais baixo da pirâmide, ou seja, as classes populares, suas escolhas estão diretamente vinculadas às condições de sua existência. Isto significa dizer que trata-se de um estilo de vida marcado pelo senso de urgência, do imediato, do curto prazo e que desde muito cedo a família operária e seus descendentes desenvolvem um sentido prático para as suas escolhas e os estudos fazem parte desta eleição. Por esta razão, cursos rápidos, técnicos, práticos que visem a inserção mais rápida no mercado de trabalho são mais ambicionados que a vida acadêmica formal que visa a ascensão social. Em conseqüência deste fato, ou seja, o *ethos* restrito das classes trabalhadoras permite que a classe abastada se reafirme e perpetue como legítima.

Ainda de acordo com Bourdieu, as chances de sucesso escolar tornam-se reduzidas por depender diretamente do capital econômico, social e, principalmente cultural, o que faz da escolha pela escola um risco, pois o seu retorno é incerto, seu êxito acontece a longo prazo e, finalmente, não necessariamente ajudará na sua ascensão social. Portanto, nesta pesquisa, foi possível perceber que o investimento das famílias e dos jovens na educação está muito aquém do que poderia e seria necessário para se obter a formação básica. Trata-se de uma visão de mundo que ainda não compreendeu que a escola é determinante para a profissão e a vida desses jovens.

Atesta Bourdieu:

“A ajuda (escolar) fornecida pela família reveste-se de formas diferentes nos diferentes meios sociais: a ajuda explícita (conselhos, explicações, etc...), e percebida como tal, cresce à medida em que o nível social se eleva (...), ainda que pareça decrescer à medida em que o grau de sucesso escolar aumenta. Acontece que ela constitui apenas parte visível das “doações” de todo tipo que as crianças recebem de suas famílias. Se lembrarmos, por exemplo, que a porção de laureados que fizeram sua primeira visita ao museu ainda na infância (...) com sua família, cresce com a origem social – o que constitui apenas um indicador, entre outros, dos estímulos diretos e difusos dados pela família -, veremos que os jovens das categorias superiores acumulam a ajuda difusa e a ajuda explícita, enquanto os jovens das classes médias (em particular os filhos dos professores primários) recebem sobretudo uma ajuda direta, ao passo que os jovens das classes populares, salvo exceção, não podem contar com nenhuma dessas duas formas de ajuda diretamente rentáveis escolarmente.”

(BOURDIEU, Pierre, 1989, pág: 36)

Entretanto, esta investigação pôde registrar que, ao priorizar trabalho em detrimento do estudo, os jovens inseridos no Projeto não buscam apenas construir suas identidades como profissionais. A obtenção de renda, a possibilidade e a vontade de se fazerem presentes no mercado como consumidores é fundamental para a construção de suas subjetividades. Para estes adolescentes pesquisados, filhos das classes trabalhadoras inseridos numa sociedade invadida pela publicidade que prega a felicidade através do consumo, é usual observar em seus comportamentos as contradições e angústias provenientes do desejo de adquirir bens materiais *versus* a falta de possibilidade financeira para concretizar tal fato.

De acordo com o depoimento de alguns jovens sobre trabalhar com o intuito de consumir:

“Assim... tudo assim... lá em casa a renda é pouca. Minha irmã tem a casa dela, mas de vez em quando fica lá em casa. Aí, eu queria

comprar umas coisas não podia por causa do meu pai que tinha que pagar dívidas, botar coisas *pra* dentro de casa e minha mãe desempregada. (...) meu pai faz bico, biscate... é carpinteiro. Aí, eu precisava de uma calça, pedia pro meu pai, meu pai não tinha dinheiro... sabe... precisava comprar algumas coisas... meu pai não tinha... aí então, eu comecei a trabalhar. Peguei a moto e fui trabalhar como moto táxi lá na comunidade mesmo. (...) Na comunidade sempre tem emprego *pra* isso. A maioria é menor de idade.”

Depoimento de um adolescente de 15 anos.

“Porque assim... desde uns 12 anos eu pequeninha vendia alho com o meu pai e tal... sempre tive essa vontade de trabalhar sabe... de ter as minhas coisas, eu... assim... eu acho assim... eu tô numa idade de ter as minhas próprias coisas, sabe, correr atrás do que eu quero, de ter meu dinheiro, de poder pagar as minhas coisas, meus cursos...”

Depoimento de uma adolescente de 15 anos.

“Pretendo ter meu dinheirinho a mais e assim poder comprar minhas roupas, ajudar minha família e quem sabe pagar um curso.”

Depoimento de adolescente de 15 anos.

“Preciso trabalhar para atender melhor minhas necessidades. Na minha opinião a adolescência é uma fase muito complicada para o jovem. É nessa fase que começamos a descobrir o mundo, e o mundo do jovem se resume em garotas, festas e amigos. Gostamos de vestir roupas bonitas ou de marca só para impressionar as garotas. Gostamos das coisas que estão na moda e a maioria das vezes, nada disso é barato. Então, trabalhamos para comprar nossas próprias coisas sem depender dos nossos pais. (...)”

Depoimento de adolescente de 15 anos

Quem está entranhado neste processo vive incessantemente angustiado e inseguro, como tão bem nos alertou Schopenhauer (2002) ao afirmar sobre apetite devorador proveniente da vontade e da necessidade constitutiva em cada ser humano. Mesmo quando se alcança a tão cobiçada meta, tem-se a plena consciência da sua brevidade, iniciando logo em seguida, um novo processo. Porém, o que difere esta vontade constitutiva em nosso ser para o

que observamos nestes tempos mais contemporâneos onde estes jovens estão inseridos é que esta vontade está direcionada de acordo com a lógica da sociedade capitalista que tem como alvo principal tornar todos os seres humanos em consumidores ativos como afirma Bauman (2005). Atualmente, nossas ânsias, aptidões e desejos se vêem multiplicados pela enorme variedade das atrativas ofertas fazendo com que cada ser humano construa o seu ideal de felicidade sustentando-se mais pela posse dos bens que na construção de valores mais humanitários, e como sabemos, o jovem é muito mais vulnerável a esta influência publicitária que os adultos. Diante desta aporia, quem fracassar neste projeto capitalista, não deixará de ser consumidor, mas apenas o fará pela sobrevivência, ou seja, a absorção está presente e ela se concretiza através do labor que alimenta a vida como nos atesta Hanna Arendt.

Ao entrarem em contato com o Projeto Mundo do Trabalho, percebe-se que o discurso inicial nem sempre corresponde com a prática quando os jovens começam a receber o auxílio financeiro. A fala original “*trabalhar com o intuito de ajudar na renda familiar*”, muitas vezes é utilizada pelos jovens a fim de transmitir uma postura politicamente correta, ou seja, de que eles não são egoístas, que suas ambições pessoais que oscilam entre a posse de bens materiais e fazer um pequena poupança podem e devem ser adiadas para um outro momento, pois as dificuldades familiares são emergenciais. Porém, constatamos que usualmente uma pequena parcela dos já empregados coopera com o orçamento doméstico. Vale ressaltar que neste caso, esta contribuição advém da necessidade, pois a maioria das famílias tem como base/sustentação apenas a figura materna que é absorvida pelo mercado de trabalho como empregadas domésticas ou diaristas, portanto, todo e qualquer auxílio financeiro torna-se imprescindível. O que ocorre com frequência é a concretização dos sonhos de consumo juvenil, e este ato inclui principalmente a obtenção de roupas, tênis, aparelhos eletrônicos e a possibilidade de freqüentarem as lanchonetes de *fast food* espalhadas pela cidade.

Depoimentos de alguns adolescentes que estão na condição de Aprendiz sobre o que fizeram com o primeiro salário:

Ah!... (risos). O primeiro salário eu gastei comigo mesmo, entendeu? Eu comprei algumas coisas para mim. Só comprei besteira... tipo... roupas, sapato, maquiagem, essas coisas assim..., entendeu? Comprei bastante maquiagem.

Depoimento de uma adolescente de 15 anos.

“Eu comprei roupa. (...) A minha mãe separou R\$ 50,00 e colocou na poupança *pra* mim. Eu acho que foi só isso mesmo. Eu só comprei roupa.

Depoimento de uma adolescente de 15 anos

“Primeiro salário? Eu dei entrada numa coisa que eu *tava* querendo comprar muito... um sax... um saxofone. No primeiro mês foi R\$ 250,00 de entrada no sax, foi quase tudo, né... o resto eu fiquei *pra* mim... comprei roupas... é... coisas pessoais mesmo.

Depoimento de um adolescente de 16 anos

“Esse mês eu comprei presente *pra* minha ex-namorada, comprei presente *pro* meu sobrinho, comprei presente *pro* meu primo e *pro* filho de uma moça lá do trabalho.”

Depoimento de uma adolescente de 15 anos.

“Gastei tudo. Comprei roupa, tênis, boné. Gastei.”

Depoimento de um adolescente de 15 anos.

Entretanto, ao serem questionados se ajudaram no orçamento familiar, verificou-se que sua contribuição pode ocorrer de forma eventual ou por imperativo da necessidade do responsável. Desta forma, nossos adolescentes não desejam cooperar com o orçamento familiar, ele se impõe.

“Não. No primeiro salário não.”

Depoimento de uma adolescente de 15 anos

“Assim... todo mês eu dou R\$ 100,00 para minha porque ela tira coisas *pra* mim no cartão, aí eu dou o dinheiro para ela pagar e sempre dou um pouquinho a mais.”

Depoimento de adolescente de 15 anos

“... no segundo mês eu fiz compra *pra* casa e tal... ajudei minha família. Meu pai comprou o *grosso*, as coisas assim... arroz, feijão, o *grosso*... eu comprei as carnes, assim... a gente dividiu, a gente fez uma divisão.”

Depoimento de um adolescente de 16 anos.

“Ah! O primeiro salário... eu dei o dinheiro *pra* minha mãe, paguei contas de coisas que eu tinha comprado *pra* mim e *pros* outros também... e o segundo? Eu paguei contas que ainda faltavam pagar.... e... deixa ver... eu paguei empréstimos que eu tive que fazer *pra* conseguir manter o resto do mês.

Depoimento de uma adolescente de 15 anos.

Durante o treinamento muitos adolescentes saem da escola e vão direto para o local onde acontece o curso. Nem sempre eles conseguem passar em casa para almoçar. Às vezes devido à distância, outras porque precisam preparar a comida o que acarretaria em atrasos; ou ocorre o inverso, quer dizer, saem de casa antes do almoço, seguem para o curso e depois para a escola. Como a finalidade do Projeto é prepará-los desde o primeiro dia para encarar a rotina laboral; atrasos, vestimenta/asseio e postura são itens reforçados em todas as oficinas. Consequentemente, o lanche oferecido pela Associação²⁹ – que é insuficiente considerando que nesta fase da vida a alimentação é essencial para um crescimento saudável – para a maioria é o único alimento que os sustenta até retornarem ao lar por volta das 22h:00.

Acompanhando os jovens quando saíam do curso e caminhavam em direção ao Largo da Carioca – centro da cidade do Rio de Janeiro – era comum a parada em uma das barracas de cachorro quente que eles apelidaram de “*podrão*”. Trata-se da possibilidade de consumir um lanche com direito a um copo pequeno de refresco ou refrigerante por R\$ 1,00. As condições higiênicas do local e os ingredientes como maionese, mostarda, molho de tomate.... em nada contribui para a manutenção de uma boa saúde. Era comum verificar a alegria desses adolescentes ao juntarem seus trocados/suas moedas

²⁹ Normalmente o lanche oferecido pela Associação B. S. Martinho inclui um copo pequeno de refresco – pode variar o sabor – e um pão francês recheado com uma fatia ou de mortadela, ou de presunto, ou de queijo prato ou ovo frito. Para cada adolescente só é permitido um lanche.

oferecidas pelas famílias – nesta fase de preparação para o mercado de trabalho – que permitiam a aquisição e a alegria do consumo imediato. Duas lições foram retiradas desta observação: I) a relação entre bons hábitos alimentares com a renda e II) a sujeição dos hábitos alimentares ao consumo imediato. Nota-se que a escolha por alimentos ricos em carboidratos, calorias e gordura saturada são os que lhes aprazem. Estes produtos oferecem a sensação da satisfação ou sentimento de saciedade por longas horas, ou seja, a pessoa come acreditando estar bem alimentada e economizando.

Diante desta informação podemos asseverar que a alimentação possui um traço cultural. Produtos com altas taxas calóricas são mais baratos e portanto, mais acessíveis a esta população. Não depende somente da decisão individual, e sim de outros fatores, entre eles, a distribuição de renda e do apelo à mídia/propagação comercial que atua fortemente no indivíduo, independente de sua vontade. Neste caso, os jovens são mais vulneráveis aos apelos publicitários. Oriundos de famílias de baixa renda eles acabam adquirindo e permanecendo com maus hábitos alimentares que colocam a saúde em risco.

Ao comentar este fato com a Assistente Social do projeto, ela declarou que era comum adolescentes tornarem-se obesos ao serem aceitos como aprendizes nas empresas. O acesso ao vale-refeição ou ao refeitório da Instituição contratante possibilita excessos e ingestão de alimentos calóricos/gordurosos que desequilibram a dieta e a saúde.

A obesidade infantil e juvenil tornou-se um fenômeno social. Não conseguimos explicá-la somente diante das escolhas individuais, ou seja, não podemos afirmar que alguém se torna obeso simplesmente porque come demasiadamente. Aparentemente a causa encontra-se nas relações, valores e no sentimento de satisfação e felicidade. Porém, estamos tratando de um problema epidemiológico, portanto, temos que levar em conta/consideração os comportamentos adquiridos, ou seja, a cultura.

Não cabe a este pesquisa de tentar compreender a origem deste fenômeno social, mas é importante ressaltar que fatos sociais diferem dos individuais como afirma o sociólogo Durkheim.

“Os fatos sociais não diferem dos fatos psíquicos apenas em qualidade; apresentam um substrato diferente, não evoluem no mesmo meio, não dependem das mesmas condições. O que não quer dizer que não seja também de certa maneira psíquicos, uma vez que consistem em maneiras de pensar e agir. Mas os estados da consciência coletiva são de natureza diferente dos estados da consciência individual; são representações de outra espécie. A mentalidade dos grupos não é a mesma dos particulares; têm suas leis próprias. Desse modo, sejam quais forem as relações que possam existir entre elas, são ambas as ciências tão distintas quanto é possível que o sejam.”

(DURKHEIM, Emile, 1977, pág: XXVI)

Múltiplos fatores acabam por determinar o ganho de peso de muitos jovens que estão vinculados ao Programa em estudo. Não se trata nestas páginas de buscar compreender se este fenômeno tem origem genética, orgânica ou psicológica. O que cabe registro e reflexão é o comportamento muitas vezes exagerado ou compulsivo que foi recorrentemente observado nas refeições que esta pesquisa pôde presenciar.

O registro de campo aponta para o fato que esta voracidade/compulsão em relação ao consumo de alimentos não se constitui como fato isolado, mas nos permite supor que é um comportamento socialmente constituído. A interação desses adolescentes, independentemente da questão de gênero, reforça práticas e hábitos. É reconhecido pelo grupo aquele que rapidamente esvazia uma garrafa “pet” de refrigerante, é bem vista aquela que velozmente consome todo um pacote de biscoitos recheados.

Refletir sobre a forma que nossos jovens em estudo se relacionam com o consumo dos alimentos nos parece revelador do modo com que se fazem presentes no mundo. O quadro que temos é constituído por adolescentes de

baixa renda que aspiram sua inserção no mercado de trabalho e que são vulneráveis aos apelos publicitários, anseiam por salário e bens.

Ao ponderar sobre o anseio de consumo dos adolescentes em estudo e da qualidade das informações por eles adquiridas seja na família, na escola e, principalmente pela grande mídia televisiva, coloco-me algumas questões:

1. Seria esta compulsão por guloseimas uma das poucas alternativas acessíveis, neste momento, a bens que desejam adquirir?
2. A informação sobre o valor calórico e possíveis malefícios à saúde seria suficiente para que alterassem práticas alimentares?
3. Que práticas e valores alimentares suas famílias tem ou estimulam? O aumento de renda seria determinante para a introdução de novos hábitos?

Com relação ao desejo de consumo imediato, podemos declarar que os hábitos alimentares são sujeitos ao consumo e ao modismo. Neste aspecto afirmamos que a alimentação é uma condição laboral como atesta Hannah Arendt. Quando inseridos em uma empresa e diante da posse do vale alimentação, o lanche nem sempre saudável das empresas de *fast food* recebe ares de grande conquista. Mais uma vez, a idéia de labor da obra arendtiana se faz presente na vida desses jovens. É o consumo imediato na sua forma mais singela.

Para esta filósofa, o labor está diretamente atrelado ao nosso ciclo biológico. Como já foi exposto, nesta categoria é impossível empregar um designo racional ou armazenamento já que este é um processo constante.

Segundo a autora:

“De todas as atividades humanas somente o labor, e nem a ação e nem o trabalho, é interminável, visto como acompanha automaticamente a própria vida, indiferente a decisões voluntárias ou finalidades humanamente importantes.”

(ARENDR, Hannah, 1983, pág: 117 e 118)

Para os jovens aprendizes a alimentação é um processo de manutenção da vida biológica, um meio de assegurar a subsistência, mesmo consumindo alimentos que não favoreçam uma vida saudável. Esta geração nasceu e se desenvolve no mundo competitivo que tem como meta principal tornar todos os seres humanos consumistas impetuosos e para alcançar esta meta é preciso envolver inclusive os hábitos alimentares.

As cadeias de *fast food* espalhadas pelo mundo foram criadas com o intuito de oferecer uma alimentação calórica, barata e de rápida ingestão, ou seja, elas preenchem o apelo do capital, já que o lema “*tempo é dinheiro*” tornou-se lei desde os primeiros passos da era industrial. Porém, como atesta Bauman (1999), atualmente para se manter competitivo é preciso vender sonhos, idéias que dêem ao consumidor a sensação de satisfação, de realização, enfim, que cause a ansiedade pela novidade já que os produtos são criados para serem perecíveis e com isso manter a volatilidade do capital. Nesta perspectiva, a alimentação rica em gorduras e carboidratos garante a euforia e o prazer imediato.

Além da argumentação citada acima sobre o custo baixo da alimentação rica em calorias, há também o forte apelo comercial que vende a idéia de felicidade, de novidade, atualidade – há sempre promoções vinculadas a filmes de grandes bilheterias - bem estar, e por fim, status e reconhecimento. Portanto, há um forte apelo ao consumo da alimentação.

Quando os adolescentes pesquisados encerram a primeira etapa do Projeto e passam a condição de Aprendizes, isto é, tem registrada em sua carteira de trabalho este vínculo e rendimentos previstos; realizam outra transição: do “podrão” ao “Mac Donald”. Porém, o ato de consumir com o simples intuito de subsistir permanece. Não há alteração qualitativa, o ciclo compulsivo e repetitivo do labor arendtiano não se modifica, assim como o fortalecimento do capital que em troca transmite ao jovem a leve e inútil sensação de novidade e status adquirida nesta nova fase.

Assim, afirma Bauman:

“A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis – não mais por regulação normativa. Nenhum vizinho em particular oferece um ponto de referência para uma vida de sucesso; uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal – o céu é o limite. A idéia de “luxo” não faz muito sentido, pois a idéia é fazer dos luxos de hoje as necessidades de amanhã, e reduzir a distância entre o “hoje” e o “amanhã” ao mínimo – tirar a espera da vontade.”

(Bauman, 2001, pág: 90)

Outra justificativa nem sempre verdadeira toma lugar quando eles afirmam que precisam trabalhar para *pagar os estudos*. Neste depoimento, compreende-se, não apenas a formação universitária, mas também e principalmente cursos profissionalizantes e raramente a aprendizagem de uma segunda língua. Mesmo quando alegam que precisam de uma atividade rentável para aprimorar o currículo, verificamos que o ensino está subordinado ao trabalho, quer dizer, busca-se a escolarização não com fim em si mesmo, não somente imbuído do simples interesse pelo o ato de aprender. Neste caso, ele é apenas um meio para continuar sobrevivendo as nuances do universo empresarial. Trata-se de uma visão utilitarista da Academia/Ensino. Por esta razão, a formação técnica ser mais almejada que a universitária.

Ouvidos sobre a possibilidade da formação superior, os cursos mais recorrentes são: Administração, Computação e Enfermagem. Nos dois primeiros há o desejo de buscar a aprendizagem como complementação do trabalho, neste aspecto, o desejo ou talento não tem tanta importância. Ser enfermeiro(a) está diretamente relacionado à idéia de poder ajudar alguém, ou seja, a prática está acima dos conhecimentos teóricos. Nas entrevistas, não apareceu nenhum curso estritamente acadêmico ou das Ciências Humanas que exigisse do aluno uma leitura exaustiva como História, Filosofia, Ciências Sociais e Letras. Situação semelhante ocorre quando se trata do aprendizado de uma língua estrangeira. Entre as empresas conveniadas à Associação

Beneficente S. Martinho, duas são escolas de idiomas que têm um histórico de tradição e excelência e que a cada semestre oferecem bolsas integrais aos jovens aprendizes do Projeto Mundo do Trabalho. É usual esses adolescentes recusarem a oferta. Alguns porque concluem o Ensino Fundamental e Médio sem ter contanto com um idioma estrangeiro; outros alegam não ter tempo e, há uma parcela que afirma não ser importante por não gostar e por não fazer uso do idioma estrangeiro durante a rotina laboral.

Alguns depoimentos:

“Eu estou no último ano do Ensino Fundamental. Faculdade, eu não sei..., mas quero estar sempre praticando, assim... tipo assim... um curso. Um curso eu pretendo estar sempre fazendo, agora, faculdade eu não sei...”

Adolescente de 16 anos

“Pretendo fazer Administração porque eu gosto de Matemática e também eu acho que dá retorno financeiro a área de administração. Eu queria ingressar mesmo era na área artística, assim... ser atriz, teatro, essas coisas assim, mas eu não consegui, eu sei que eu tentei fazer aula de teatro, mas eu nunca corri atrás de verdade... (...) então, eu prefiro fazer Administração ter o retorno financeiro e conforme o tempo procuro aula de teatro.”

Adolescente de 16 anos

“Quero fazer faculdade de Informática porque eu me dou muito bem com computador. Adoro computador, o mundo da internet, da informática...”

Adolescente de 16 anos.

Apesar de afirmarem no primeiro momento o quando a escola é fundamental em suas vidas, através do trabalho de investigação podemos perceber que este argumento não é verdadeiro. Ao serem absorvidos como Aprendizes pelas empresas conveniadas que assumem o compromisso com a Lei do Aprendiz, ou seja, nela, o adolescente obrigatoriamente passa pelo aprendizado prático que ocorre dentro das Organizações Empresariais durante o desempenho de suas funções administrativas e pelo aprendizado teórico que

acontece uma ou duas vezes por semana no espaço do Projeto Mundo do Trabalho; a maioria desqualifica o segundo momento. É comum os atrasos, freqüentes ausências, postura inadequada e constantes reclamações.

Este comportamento reafirma que uma mudança radical precisa ser efetuada no âmbito educacional para que estes jovens percebam o quanto é possível formar o caráter do ser humano não somente através do trabalho, mas também com o auxílio precioso de uma Instituição de Ensino democrática e inclusiva que respeite todo o tipo de manifestação cultural e religiosa, que saiba ser um espaço para a construção de debates sobre os problemas que afligem o cotidiano como a violência urbana, o desemprego, a má qualidade do ensino, o fracasso escolar, a desigualdade social e o que mais possa ser abordado com o intuito de construir uma consciência crítica em cada criança. E, o primeiro passo para esta construção é permitir que esta criança e este jovem possam expressar livremente suas angústias e suas percepções de mundo por mais obscuras que elas possam parecer. A sala de aula não precisa ser necessariamente o local para o exercício da *educação bancária*³⁰ onde somente o que tem validade e superioridade é o saber formal do educador que deposita toda a sua erudição nas mentes infante-juvenis como se estas fossem essencialmente tábulas rasas prontas para serem moldadas passivamente, esquecendo-se que ao chegar ao ambiente escolar, o aluno já traz consigo traços da cultura familiar e comunitária e que não podem e não devem ser ignorados. Por esta razão, é preciso que elas tenham a possibilidade de se manifestarem.

Segundo o educador Paulo Freire:

“O que se coloca à educadora ou ao educador democrático, consciente da impossibilidade da neutralidade da educação, é forjar em si um saber especial, que jamais deve abandonar, saber que motiva e sustenta a sua luta: *se a educação não pode tudo, alguma*

³⁰ Expressão utilizada por Paulo Freire - educador brasileiro -(Recife, 19 de setembro de 1921 – São Paulo, 02 de maio de 1997) no livro *Pedagogia do Oprimido*.

coisa fundamental a educação pode. Se a educação não é a chave das transformações sociais, não é também simplesmente reprodutora da ideologia dominante. O que quero dizer é que a educação nem é uma força imbatível a serviço da transformação da sociedade, porque assim eu queira, nem tampouco é a perpetuação do “*status quo*” porque o dominante decreta. O educador e a educadora críticos não podem pensar que, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, podem transformar o país. Mas podem demonstrar que é possível mudar. E isso reforça nele ou nela a importância de sua tarefa político-pedagógica.”

(FREIRE, Paulo, 1998, pág: 126 e 127)

Podemos, desta forma, asseverar que tanto para o educador Paulo Freire e para a filósofa Hannah Arendt, somente a ação atrelada ao discurso é capaz de revelar a identidade do homem e provocar/iniciar um novo processo político. De acordo com o pensamento arentiano, esta atividade não ocorre no isolamento como as demais condições – labor, trabalho e contemplação – e sim na pluralidade, sua efetivação se dá na interação entre os homens. Ao renascer através de suas palavras e ações o ser humano mostra qual é a sua real condição, o seu *telos* que é a do animal político. O indivíduo não age somente por instinto como os animais porque para ele o mundo não é simplesmente algo dado como o é para os seres irracionais que apenas apreende o acontecimento tal como eles se apresentam; o mundo para os seres racionais é algo que precisa ser transformado, por isso, sua ação visa a um fim, uma ruptura da ordem vigente que faz com que a História dê pequenos saltos a cada movimento provocado pelo poder que é fruto da ação conjunta, algo distinto da vigor que é individual, portanto isolado.

“O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em concerto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo se conserva unido.”

(ARENDR, Hannah, 2000, pág: 36)

“O vigor inequivocadamente designa algo no singular, uma entidade individual; é a propriedade inerente a um objeto ou pessoa e pertence ao seu caráter, podendo provar-se a si mesmo na relação

com outras coisas e pessoas, mas sendo essencialmente diferente delas.”

(ARENDR, Hannah, 2000, pág: 37)

Para a autora, cada ser humano ao chegar a este mundo traz consigo a originalidade constitutiva em seu ser que só poderá manifestar-se diante de seus iguais, ou seja, entre homens. Para que este evento ocorra é preciso constituir um ambiente receptível para este renascimento humano. Se pensarmos nas crianças e nos jovens como possibilidades, temos o dever de pensar neste espaço – família, escola, comunidade, projetos sociais, igrejas – onde os mesmos possam exprimir seus anseios, o que significa que se faz necessário o ressurgimento de uma nova *ágora* que se enquadre nos moldes do mundo contemporâneo, quer dizer, incluir não somente os homens maduros e abastados, mas também mulheres, jovens e crianças de todas as classes sociais. Antes porém, é preciso reeducar os adultos, pois, segundo os depoimentos de alguns adolescentes, chega-se a conclusão que os professores da Rede Pública de Ensino precisam repensar as suas práticas, tais profissionais também necessitam elaborar um discurso para expor suas aspirações.

Diante de um mundo moldado pelos preceitos do capitalismo que te impõe a todo instante que a felicidade terrestre tem seu preço, e esta não está acessível a grande maioria da população mundial, portanto, não resta outra alternativa para os jovens pobres - que sofrem uma influência passiva da mídia – se não o desejo de trabalhar com o intuito de consumir. Consumo que visa a satisfação instantânea através das mercadorias/dos produtos elaborados pelo *homo faber* contemporâneo, o que significa dizer que atualmente o trabalho já não representa a durabilidade do mundo, mas a produtividade excessiva que potencializa nos habitantes do mundo globalizado a ânsia de desejar cada vez mais, porém uma porcentagem representativa do globo terrestre, e nela está inserida os jovens – trabalhadores ou não - encontra-se presa à subsistência, daí, sentirem-se frustrados, pois ao cobiçar algo e não concretizá-lo por não estar ao seu alcance - mas somente a uma pequena parcela da sociedade -

gera a insatisfação, o tédio e a sensação de exclusão deste jogo frenético e alienante imposto pelo capital.

“As pessoas cujas formas de subsistência ortodoxas e forçosamente desvalorizadas já foram marcadas para a destruição, e elas próprias assinaladas como refugio removível, não podem optar. Em seus sonhos noturnos podem moldar-se á semelhança dos consumidores, mas é a sobrevivência física, e não a orgia consumista, que lhes ocupa os dias.”

(BAUMAN, Zygmund, 2005, pág: 76 e 77)

Nos últimos meses conversado com os profissionais do Projeto Mundo do Trabalho e com os jovens aprendizes percebe-se que o trabalho na visão da maioria, ainda é a categoria central de suas vidas. Para os familiares, e, até mesmo muitos professores acreditam que a mão-de-obra infantil e juvenil é o único e o mais seguro caminho para poder “fugir” das péssimas companhias, adquirir responsabilidade, e, principalmente, contribuir para o orçamento familiar. Já para os adolescentes, o trabalho oferece meios para que possam adquirir bens de consumo, principalmente roupas e aparelhos tecnológicos, e conseqüentemente continuar a serem aceitos e respeitados pelo grupo/comunidade onde estão inseridos, pois a sua auto-estima foi construída em bases muito frágeis tanto no convívio familiar e posteriormente no processo educacional. Seu modo de enxergar os fatos é: “sou alguém porque posso adquirir bens materiais.”

O que percebemos, é que muitas crianças e jovens passam praticamente uma grande etapa de suas vidas, tendo no labor a sua principal condição, como foi abordado anteriormente na obra de Hannah Arendt, ou seja, o trabalho é visto apenas para satisfazer as necessidades mais básicas da vida humana, não é visto como um instrumento de ascensão na sociedade. Sua consciência política não é trabalhada para que se torne sujeito de sua própria história, como nos alertou Marx e Engels, na obra *Ideologia Alemã*. Eles não conseguem perceber que aquilo que transformamos com a nossa habilidade de raciocínio nos mostra que não somos seres limitados, pois adaptamos a matéria ativamente. Portanto, é preciso apelar e mostrar que sua atividade

prática vem da sua condição como sujeito e conseqüentemente através desta atividade ele constrói a sua história.

Atualmente trabalhamos mais com as informações, que são mutáveis e de fácil assimilação do que com a formação do jovem que é algo contínuo, onde só há ponto de partida, e não existe o término, é um fluxo constante/devir.

O grande desafio que a sociedade tem hoje em suas mãos levanta a seguinte questão: é possível formar uma consciência crítica, política e ética, num mundo cada vez mais sem empregos, onde tudo é feito para ter pouca duração?

4.2. Sobre a Instituição de Ensino:

“A aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juventude até a velhice, de fato quase até a morte; ninguém passa dez horas sem nada aprender.”

Paracelso – Pensador do séc. XVI

Tendo a oportunidade de acompanhar o grupo durante todo o processo – curso de preparação e admissão nas empresas – tive a oportunidade de presenciar que diante da metodologia do Projeto Mundo do Trabalho – fundamentada no diálogo constante em todas as oficinas oferecidas pela Associação - os adolescentes passaram a ter um olhar mais questionador e crítico sobre a escola e os educadores.

Além de visar a inserção do jovem em alguma empresa conveniada, o objetivo principal é tentar compreender como esses jovens enxergam o mundo, quais são seus valores, suas perspectivas de vida, enfim, eles entram em contato com um método que os induz a pensar e criticar as suas realidades. Durante o treinamento e na condição de jovens trabalhadores, eles entendem que a Instituição de Ensino possui/tem um juízo muito restrito/limitado do universo infanto-juvenil, principalmente quando esta criança ou adolescente trabalham. Conseqüentemente, a escola é considerada apenas como uma etapa obrigatória da vida e que muito pouco contribui em suas rotinas. Poucos são os que dão valor à escola ou vêem a possibilidade de realizar o curso superior, e, quando a desejam, o trabalho não deixa de estar atrelado. É quase nula a possibilidade de ambicionar o ingresso nas Universidades Públicas. Quando há o desejo, primeiramente pensa-se em trabalhar para conseguir condições financeiras favoráveis que possam arcar com o valor das mensalidades de uma Universidade Privada.

Segundo o depoimento de uma Assistente Social sobre quais são as reclamações mais freqüentes que os adolescentes fazem da Instituição de Ensino:

“A falta de professores. Eles questionam muito a qualidade de ensino. Eles têm noção de que o ensino que eles têm hoje não vai favorecê-los muito lá na frente, no vestibular para ingressar numa Universidade Pública. Tanto, que eles sempre falam em pagar a faculdade. Eles nem vislumbram a possibilidade de ingressar numa Universidade Pública porque eles acham que não têm condições. Então, falta de professor; qualidade de ensino; recursos físicos; material físico mesmo, como carteira, computador, estrutura física; eles reclamam muito. Além do descaso que muitas vezes eles se sentem humilhados e discriminados na escola.”

Técnica vinculada ao Projeto Mundo do Trabalho – profissional com nível superior.

Vale salientar que para muitos o desejo de permanecer na escola significa “manter-se competitivo” no mercado de trabalho e conseqüentemente obter meios para se **inserir como atores no seio da sociedade consumista**. Verificamos que suas identidades são construídas visando o padrão do consumo irracional que tem em mira apenas a satisfação instantânea. A escola não é percebida como um ambiente de debates e de construção da cidadania. As disciplinas escolares são transmitidas de maneira superficial e por este motivo o aluno não consegue associar os conteúdos teóricos à vida prática, eles apenas são ingeridos visando à aprovação. Realidade ainda mais complexa e delicada quando se trata do ensino noturno, onde o jovem trabalhador e o professor já exaustos pela atividade diurna são enclausurados na condição de meras vítimas, pois alegam que por trabalharem durante o dia não se pode exigir muito de ambas as partes.

Segundo o depoimento de alguns jovens:

“A troca de horário da escola mudou um pouco a rotina de casa. As pessoas da noite são mais velhas não são pessoas da minha idade... elas reclamam que estão cansadas porque trabalharam durante o dia... o professor também chega cansado... e passa pouco trabalho.”

Depoimento de uma adolescente de 15 anos.

“Na minha escola é assim... eu não tenho aula de Português... o professor chega lá e coloca um filme para passar o tempo.... ele já tá

cansado de dar aula o dia todo e todo mundo tá cansado porque trabalhou o dia todo também.”

Depoimento de um adolescente de 15 anos.

Professores desmotivados, embrutecidos³¹, desvalorizados e com a carreira estagnada, não percebem que tanto a formação do jovem como a do docente é uma ferramenta para a emancipação do cidadão e que para alcançar tal objetivo, a mesma precisa ser constante. Porém, uma grande parcela de discentes e docentes não têm o interesse em alcançar uma meta mais abrangente, mas somente utilitarista.

De acordo com a fala de três adolescentes ao serem questionados sobre a importância do estudo e a sua relação com a rotina de trabalho:

Sobre a importância do estudo:

“Porque tudo agora depende do 2º grau se você quiser alguma coisa, uma profissão que te dê, como é que se diz.... que te recompense no material, no salário.”

Adolescente de 15 anos

“Acho que não tem nada haver. Acho que tirando uma parte de Matemática e um pouco de Português. Porque o Português cara, não entra na minha cabeça, não entra nada de Português, não sei... Tirando a Matemática... porque Física, Química, acho que não tem nada haver com o trabalho se você não for um químico e um físico. Isso não tem nada haver com o seu trabalho. São duas matérias desnecessárias. Filosofia eu também acho desnecessário.

Adolescente de 15 anos.

“Porque hoje em dia, até gari tem que ter estudo. Tem que ter o semestre completo. Então, é fundamental para ser inserido no mercado de trabalho.”

Adolescente de 15 anos.

³¹ Termo utilizado por Rancière no livro *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*.

Sobre o Ensino Noturno:

“Os professores, eles chegam lá, jogam a matéria no quadro e acabou. Pelo menos é assim com a minha turma.”

Adolescente de 15 anos

“Tem professores que são bons, mas têm alunos que não dão muita idéia..., mas a maioria (professores) não está afim de trabalhar, já está cansado.... chega lá e fala isso mesmo.”

Adolescente de 15 anos

“... porque o estudo da noite, ele é bem fraco, bem fraco, fraco mesmo... As matérias.... Eles (professores) resumem tudo da manhã e passa pra noite. Então, é fraco.

De manhã não. Eles já têm tudo detalhado, tudo explicado. Eu prefiro estudar de manhã, mesmo que à noite seja mais fácil. Eu prefiro de manhã.”

Adolescente de 15 anos

“Quanto a experiência de estudar à noite, pra mim ela está sendo a pior possível. Nunca imaginei que fosse tão ruim. A começar porque minhas aulas estavam previstas para começar dia 18 de fevereiro³², e em pleno primeiro dia de aula, não houve aula e no decorrer dos dias eu posso dizer que vi no máximo quatro matérias e não tive mais de sete aulas, sendo uma por dia. Então, enfim, a experiência foi, está sendo e com certeza vai ser horripilante.”

Adolescente de 15 anos

Durante o processo de investigação ficou bastante evidente a queda da qualidade de ensino oferecida pelas Escolas Públicas Municipais e Estaduais da cidade do Rio de Janeiro. Dentre as reclamações mais freqüentes constavam: a depredação do patrimônio público e a ausência de material didático e de professores, especialmente em disciplinas fundamentais para a obtenção de uma formação básica como: Português, História, Geografia e Física. Outro aspecto que necessita ser ressaltado foi a degradação da imagem do professor. Durante o intervalo, era comum ouvi-los contar com um “certo” orgulho a forma desrespeitosa e debochada de tratar seus mestres.

³² Entrevista realizada no dia 25 de Fevereiro de 2008.

Nota-se que a sala de aula deixou de ter a sua função acadêmica para tornar-se uma espécie de arena onde a violência física e simbólica reina seja na figura do professor ou na do aluno, conseqüentemente, a autoridade do docente se esvai diante da indiferença e do deboche dos discentes. Esta situação se agrava quando se trata do ensino noturno. Exaustos por sua condição de trabalhador, professor e aluno encerram-se em um discurso vazio, tipo: “eu não aprendo porque o professor não ensina.” ou “eu não ensino porque os alunos não se interessam.”

Perante este quadro, muitos profissionais encaram a escola como um ambiente hostil onde a sua função se restringe à transmissão de conteúdos de forma fria, acrítica e sem comprometimento com a Instituição de Ensino, com a equipe pedagógica e, principalmente com o aluno. Os adolescentes, por sua vez, encaram a escola como uma etapa a ser cumprida, sem qualquer tipo de atrativo.

De acordo com as declarações acima, percebemos que estes jovens sentem-se excluídos do processo educacional. Ao encerrar a leitura do livro *O mestre ignorante* de Rancière, coloco-me a seguinte questão: *O que acontece quando uma Instituição embrutecedora como a escola, segundo aponta Rancière, se depara com a criança trabalhadora, que aos olhos de muitos segmentos da sociedade trata-se de um excluído?*

Segundo Rancière:

“O mito pedagógico, dizíamos, divide o mundo em dois. Mas deve-se dizer, mais precisamente, que ele divide a inteligência em duas. Há, segundo ele, uma inteligência inferior e uma inteligência superior. A primeira registra as percepções ao acaso, retém, interpreta e repete empiricamente, no estreito círculo dos hábitos e necessidades. É a inteligência da criancinha e do homem do povo. A segunda conhece as coisas por suas razões, procede o método, do simples ao complexo, da parte ao todo. É ela que permite ao mestre transmitir seus conhecimentos, adaptando-os às capacidades intelectuais do aluno, e verificar se o aluno entendeu o que acabou

de aprender. Tal é o princípio da explicação. Tal será, a partir daí, para Jacot, o princípio do embrutecimento.”

(RANCIÈRE, Jacques, 2004, pag: 24)

Percebe-se que crianças e adolescentes espoliados são vistos como diferentes, e, portanto, é preciso dar-lhes uma chance para que eles possam ser igualados. Este processo, além de ser discriminatório, é muito mais cômodo, pois há várias fórmulas “milagrosas” que tem o intuito de elevar o outro, tirá-lo de sua ignorância, ou seja, parte da crença de por serem vítimas são inferiores.

Olhar a criança e o jovem trabalhador como um igual, é partir da sua vivência e tentar compreender os mecanismos de sobrevivência. E para entender a rotina desses adolescentes trabalhadores, é preciso perceber que apesar a ausência do conteúdo pragmático, isto não pressupõe uma incapacidade de apreensão.

A partir da relação existente entre mestre emancipador e seu aluno, busca-se trabalhar a vontade deste jovem trabalhador, algo que dificilmente está ausente no cotidiano de quem trava uma luta constante pela subsistência. Para o filósofo Schopenhauer, a vontade é o princípio fundamental da natureza, abstrato de todas as forças representadas nos fenômenos, no instinto sexual, no crescimento das plantas, nas pedras, enfim, no perpétuo movimento da vida e da morte.

Nos diz o filósofo:

“Vem também do fato de que somente a vontade, e não o intelecto, é o elemento indestrutível do nosso ser, que todas as religiões e filosofias reconheçam uma recompensa na eternidade apenas às virtudes da vontade e do coração, e não as do intelecto ou do espírito.

Ainda uma observação para servir de esclarecimento a esta investigação: a vontade que constitui o nosso ser-em-si, é de natureza simples; ela se limita a querer, e não conhece.”

(SCHOPENHAUER, Arthur, 2002, pág: 64)

O mundo para este filósofo é pura vontade, mas não uma vontade que age superficialmente no globo terrestre. A vontade não age sobre as coisas/fatos, porém sua ação ocorre dentro delas/deles, transformando-as/os em visibilidade da vontade, e, conseqüentemente, o modo embrionário como pensamos já está repleto de vontade. Desta forma, o simples fato do *querer* preceder tudo o que há no mundo – dos objetos inanimados e animados – e isto inclui a razão, a vida torna-se repleta de mazelas, misérias, sofrimento e dor. É o apetite devorador incessante, é a essência da natureza e da vida humana que devora a si mesma.

Na obra de Rancière, a vontade tem um papel decisivo na aprendizagem do aluno, ela serve como uma bússola interna que guia a criança neste processo, abrindo os seus horizontes na medida em que vão se percebendo como seres humanos capazes e ativos, tirando do professor a sua função de mero guia intelectual.

A escola da forma como está constituída, preocupada com a mera transmissão de conteúdos, seguindo rigorosamente o seu programa, sendo a detentora de todo o conhecimento, o máximo que ela consegue é auxiliar o aluno, o que não é algo ruim, mas ela não cumpre o seu papel, ou pelo menos, aquilo que se espera de uma instituição acadêmica, que é formar cidadãos críticos e atuantes, sem se importar com a sua origem sócio-econômica.

Outro aspecto apontado na obra de Rancière foi o papel do **acaso**, ele foi o princípio de um novo processo, o momento da ruptura. Não há programa estabelecido, parte-se da realidade para realizar um trabalho de forma mais criativa sem as amarras do planejamento. Este **acaso** derruba barreiras, somos obrigados a trabalhar com o que temos de mais imediato, e neste caso, somos obrigados a lançarmos um olhar mais atento nas atitudes e no comportamento do outro, pois suas nuances nos ajudarão a repensar a nossa prática pedagógica, algo que quando estamos presos a nossa rotina acadêmica, fazemos tudo quase que automaticamente e nos esquecemos de estar atentos à nossa principal matéria-prima no processo ensino aprendizagem: o contato com o outro, com a diversidade. É preciso estar

aberto/pré-disposto para estabelecer a troca. Aprender com o outro não significa ter que seguir o mesmo caminho.

Em se tratando de adolescentes trabalhadores, o que não faltará ao educador é a presença deste **acaso**, pois apesar de terem uma trajetória de vida semelhante, ou seja, muitos trabalham para ajudar no sustento da família; para obter bens de consumo; para não ter uma proximidade com os traficantes do bairro onde moram; para perder o estigma de “*vagabundos*”, pois estudar significa “*não fazer nada de útil*”, portanto trabalhando eles logram a respeitabilidade de seus familiares e vizinhos. Porém, quando assumem esta nova identidade de jovem trabalhador, os reflexos desta mudança aparecem de forma bastante diferenciada de um grupo para outro, levando para a sala de aula outra realidade com uma riqueza de detalhes que podem e devem ser incorporados à dinâmica da aprendizagem, não importa a matéria/disciplina, caberá ao professor a capacidade de improvisar³³ com o material humano que ele possui naquele momento juntamente com a sua qualificação profissional.

Bauman, em seu livro, *O mal-estar da pós-modernidade*, cita o filósofo Jean-Paul Satre para nos falar a respeito da convivência com o outro.

“Só no próprio momento em que acredito que o possuo, eis que, por uma inversão curiosa, ele me possui... Se um objeto que seguro nas mãos é sólido, posso soltá-lo quando quiser, sua inércia simboliza, para mim, o meu poder total... Mas aqui está o viscoso invertendo os termos: (meu ego) é subitamente comprometido, abro as mãos, quero desfazer-me do viscoso e ele se cola em mim, me puxa, me chupa... Já não sou o senhor... O visgo é como um líquido visto num pesadelo, em todas as suas propriedades são animadas por uma espécie de vida e volta-se contra mim.

Se mergulho na água, se afundo nela, se me deixo submerso nela, não experimento nenhum mal-estar, pois não tenho qualquer medo de seja lá como eu possa nela dissolver-me; continuo um sólido em sua liquidez. Se me deixo submergir no viscoso, sinto que vou

³³ É importante destacar que só quem conhece profundamente o conteúdo pragmático e é sensível à realidade consegue fazê-lo com habilidade/autoridade. Neste contexto, improvisar não significa fazer de qualquer modo, mas sim de forma inteligência e criativa fugindo da mesmice do cotidiano escolar.

perder-me nele... Tocar o viscoso é arriscar-se a ser dissolvido na viscosidade.”

(SARTRE, Jean-Paul *apud* ZIGMUND, Bauman, 1998, pág: 39)

O livro *o mestre ignorante*, propõe que se estabeleça a igualdade das inteligências para a possibilidade de se construir um novo universo com novas relações. O conteúdo não fala por si, é preciso fazer um grande esforço para diminuir a distância entre o “*conhecimento reconhecido*” do professor e a “*ignorância comprovada*” do aluno. Se a princípio como diz Sartre, o mestre se sente como aquele que conduz o aluno, o inverso também ocorre, mesmo quando o mestre não percebe devido a sua cegueira intelectual; o outro está em seu caminho, grudado e obrigando-o a rever suas práticas pedagógicas, então, ele percebe que não é dono do conhecimento absoluto, que além do saber científico, há outros saberes que precisam ser dialogados com o seu, daí resulta a imposição do outro, fazendo com que o seu mestre corra risco de perder-se por ser obrigado a rever seus hábitos/discursos educacionais/práticas de ensino. Tudo aquilo que era considerado como irretocável, e que ao final de cada semestre servia para classificar os alunos como aptos e outros como não aptos, ou seja, fracassaram porque não se esforçaram, não se dedicaram, não possuem competência, não nasceram para a vida acadêmica, são indisciplinados, enfim, as razões são infinitas, dependendo da criatividade para se rotular o fracasso; tudo isso passa por uma revisão severa, quando a dinâmica com o outro muda de perspectiva, ou seja, a relação deixa de ser vertical e passa a ser horizontal. Não se avalia apenas a relação ensino-aprendizagem, mas também a relação que um professor estabelece com o seu aluno, o que se torna muito mais difícil e mais complexa de se medir, mas é preciso buscar. Mesmo que a escola não seja o lugar da emancipação, pois o papel do professor restringe-se em instruir o aluno, como afirma *Jacot*, não se deve perder de vista, que a emancipação está inserida em toda a sociedade, seja na família, nas diversas religiões, inclusive nas escolas, quando a Instituição de Ensino, que ao mesmo tempo embrutece, por ser uma mera reprodutora de conteúdos, pára para discutir e repensar a emancipação do aluno, assim como os outros segmentos da sociedade. É uma questão paradoxal e holística. Não é uma linha reta ou um segmento binário.

Diante dos relatos dos adolescentes oriundos das comunidades periféricas da cidade do Rio de Janeiro e que estão inseridos no Projeto Mundo do Trabalho sobre a postura do professor, nota-se que o embrutecimento está presente nas diversas nuances de sua vida, principalmente no aspecto profissional. A pesquisa pôde concluir que um professor emancipador, de alguma forma é um profissional socrático, não no sentido que Rancière aborda em seu livro sobre a ignorância socrática, e que a partir dela, Sócrates se colocava acima de seus discípulos, ou seja, estava na condição das desigualdades das inteligências. Se, como foi colocado anteriormente, a emancipação é algo paradoxal por implicar na convivência com o outro pautada em bases igualitárias, e como já sabemos, onde há a formação de um grupo, estabelece-se juntamente uma hierarquia para que se possa estabelecer a posição de cada indivíduo; Sócrates não fugiu a essa regra, pois, ao mesmo tempo ele se sentia um homem muito sábio por ter a consciência de que nada sabia, se destacando dos demais que acreditavam conhecer profundamente um assunto, porém, ao mesmo tempo, ele não discriminava ninguém, seu saber não era sistematizado.

Ao questionar o que já se encontrava estabelecido, ele coloca a ordem vigente em cheque, daí a aceitação dos mais jovens, que estão mais propensos às críticas e às mudanças que as pessoas mais experientes, onde a grande maioria acredita já possuir um saber pronto e acabado.

Observamos esta atitude em muitas Instituições de Ensino que acreditam que tradição sempre representa conhecimento, não há espaços para inovações, não há uma relação com o outro e sim com o conteúdo a ser transmitido. Não há um exame crítico contínuo, o que difere da postura socrática, onde para se viver era preciso se examinar constantemente.

Há uma mudança na origem dos problemas a partir de Sócrates, ela passa a ser a vida do homem. Ao contrário dos sofistas³⁴ que cobravam para

³⁴ Os sofistas se compunham de grupos de mestres gregos que viajavam de cidade em cidade realizando aparições públicas (discursos, etc) para atrair estudantes, de quem cobravam taxas para oferecer-lhes educação. O foco central de seus ensinamentos concentrava-se no logos ou

ensinar, portanto sua clientela era escolhida, Sócrates possuía um público bastante diversificado, pois não cobrava para ensinar, ele não estava preso ao planejamento, pois travava um diálogo com diferentes interlocutores. Ele pegava a opinião competente, a crença do senso comum, bom senso e consenso e refutava. É a negatividade que vai sendo destilada. A ironia socrática introduz assim, um ponto de vista novo, absolutamente polêmico. Por outro lado, é um ponto que suprime a si mesmo, um nada que devora tudo, não se pode agarrar, ou seja, *é e não é* ao mesmo tempo. O simples fato de Sócrates seduzir e encantar, levando o interlocutor a se contradizer, não satisfaz e não preenche, daí a ironia. Enquanto os sofistas esvaziavam os bolsos, Sócrates esvaziava as opiniões, retirava tudo e não deixava nada. Os sofistas respondiam a tudo, tinham a polimatia, Sócrates apenas perguntava, ele saía da ordem macrológica e entrava na braquilógica. Ele nada queria, nada aspirava, nada sabia, somente perguntava. Esse “*nada*” entranha na negatividade de Sócrates, por outro lado, ele marca uma certa liberdade em relação a vida cotidiana empírica, introduzindo com radicalidade um traço de subjetividade na vida cotidiana, e esse modo de subjetividade é irônico. Ao levar a infinitude engolir a finitude, levava o consenso a se dissolver no nada, a ironia socrática é a negatividade infinita. Ela é igualmente a conclusão de um princípio e o início de outro. É um desenvolvimento constante. Com isto, ele demonstra a diferença existente entre crença e saber. Muitos acreditavam conhecer profundamente um determinado tema, mas na realidade estavam presos ao âmbito da crença, pois pensavam que sabiam, quando na verdade a grande sabedoria socrática é a consciência da nossa própria ignorância, ou seja, da nossa limitação. Ao morrer, Sócrates ganha a imortalidade através dos ensinamentos que deixou aos seus discípulos, é a ironia na sua forma absoluta.

Retornando à pergunta inicial sobre o que acontece quando uma Instituição embrutecedora como a escola, segundo aponta Rancière, se depara

discurso, com foco em estratégias de argumentação. Os mestres sofistas alegavam que podiam “melhorar” seus discípulos, ou, em outras palavras, que a “virtude” seria passível de ser ensinada

Protágoras (481-420 A.C.), Górgias (483-376 A.C.), e Isócrates (436-338 A.C.) estão entre os primeiros sofistas conhecidos.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sofista>, 04/04/2008 às 14h:15min.

com a criança ou o adolescente trabalhador que aos olhos de muitos segmentos da sociedade trata-se de um ser excluído.

Há duas alternativas possíveis: ou permanece dentro do seu ideal tradicional, fazendo aparentes mudanças, alterando apenas o discurso, não abrindo espaços no planejamento para outras formas de aprendizado, reforçando a idéia de quem não está enquadrado neste perfil, não é competente o suficiente, portanto, nada ou muito pouco há de se fazer, enfim, continua-se embrutecendo, ou, parte-se para uma alteração mais radical, ou seja, é preciso começar com o que há de mais complexo que é o ser humano. Esta modificação vem através da mensagem deixada por Sócrates quando este nos chama a atenção para cuidarmos de nós mesmos, estarmos atentos a nossa voz interior, nos examinando constantemente e sempre conscientes de que não sabemos tudo. Este conselho/mensagem, representa na perspectiva desta investigação, o primeiro passo para a emancipação, e somente alguém emancipado poderá auxiliar o outro neste processo semelhante. Somente um educador que olha para si, reconhecendo suas imperfeições, limitações, seus preconceitos, sua consciência de finitude, e que mesmo assim, através de sua vontade inesgotável constituída no seu ser não deixa de lutar, poderá olhar o jovem trabalhador, provedor de um lar, ou para o aluno vítima de maus tratos, do fracasso escolar, ou até mesmo para aqueles que são considerados grandes talentos, e portanto, com um futuro promissor; como seres humanos limitados, com dificuldades para enfrentar o universo escolar, mas, que ainda assim, tem algo a nos oferecer.

E que como ocorreu com *Jacot*, foi preciso o **acaso** para que ele repensasse as suas práticas. Ao ouvir alguns depoimentos de profissionais e alunos que participam do Projeto Mundo do Trabalho que são oriundos da Rede Pública de Ensino onde há uma clientela bastante heterogênea, pode-se perceber que este **acaso**, ocorre com mais freqüência do que imaginamos, e que é preciso um pouco de esforço ou vontade para aproveitarmos a oportunidade e aprendermos juntos partindo da igualdade das inteligências.

5 – **Conclusão:**

“Repito: desejo despertar num determinado indivíduo a vontade de adquirir conhecimentos. A única forma capaz de despertar num ser sensível a vontade de realizar um ato voluntário é exhibir-lhe os motivos que justificam este ato.”

GODWIN, William, 1797. In: **Educação pela vontade.**

Ao entrar em contato com a Associação Beneficente São Martinho mais precisamente com os profissionais do Projeto Mundo do Trabalho foi possível diagnosticar que o sentimento que os move é o desejo de transformação que advém da crença de que é possível converter realidades marcadas pela violência doméstica e urbana, fracasso escolar, pobreza e desamparo. Dentre as ferramentas utilizadas com o intuito de alcançar tal objetivo, o trabalho e as relações recorrentes, sua reflexão e tomada de posição ganham relevância. Quando se tem nas mãos jovens marcados pelo senso de urgência e necessidade não se deve desprezar o papel que a renda – não importa o seu valor - desempenha no orçamento familiar. Portanto, há um consenso entre equipe técnica, adolescentes e suas respectivas famílias. A diferença encontra-se na forma como cada parte compreende a finalidade de tal escolha.

Mais do que inserir o jovem em uma empresa conveniada, a principal preocupação dos profissionais envolvidos é tentar compreender o universo em que os mesmos estão inseridos e a complexidade de ser adolescente numa sociedade pautada em princípios de competitividade e consumo. A ação empreendida pela equipe visa ampliar as possibilidades de interação entre as mais variadas formas de manifestação cultural. Por esta razão, a metodologia aplicada em todas as oficinas é pautada no diálogo crítico onde ao final de cada atividade o aluno deverá expor/publicar em forma de texto, cartaz ou apresentação o conteúdo apreendido. Os instrutores acreditam que a teoria não pode estar desvinculada da realidade e, em se tratando de adolescentes oriundos das comunidades pobres da cidade do Rio de Janeiro temas como:

gravidez na adolescência – algumas jovens inscritas no Projeto são mães -, baile funk, o fascínio que a violência do tráfico exerce sobre os jovens, dificuldades financeiras, violência (doméstica, urbana e escolar), são assuntos recorrentes que são agregados aos conteúdos de cada oficina. Este fato, de alguma forma, obriga o profissional a repensar seus preconceitos, sua conduta e seu olhar sobre os valores que vigoram em cada classe social e o que representa viver em condições de miserabilidade.

Atrás do discurso e da ação dos profissionais existe o desejo de provocar uma mudança significativa na vida dos adolescentes, ou seja, mais do que formar um trabalhador, é preciso primeiramente formar o cidadão.

“Na ação e no discurso, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo humano, enquanto suas identidades físicas são reveladas, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz.”

(ARENDDT, Hannah, 1983, pág: 192)

Quanto aos jovens, percebe-se que seu discurso e suas atitudes sofrem alterações. Ao serem entrevistados com o intuito de obter uma vaga no Programa, suas afirmações oscilam entre trabalhar para poder completar a renda familiar ou ter condição financeira favorável para pagar as mensalidades de algum curso profissionalizante. Desde a inscrição até a última etapa do processo, tanto o jovem como o responsável têm plena consciência que estão disputando uma vaga, portanto, a preocupação em não “errar” e não deixar transparecer suas reais ambições são os principais objetivos nesta fase. Porém, já inscritos no Projeto através das atividades lúdicas as reais intenções lentamente começam a brotar de seus discursos.

Nota-se que o que a maioria ambiciona é poder tornar-se um integrante ativo da sociedade de consumo e, em se tratando dos desejos juvenis, os itens mais ambicionados são roupas, tênis, aparelhos eletrônicos e acesso às lanchonetes de *fast food*. A construção de suas identidades, os valores adquiridos ao longo de suas vidas passam pelo acúmulo de bens voláteis, quer

dizer, a posse de um bem, alimenta a ansiedade pela chegada do próximo lançamento. Ciclo este que não se encerra.

“O arquétipo dessa corrida particular em que cada membro de uma sociedade de consumo está correndo (tudo numa sociedade de consumo é uma questão de escolha, exceto a compulsão da escolha – a compulsão que evolui até se tornar um vício e assim não é mais percebida como compulsão) é a atividade de comprar”.

(BAUMAN, Zygmund, 2001, pág: 87)

Há aqueles que contribuem com o orçamento familiar, porém, este fato ocorre em conseqüência do imperativo da sobrevivência. Como foi relatado ao longo desta pesquisa, toda e qualquer ajuda é imprescindível no contexto familiar³⁵, por esta razão, eles se vêem obrigados a contribuir.

Outra justificativa que se esvai com o decorrer do curso refere-se a obtenção de renda com o intuito de investir em cursos preparatórios ou abrir uma caderneta de poupança com o objetivo de futuramente ingressar em uma universidade privada.

Uma grande parcela significativa dos jovens que estão inscritos no Projeto Mundo do Trabalho possui uma visão pessimista ou até mesmo desacreditada da Escola Pública e, principalmente do professor. Eles têm plena consciência que a instrução que recebem da Instituição de Ensino não os prepara para o mercado de trabalho e, muito menos, para encarar as árduas etapas do vestibular. Em todas as entrevistas, ninguém comentou sobre a possibilidade de ingresso em alguma Universidade Pública. Na opinião destes jovens, o investimento na educação não consegue suprir suas necessidades mais emergenciais. Fazer a opção pela escola em detrimento do trabalho, significa correr riscos. Por este motivo, o ensino não representa prioridade na vida desses aprendizes. Este sentimento também é compartilhado por suas famílias, pois trata-se de antepassados com histórico de vida semelhante, ou seja, pautada no senso de urgência e de imediato. Portanto, o ciclo se repete

³⁵ Para estar inscrito no Projeto Mundo do Trabalho, a renda familiar não pode ultrapassar 03 (três) salários mínimos.

a cada geração que chega a este mundo. Romper com este destino, significa lançar-se na incerteza com poucas chances de ascensão, porque não basta somente o desejo e a vontade se não estiver atrelado ao capital financeiro, social e cultural³⁶ que os favoreça na caminhada.

“É claro que não se pode fazer com que crianças oriundas das famílias mais desprovidas econômica e culturalmente tenham acesso aos diferentes níveis do sistema escolar e, em particular, aos mais elevados, sem modificar profundamente o valor econômico e simbólico dos diplomas (...). Os alunos ou estudantes provenientes das famílias mais desprovidas culturalmente têm todas as chances de obter, ao fim de uma longa escolaridade, muitas vezes paga com pesados sacrifícios, um diploma desvalorizado.”

(BOURDIEU, Pierre; CHAMPGNE, Patrick, 1998, pág: 221)

Quando estão na condição de aprendizes, o descaso permanece. Sentem-se seguros pela conquista do vínculo empregatício, mas o que a maioria não percebe é que segundo a Lei do Aprendiz, o conhecimento prático nas empresas tem tanta importância quanto o ensino formal que ocorre nos espaços do Projeto Mundo do Trabalho. No entanto, o segundo momento é desprezado. É comum ocorrer atrasos, ausências, postura inadequada e, às vezes desrespeito com os instrutores, o que pode provocar o desligamento do adolescente do Projeto.

Quanto às famílias, o desejo de inserir o jovem no mercado de trabalho decorre principalmente da vontade de afastar o filho da ociosidade ou da influência do tráfico.

Vale ressaltar que grande parte das famílias é constituída apenas pela figura materna que normalmente é absorvida pelo mercado de trabalho como empregadas domésticas, diaristas, operárias de fábricas ou trabalham por conta própria em suas residências. Essas mulheres, na sua maioria, têm três

³⁶ Capital social e cultural todos têm. Somos seres sociáveis, pertencemos a um grupo que possui seus valores, seu *ethos*. O que diferencia é a relação entre valores dominantes e os dominados. Estes, ao invés de se reafirmarem tentam em vão imitar aqueles. Desta forma, a cultura burguesa se intensifica e perpetua-se.

ou quatro filhos frutos de relacionamentos distintos. Geralmente, as crianças não têm contato com o pai biológico. Vivendo em condições precárias e muito próximas da influência do tráfico de drogas, seu maior desejo é empregar seus filhos. Conseqüentemente, alcançando esta meta, elas viabilizam três possibilidades: I) transformam o filho em trabalhador – construção de uma imagem -; II) afasta-o do fascínio do comércio de drogas e, finalmente III) obtém algum capital que irá complementar a renda familiar.

Desta forma, podemos concluir que o trabalho desempenha papel fundamental na vida das pessoas que estão envolvidas no Projeto – profissionais, adolescentes e família - . Apesar dos diferentes anseios de cada grupo, é possível perceber que todos têm em comum a visão de que ao optarem por uma mudança de vida, não importa se as razões foram econômicas, sociais, consumistas.... todos os envolvidos nesta etapa estão contribuindo de alguma forma para a formação do adolescente. Ingressar no mercado de trabalho aos 15 (quinze) ou 16 (dezesesseis) anos não seria o caminho mais viável, mas não deixa de ser um caminho. A escola, neste caso a Pública, deveria ser a melhor e a mais eficaz opção, mas não se pode perder de vista que nas atuais condições uma grande reforma precisa ser feita, principalmente, no que tange ao papel do professor. Atualmente, nem um mero reprodutor do saber reconhecido, estritamente acadêmico como afirmava Paulo Freire faz parte das suas atribuições. Sua imagem está deteriorada, seu espírito desgastado, desmotivado...

Coloco-me a seguinte questão: É possível pensar na Reforma da Educação se a sua principal ferramenta (o professor) não possui condições mínimas de trabalho?

6 - Referências Bibliográficas::

- ACOSTA, Dominique Klaczko. **Subsídios Teóricos à Prática Educativa da Associação Beneficente São Martinho**. Rio de Janeiro, 1998. (mimeo)
- ANTUNES, Ricardo (orgs.). **A Dialética do Trabalho – Escritos de Marx e Engels**. São Paulo: Expressão popular, 2004.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.
- _____. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Perspectiva, 2000. 3ª ed.
- _____. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 2ª ed.
- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2002
- _____. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- BAKININ, Mikail. **A Instrução Integral**. São Paulo: IEL – Instituto de Estudos Libertários, 2003.
- BAUMAUN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Globalização – As Conseqüências Humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. **Em busca da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- _____. **Comunidade – a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAZÍLIO, L., C. **O Menor e a Ideologia de Segurança Nacional**. Belo Horizonte: Vega-Novo Espaço, 1985.
- _____, EARP, M. L. S & NORONHA, P. A. (org.) **Infância Tutelada e Educação: História, Política e Legislação**. Rio de Janeiro: Ravil, 1998.

_____ & KRAMER, S. **Infância, Educação e Direitos Humanos**. São Paulo: Cortez, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

_____ & CHAMPAGNE, Patrick. **Os excluídos do interior**. In: BOURDIEU, P. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

DUARTE, André. **“Pensar e agir por amor ao mundo”**. In: Revista Educação - Especial: Biblioteca do professor – Hannah Arendt pensa a educação. Nr: 04.

DURKHEIM, Emile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977. 8ª ed.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____ & SHOR, I. **Medo e Ousadia – o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 6ª ed.

FREITAS, Marcos Cezar de. (org.). **Desigualdade Social e Diversidade Cultural – Na Infância e na Juventude**. São Paulo: Cortez, 2006.

JACOBY, Russell. **O fim da utopia – política e cultura na era da apatia**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KANT, Immanuel. **Idéia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de ironia – constantemente referido a Sócrates**. Petrópolis: Vozes, 1991.

KONDER, Leandro. **O Futuro da Filosofia da Práxis – O pensamento de Marx no século XXI**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 2ª ed.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, 2ª ed.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural – Os Pensadores, 1974.

_____ & ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2003.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

- NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre a educação**. Rio de Janeiro: PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2003.
- NOGUEIRA, M. A. & NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 2ª ed.
- OFFE, Claus. **Trabalho & Sociedade: Problemas Estruturais e Perspectivas para o futuro da “Sociedade do Trabalho” – volume I: a crise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- ORGANISTA, José Henrique Carvalho. **O debate sobre a centralidade do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2006.
- PARDAL, Maria Vitória. **O cuidado às crianças pequenas no Brasil escravagista**. In: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos (org.). **Educação da Infância: história e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PLATÃO. **Diálogos: Eutífron ou da religiosidade; Apologia de Sócrates; Críton ou do dever; Fédon ou da alma**. São Paulo: Nova Abril Cultural – Os Pensadores, 1996.
- PISTRAK, M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2005, 4ª ed.
- RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- RIZZINI, I & RIZZINI, I. **A Institucionalização de Crianças no Brasil – Percorso histórico e desafio presente**. Rio de Janeiro, PUC Rio, 2004.
- ROTTERDAM, Erasmo. **De Pueris (dos meninos); a civilidade pueril**. São Paulo: Escala, 2006.
- SCHOPENHAUER, Arthur. **Da morte – Metafísica do amor – Do sofrimento do mundo**. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- TRINDADE, José Damião de Lima. **História Social dos Direitos Humanos**. São Paulo: Petrópolis, 2002.
- WOODCOOK, George. **Os Grandes Escritos Anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 1977, 2ª ed.

7 - Anexo::

CURSO DE PREPARAÇÃO MUNDO DO TRABALHO

AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO DAS ATIVIDADES

Nome: ----- **Grupo:** -----

Fatores	Coluna 1 Insuficiente	Coluna 2 – Bom	Coluna 3 - Regular
Assiduidade	Não comparece ao local das atividades	Comparece e permanece ao local das atividades	Quase sempre comparece e permanece ao local das atividades
Pontualidade	Não é pontual	É pontual	Quase sempre é pontual
Apresentação (Vestimentas, acessórios e higiene pessoal)	Não se apresenta adequadamente ao local das atividades	Apresenta-se adequadamente ao local das atividades	Às vezes descuida-se da apresentação pessoal
Cooperação e Iniciativa	Não tem cooperação e iniciativa	Tem iniciativa e coopera ativa e espontaneamente nas atividades	Coopera nas atividades quando solicitado
Compreensão das atividades	Não compreende as instruções que lhe são dadas	Compreende as instruções que lhe são dadas e realiza as tarefas corretamente	Quase sempre compreende e realiza as instruções que lhe são dadas
Interesse	Não demonstra interesse	Demonstra interesse na realização das atividades e por vezes , busca adquirir novos conhecimentos	Demonstra pouco interesse na realização das atividades
Postura	Não utiliza linguagem e atitude corporal adequada	Utiliza linguagem e atitude corporal adequada às diferentes situações	Quase sempre utiliza linguagem e atitude corporal adequada às diferentes situações
Relacionamento	Não é habilidoso no convívio com os educadores e colegas	É habilidade no convívio com os educadores e colegas	Quase sempre é habilidoso no convívio com os educadores e colegas

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)